

FÁTIMA CRISTINA DUARTE FERREIRA

**REPRESENTAÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE, DOS
PROFESSORES TERENA QUE ATUAM DE 1ª A 4ª SÉRIE,
NA ALDEIA BANANAL, DISTRITO DE TAUNAY,
MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA, EM MATO GROSSO DO
SUL.**



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
Campo Grande - MS
Setembro - 2008

FÁTIMA CRISTINA DUARTE FERREIRA

**REPRESENTAÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE, DOS
PROFESSORES TERENA QUE ATUAM DE 1ª A 4ª SÉRIE,
NA ALDEIA BANANAL, DISTRITO DE TAUNAY,
MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA, EM MATO GROSSO DO
SUL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação –
Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco,
como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em
Educação.

Área de Concentração: Linha 3 - Diversidade Cultural e
Educação Indígena.

Orientação: Prof^ª Dr^a Marina Vinha.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
Campo Grande-MS –
Setembro - 2008

**REPRESENTAÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE, DOS
PROFESSORES TERENA QUE ATUAM DE 1ª A 4ª SÉRIE,
NA ALDEIA BANANAL, DISTRITO DE TAUNAY,
MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA, EM MATO GROSSO DO
SUL.**

FÁTIMA CRISTINA DUARTE FERREIRA

Área de Concentração: Linha 3 - Diversidade Cultural e
Educação Indígena.

BANCA EXAMINDORA

Prof. Dr. Antonio Jacó Brand
Universidade Católica Dom Bosco

Prof. Dr. Álvaro Banducci Júnior
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Orientadora - Profª Drª Marina Vinha
Universidade Católica Dom Bosco (Orientadora)

Campo Grande - Setembro - 2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
UCDB

Eu Sou Terena - Sou filho da lua, Sou filho do sol.

[Rangel Castilho](#) · Anastácio (MS)

eu sou terena
sou filho da lua
sou filho do sol
meu lar - meu lugar é a terra
bem longe da guerra
no ciclo das águas do meu pantanal

quando nasce um terena
de vermelho se pinta a tarde
um grande silencio invade
a noite que chega e fica pequena

quando nasce um terena
as feras lhe emprestam coragem
velhos rios lhe dão passagem
araras azuis lhe doam as penas
quando nasce um terena
o céu se abre em cantos
e Deus lhe cobre com um manto
de estrelas a pele morena

Autoria: Rangel Castilho – músico, poeta e pantaneiro, neto de índio com espanhol.

<http://www.overmundo.com.br/banco/eu-sou-terena-sou-filho-da-lua-sou-filho-do-sol>

DEDICATÓRIA

Ao povo Terena, em especial aos professores da Aldeia Bananal, localizada no distrito de Taunay, município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul.

A minha família, pela compreensão nos momentos de ausência e pelo apoio e incentivo nas horas difíceis.

À memória da minha querida mãe Leopoldina Duarte Ferreira.

AGRADECIMENTOS

Á Deus, por tudo na minha vida.

A Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, pela oportunidade de realização de um sonho.

A todos os professores e funcionários do Programa de Mestrado em Educação, em especial ao 1º orientador, Prof. Dr. Antônio Jacó Brand.

A minha orientadora prof. Dra. Marina Vinha, que respeitou as minhas dificuldades e incentivou com muita garra, todos os momentos em que estivemos juntas.

A professora Dra. Adir Casaro Nascimento, prof. Dra. Mariluce Bittar e prof. Dra. Margarita pela contribuição e firmeza de decisões.

A minha família, em especial, o meu pai Adelino Ferreira, grande incentivador.

A Guynemer, Paulo André e Maiara, meu porto seguro e razões da minha vida.

A meu irmão Geraldo, pela contribuição.

A minha saudosa mãe, responsável pelo interesse na etnia Terena.

A todos os meus amigos, amigas pelo incentivo e contribuição direta ou indireta nas discussões referentes ao estudo.

Ao cacique da Aldeia Bananal, Senhor Arsênio, vice-cacique, Senhor Estevinho, diretor da escola, Sr. Enedino da Silva, liderança expressiva da aldeia e idosos que participaram da entrevista.

Aos professores da Aldeia Bananal, localizada no distrito de Taunay, município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul, em especial aos 07 indígenas professores da Escola Municipal Indígena “General Rondon”.

A Prefeitura Municipal de Aquidauana, pela liberação nos dias de aula.

A todos (as), muito obrigado!

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa Do Brasil, Mato Grosso do Sul, Aquidauana, Aldeia Bananal e Escola Municipal Indígena.....	41
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto: Entrada Oficial Aldeia Bananal.....	42
Figura 2 – Foto: Bananeiras na Aldeia Bananal.....	43
Figura 3 – Foto: Córrego Bananal localizado na entrada da Aldeia Bananal.....	44
Figura 4 – Foto: Sala de informática.....	45
Figura 5 – Foto: Entrada da escola.....	45
Figura 6 – Foto: Pátio da escola.....	45
Figura 7 – Foto: Rua principal da Aldeia Bananal.....	45
Figura 8 – Foto: Marcolino Lili.....	48
Figura 9 – Foto: Amipé: Pajé Espiritualista Terena.....	51
Figura 10 – Foto: Índias Terena Dançando 1.....	54
Figura 11 - Foto: Índias Terena Dançando 2.....	54
Figura 12 – Foto: Lagoa Bananal em tempos de seca.....	59
Figura 13 – Foto: Bem-te-vi.....	66
Figura 14 – Foto: Tico-tico.....	68
Figura 15 – Foto: Porco espinho na mata.....	68
Figura 16 – Foto: Preá comum no cerrado.....	69
Figura 17 – Foto: Lobinho.....	73
Figura 18 – Foto: Sapo Vermelho.....	73
Figura 19 – Foto: Sapo Terena.....	74
Figura 20 – Foto: Família confeccionando cerâmica.....	76
Figura 21 – Foto: Vaso e travessa.....	76
Figura 22 – Foto: Travessa Terena adornada com pequenas flores.....	77
Figura 23 – Foto: Cerâmica Terena.....	77
Figura 24 – Foto: Índia Terena	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Professores Terena e sua formação.....	53
Tabela 2 – Percepções para a melhoria do meio ambiente.....	54
Tabela 3 – Sistematização dos cinco elementos mitológicos.....	79

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 – Entrevista Senhor Enedino.....	95
ANEXO 02 - Entrevista dos Professores.....	97
ANEXO 03 - Entrevista Senhora Zenira Pedro Basílio.....	102
ANEXO 04 - Entrevista Senhora Álfia e Senhor Florêncio.....	103
ANEXO 05 - Entrevista Senhora Janete Lili.....	104
ANEXO 06 – Entrevista Cacique Zacarias Martins.....	106
ANEXO 07 – Entrevista dos professores - 2ª parte.....	107

LISTA DE SIGLAS

9º BE COM	- Batalhão Carlos Camisão – Engenharia e Combate de Aquidauana
FUNAI	- Fundação Nacional do Índio
FUNASA	- Fundação Nacional da Saúde
IBAMA	- Instituto Brasileiro do Meio ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IESA	- Instituto Educacional Superior Aquidauanense
NEPPI	- Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas
NOB	- Noroeste do Brasil
ONU	- Organizações das Nações unidas
PPP	- Projeto Político Pedagógico
RCNEI	- Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas
SPI	- Serviço de Proteção aos Índios
SPILTN	- Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais
SSMA	- Secretaria de Saúde do Município de Aquidauana
TIS	- Terras Indígenas
UCDB	- Universidade Católica Dom Bosco
UFMS	- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNIDERP	- Universidade para o Desenvolvimento da Região do Pantanal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I -PERCURSO TERENA: TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E AMBIENTES.....	23
1.1. Educação Ambiental e Meio Ambiente.....	23
1.2. Território e Territorialidade no Chaco.....	26
1.3. Território e Territorialidade em Terras Brasileiras.....	33
1.4. Território e Territorialidade na Aldeia Bananal.....	37
CAPÍTULO II - O TERENA E SEUS AMBIENTES.....	40
2.1. Aldeia Bananal e sua História.....	40
2.2. Relações com o Ambiente.....	49
2.3. Educação Terena e o Contexto Ambiental.....	52
2.4. Meio Ambiente na Educação Escolar.....	60
CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES INDÍGENAS TERENA.....	63
3.1. Mitologia Terena e Alguns Vínculos Com o Ambiente.....	63
3.1.1. Bem-te-vi – <i>Vítuka</i>	66
3.1.2. Fogo – <i>Iukú</i>	67
3.1.3. Animais da Fauna Pantaneira: Lobinho - <i>Okué</i> e Sapo Vermelho – <i>Kalaláke</i>	72
3.1.4. Sementes – <i>Aké</i>	75
3.1.5. Sol - <i>Káxe</i> e Lua – <i>Kohé</i>	78
3.2. Representações dos Professores Terena.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXOS.....	94

FERREIRA, D. Fátima Cristina. Representações sobre meio ambiente, dos professores Terena que atuam de 1ª a 4ª série, na Aldeia Bananal, distrito de Taunay, município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2008, 103 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

Esta dissertação teve por objeto de estudo levantar a representação de meio ambiente dos professores indígenas, da 1ª a 4ª série da Escola Municipal Indígena “Marechal Rondon”, na Aldeia Bananal, Distrito de Taunay, Aquidauana/ MS. O objetivo geral deste estudo foi o de identificar as representações sociais dos professores Terena em seus saberes étnicos sobre a temática meio ambiente e os vínculos com sua cosmologia. A importância de se estudar esse tema deve-se, no plano social, ao fato de que, quando um povo indígena recupera seus valores, os significados do ambiente em que vive, fortalece sua identidade e se reconhece na sua diferença. Sob o aspecto da relevância educacional, este estudo poderá contribuir no trabalho dos professores e de suas ações pedagógicas. Fundamentado nos teóricos e na seleção de um relato mitológico Terena foram destacados cinco elementos ambientais: bem-te-vi, fogo, animais da fauna pantaneira, sementes e o astro sol e satélite lua, que contribuíram para a elaboração de analogias assim como estabelecendo um diálogo com os dados empíricos. A metodologia da pesquisa foi de predominância qualitativa com dados de fontes bibliográficas e de fontes orais, obtidas em pesquisa de campo. Os teóricos que contribuíram para o estudo foram: Altenfelder (1949), Barth (1997), Reigota (1998), Azanha (1999), Diegues (2001), Junqueira (2002), Sato (2002), Brand (2003) e Silva (2005). Os indígenas que contribuíram com relatos históricos e posicionamentos diante do tema foram identificados através de um código, contudo alguns assinaram o termo de consentimento para que esses dados se transformem em dados históricos. Nas considerações finais são indicados os desafios de se falar sobre meio ambiente e questões ambientais, principalmente em culturas indígenas, especificamente sobre as representações dos professores, sendo que os mesmos possuem percepções diferenciadas quanto à preservação de meio ambiente. De forma geral os professores Terena entendem que para estar em sintonia com os acontecimentos mundiais e simultaneamente atuarem no nível da comunidade a que pertence, é necessário o aprimoramento das relações do ambiente social com o físico, o que deve ser buscado dentro da própria cultura Terena, recuperando as representações sociais ancestrais, dialogando com o contexto atual.

Palavras Chaves: Meio ambiente, educação ambiental, mitologia Terena.

FERREIRA, D. Fátima Cristina. Representation about Environment, of Terena teachers that function to 1 st to 4 th series, in the Bananal Village, district of Taunay, municipal district of Aquidauana in Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2008, 103 p. Paper (Master's) Dissertation (Mestrado) Dom Bosco Catholic University - UCDB.

ABSTRACT

This dissertation had for the study object to raise the representation of Environment that indigenous teachers of 1 st to 4 th series of the Municipal Indigenous School “Marechal Rondon” in Bananal Village, district of Taunay, of Aquidauana in Mato Grosso do Sul. The general objective of this study was to identify the social representations of Terena teachers in their ethnic know, on the environment and link with its cosmology. The importance of to study this subject is in the social plan. To the fact that, when an indigenous people recuperate its values, the meanings of the environment where it lives, fortify its identity and recognize in its ethnic difference. On the aspect of the educational relevance, this study will be able to contribute in the work of the teachers and its pedagogical action. Based in teoric and in selection of a mythology Terena explain were detach five environment elements: bird (bem-te-vi), fire, animais of pantaneira fauna, seed and sun star, moon satellite, that contributed to elaborate of analogies as well as fixing a dialogue with date empiric source. The methodology of the research is qualitative predominance, with date bibliographical sources and oral sources, obtained in search in field. The theoreticians who had contributed for study were: Altenfelder (1949), Barth (1997), Reigota (1998), Azanha (1999), Diegues (2001), Junqueira (2002), Sato (2002), Brand (2003) e Silva (2005). The indigenous that contributed with historic explain and position in front of theme were identify through of the code, however somebody subscribed a term to that this date transformed in historic dates. In the final considerations are given the challenges to speak about the environment and ambient questions, mainly because work with indigenous cultures, specifically on the teachers representations, and the same have different perceptions about the preservation of the environment. In general form, the Indigenous teachers understand that to be in syntonize with the worldwide event and simultaneously function in level of community that to be part is necessary the refine that connection the social environment with the physical, that must be searched in own Terena culture, recuperating the ancestrais socials representations, dialoguing with the actual context.

Key words: Environment, environmental education, Terena mythology.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao Programa de Mestrado em Educação, Linha 3 “Diversidade Cultural e Educação Indígena”, realizada na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Mato Grosso do Sul.

O título “Representações sobre meio ambiente, dos professores Terena que atuam de 1ª a 4ª séries, na Aldeia Bananal, distrito de Taunay, município de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul” foi com referência aos estudos que entendem a representação de meio ambiente para os indígenas, com conceitos distintos de natureza, pois engloba o mundo dos animais, das plantas e dos elementos extrafísicos.

A Aldeia Bananal, local de realização deste estudo, conta atualmente, de acordo com a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), de Mato Grosso do Sul, em 2006, com 1.413 pessoas. Sua constituição está registrada desde o final do século XIX, aproximadamente em 1894. Está localizada no Estado de Mato Grosso do Sul, no município de Aquidauana, Distrito de Taunay, distante 55 km da cidade de Aquidauana e a 11 km do distrito de Taunay. Esta aldeia está cercada pelo cerrado, cuja característica é uma vegetação com predominância de árvores baixas, inclinadas, tortuosas e arbustos espalhados sobre um estrato gramíneo (SANO, 1998).

Segundo Azanha (1999), a dinâmica das águas da região pantaneira define boa parte dos ecossistemas¹ locais quanto à cobertura vegetal, seja de floresta, de cerrados ou campos, ainda com destaque para áreas mais adaptadas a este regime de secas e cheias periódicas. O mesmo autor afirma que as áreas de ocupação histórica dos indígenas Terena abrangem as terras não alagáveis das bacias dos rios Miranda/Aquidauana, se estendendo para as áreas alagáveis destas mesmas bacias. Nesse contexto passado, desenvolviam atividades pastoris com seus rebanhos de gado e, hoje, realizam atividades de caça, coleta e pesca nos

¹ Entendido como conjunto dos fatores bióticos (seres vivos) e seres abióticos (seres inanimados) em determinado meio e estes trocam entre si matéria e energia, segundo Dicionário Online (2006).

cursos d'água da região. Neste universo ambiental, que envolve sociedades humanas e natureza, é que a presente dissertação se desenvolve.

A motivação pessoal para o estudo com indígenas Terena começou quando criança, com a idade de 10 anos, sob orientação da minha falecida mãe. Ela sempre contava que, todo mês, em um domingo estabelecido, há 60 anos, acompanhava um grupo composto por freiras e um padre, que iam até a aldeia do Limão Verde, de jipe, em uma estrada mal conservada, para celebrar a missa. Almoçavam na aldeia e retornavam à cidade. Ela contava essa história com tanta alegria, com tantos detalhes, que a todos contagiava.

O tempo passou, continuei meus estudos e quando terminei a faculdade de Pedagogia, em 1981, fui convidada a ser diretora da Escola, localizada na aldeia Limão Verde, terras Terena. Aceitei, quis conhecer e colaborar com a aldeia de que tanto ouvira falar. A partir desse período, comecei a trabalhar com projetos educacionais relacionados ao meio ambiente, também em outras aldeias, tais como: Córrego Seco, Ipegue e Bananal localizadas no entorno do referido município. O trabalho consistia em desenvolver projetos, em parceria com as aldeias, todos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação, do município de Aquidauana. Anos após, em 2000, motivada para cursar o mestrado, o tema meio ambiente e indígena foi inter-relacionado, resultando na presente pesquisa.

Esse processo, no sentido de inquietudes, teve início com uma pesquisa exploratória, realizada em 2005, durante a promoção do projeto “Saúde e Meio Ambiente”, formulado em parceria com a Secretaria de Saúde do Município de Aquidauana (SSMA), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade para o Desenvolvimento da Região do Pantanal (UNIDERP), Fundação Nacional da Saúde (FUNASA) e Batalhão Carlos Camisão – Engenharia e Combate de Aquidauana (9º BE COM). Na realização daquele projeto fui conversando e confirmando a aceitação de pesquisas posteriores.

Na ocasião, foram levadas até a Aldeia Bananal, através de um projeto envolvendo médicos, enfermeiros e alunos do curso de medicina da UNIDERP, apresentações de teatro com a temática saúde. Alunos do curso de biologia da UFMS, participaram com apresentações de teatro com temática do meio ambiente, preservação, lixo na aldeia e dengue. As crianças, pais e comunidade em geral participaram ativamente e durante o evento detectaram que: a) não havia local apropriado na aldeia para depósito do lixo; b) a dengue se alastrava em Aquidauana e todos temiam que chegasse até a aldeia e assim contraíssem a doença.

Naquele contexto complexo, foi levantada a hipótese de que indígenas professores Terena, que atuam na escola da Aldeia Bananal, não tratam a temática ambiental sob valores

tradicionais. Essa hipótese motivou a realização deste estudo “Representações sobre meio ambiente, de professores Terena que atuam de 1ª a 4ª série, na Aldeia Bananal” o qual tem por objeto de estudo a representação de meio ambiente e os vínculos com a cosmologia Terena. A pergunta problematizadora para elucidar o objeto de estudo, tendo como referência esse amplo contexto, está assim elaborada: a representação de meio ambiente dos professores indígenas da Escola Municipal Indígena “General Rondon” da Aldeia Bananal tem vínculos com a cosmologia Terena?

O objetivo geral deste estudo é o de identificar e sistematizar as representações sociais que os professores Terena que atuam de 1ª a 4ª séries, na Aldeia Bananal, trazem de seu saber étnico sobre a temática meio ambiente. Os objetivos específicos são: a) levantar a cosmologia Terena, com ênfase na questão ambiental; b) detalhar a área da Aldeia Bananal no sentido de destacar alguns itens que compõem seu meio ambiente e que lhe dão identidade; c) averiguar os discursos dos professores Terena sobre a problemática meio ambiente; d) averiguar o lugar do tema meio ambiente no Plano Político Pedagógico da referida escola.

A relevância desse estudo está no fato de que, quando um povo indígena recupera seus valores, revê os significados dados ao ambiente em que vive. Entre outros fatores, ele fortalece sua identidade e se reconhece na sua diferença étnica. Devido ao processo de globalização e como consequência da economia, o processo de homogeneização cultural, que tem marcado o mundo contemporâneo, tem havido mudanças de valores, exigindo reorganizações sociais de toda ordem.

Outra relevância está no plano específico do povo Terena, ou seja, o estudo poderá contribuir para que os Terena da Aldeia Bananal, ao registrarem o modo de ser tradicional relacionado ao ambiente, revigorem seus significados e valores nas novas gerações. Esse novo vigor pode vir na forma de um saber intermediado pelos índios professores do mesmo grupo étnico. Esta contribuição vem ao encontro de um processo que se mostra aparentemente irreversível para o povo Terena, que é a interculturalidade. A interação entre culturas diferentes da compreensão do termo ‘integrar’, em vigor conforme a constituição de 1988 contribui para que as tensões entre as diferenças estejam presentes nessa relação, requerendo estudos que as explicitem.

As relações dos Terena, cada dia mais estreitas com a vida urbana do município de Aquidauana e de outros circunvizinhos, têm levado a população da Aldeia Bananal a repensar seus posicionamentos quanto à sua cultura e influência do ‘branco’² em seu meio.

² Termo pejorativo significando o não índio.

São alguns desses posicionamentos, vindos de índios, na condição de professores, que este estudo aborda no decorrer dos capítulos.

Ao tratar do meio ambiente entre professores Terena, vemos que representação, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (1988), é um termo com vários significados, dentre os quais destacamos: ato ou efeito de representar; desenho que representa um objeto, uma pessoa, um fato; cópia mais ou menos aproximada do que se tem na mente ou do que se vê.

Diferentemente nas relações sociais, de acordo com Hall (2003), a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior. Na perspectiva deste autor, a representação se liga à identidade e à diferença, dois elementos estreitamente dependentes da representação. É na representação, portanto, que adquirem sentido, passam a existir e se ligam aos sistemas de poder. Silva (2005), explica que identidade e diferença estão em uma relação de dependência e estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. Nesses sistemas, a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído, ligado ao sistema de representação.

Neste contexto, representação está voltada para a cosmovisão do grupo, constitutiva da identidade Terena, com ênfase sobre seu ambiente. Por meio ambiente, Marcondes (1991, p.7) explica que todos os seres vivos têm um modo próprio de viver, dependente dos seus organismos, dos tipos de ambientes onde vivem, portanto do conjunto de condições que cercam esses seres vivos. Nesses ambientes há a influência de vários fatores, como: luz, água, temperatura, entre outros. Ambiente nesse sentido é entendido como relações estabelecidas entre os seres vivos, animais, vegetais e humanos.

Reigota (1998, p.52) contribuiu para confirmar essa compreensão de meio ambiente como “um lugar determinado e/ou percebido onde estão relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais”. Portanto, essas relações acarretam processos de criação cultural, tecnológica, processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade. Para o autor, meio ambiente envolve pessoas, natureza, tecnologia, política e sociedade que interagindo, motivando mudanças a qualquer um dos componentes deste conjunto, ou a todos. Dias (2004, p.7) acrescentou que além da flora e fauna, água, solo e ar, as atividades dos seres humanos “produzem tantas influências, que sua cultura faz parte da definição de meio ambiente”.

Outras referências teóricas para a fundamentação do estudo dos Terena foram pesquisadas em: Cândido Mariano da Silva Rondon (1905), pelo seu contato entre os Terena no período em que esteve presente na construção das “Linhas Telegráficas e Estratégicas de

Mato Grosso ao Amazonas” e posteriormente, na construção das linhas férreas na região do atual Mato Grosso do Sul; Fernando Altenfelder (1949), antropólogo, que esteve entre os Terena nos anos de 1946 e 1947, realizou um levantamento sobre o modo de vida da etnia, desde sua origem até o período vivenciado pelo autor e outros pesquisadores da questão indígena Terena.

Os teóricos que contribuíram para estudos das questões ambientais foram: Marcos Reigota (1998), por ser militante ecologista em questões ambientais; Antonio Carlos Diegues (2001), por tratar de saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil; Michele Sato (2002), estudiosa do assunto em questões ambientais. Barth (1997), com as questões sobre cultura, grupos étnicos e os teóricos que tratam de conceitos sobre diferença, identidade, representações sociais, a exemplo de Carmen Junqueira (2002), Tomás Tadeu Silva (2005) e Antonio Brand (2003), historiador.

A pesquisa exploratória realizada em 2005, explicitada na página 16, apontou alguns elementos cujas respostas poderiam ser buscadas na mitologia e na identidade Terena. Valendo-se de uma metodologia da pesquisa qualitativa, com dados obtidos em fontes bibliográficas e em fontes orais, realizadas na Aldeia Bananal, onde as respostas sobre elementos mitológicos e identitários foram registrados e comparados. Os procedimentos seguiram os seguintes passos: a) levantamento bibliográfico do povo Terena, em literatura definida entre os períodos históricos de 1949 a 2004, voltada para a mitologia e modo de vida, com ênfase no ambiente; b) levantamento documental em micro arquivos disponibilizado no Centro de Memória do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI); c) pesquisa de campo, aplicando entrevistas semi - estruturadas nos seguintes sujeitos: lideranças, idosos e professores.

Os procedimentos para obtenção da assinatura do “termo de consentimento livre e esclarecido”, conforme Resolução 196/96, dos sujeitos foram: em dezembro de 2006 foi oficializada a visita à Escola Municipal Indígena “General Rondon”, na Aldeia Bananal, ao diretor da escola Senhor Estevinho Floriano Tiago. No mesmo período e na ausência do cacique, foi contatado o Senhor Arsênio Silva, vice-cacique da aldeia. Ambos assinaram o “termo de consentimento livre e esclarecido”, autorizando a realização da pesquisa e as visitas à escola e à comunidade. Os professores envolvidos foram comunicados pelo diretor da escola e aceitaram participar.

Os sujeitos pesquisados foram: 07 indígenas Terena, de ambos os sexos, que atuam como professores na escola da Aldeia Bananal, de 1ª à 4ª séries. A escolha desses sujeitos foi fundamentada no fato de atuarem na escola, no sentido de serem mediadores,

influenciando na formação da criança e do jovem Terena; 01 representante da comunidade visando obter dados sobre encaminhamentos políticos intra e extra aldeia e 03 idosos, para averiguar a transmissão entre gerações sobre o meio ambiente.

A *primeira etapa* das entrevistas foi elaborada com as seguintes questões norteadoras para verificar como os professores indígenas percebem a questão ambiental:

- a) Existia preocupação por parte dos pais de vocês, dos caciques mais antigos, dos pajés sobre a educação ambiental, existia alguma orientação pela preservação do meio ambiente?
- b) Quais as alterações ambientais que você percebeu em sua região?
- c) quais as conseqüências dessas alterações ambientais para a vida dos índios da aldeia?
- d) O que poderia ser feito para melhorar o meio ambiente?
- e) Existe algum projeto específico sobre a educação ambiental a ser desenvolvido ou em desenvolvimento na escola?

A *segunda etapa*, realizada após qualificação em janeiro de 2008, por orientação da banca visou aprofundar algumas questões. Nessa etapa de pesquisa de campo, foi aplicado questionário aos 07 professores, sendo que os mesmos foram entrevistados individualmente devido ao período de férias da escola. Foram definidos os seguintes eixos-temáticos, e os mesmos estão analisados no capítulo 3.

- a) Como se dava e como se dá a relação dos Terena com a natureza?
- b) O que mudou nessa relação e por que mudou?
- c) Esse problema dos recursos naturais é abordado na escola? Como é tratado?
- d) O que tinha nas terras da Aldeia Bananal que hoje não tem mais?
- e) Existe uma intermediação entre o pajé com o ambiente?
- f) Existem elementos relacionados às práticas e ensinamentos dos pajés na educação ambiental da Aldeia Bananal?

No mês de janeiro (2007) foi feito um novo contato na aldeia, para obter o consentimento do “chefe do posto”, representante da Fundação Nacional dos Índios (FUNAI). Como naquele período o referido chefe não se encontrava na aldeia, mas a pesquisa estava autorizada pelo cacique, foram feitas entrevistas com moradores idosos e professores ali residentes.

No mês de março (2007) foi feita a primeira entrevista com o Senhor Enedino da Silva, por questão de hierarquia na aldeia, mesmo tendo sido autorizada entrevistas aos professores. Foi essa liderança quem indicou nomes de pessoas idosas para posteriores entrevistas.

Em abril (2007), foram realizadas as entrevistas com as pessoas indicadas anteriormente pelo Senhor Enedino. Essas são: Senhora Zenira Pedro Basílio (45 anos), Senhora Álfia Fialho Cândido (53 anos) e Senhor Florêncio José da Silva (50 anos).

No mês de maio (2007), foram entrevistados os professores da Escola Municipal Indígena “General Rondon”. Os professores se colocaram em círculo e foi disponibilizado um gravador. Cada um se apresentou e expôs seu pensamento, segundo as temáticas apresentadas, não havendo um diálogo entre eles.

Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada e para caracterizar os informantes, foi elaborado um breve histórico de cada um, a saber:

- 1) Liderança 1 (SILVA, 2007), nascido e morador da Aldeia do Bananal, foi cacique durante oito anos seguidos. Há alguns anos foi eleito por sua comunidade para vereador do município de Aquidauana e até a data de 2007 influencia nas decisões tomadas pela comunidade. É o intermediário entre a prefeitura do município e a Aldeia Bananal.
- 2) Professor 1 (PAES, 2007), professora indígena nascida e moradora da Aldeia Ipegue, localizada a 12 km da Aldeia Bananal. Foi diretora da escola do Ipegue. Possui magistério e pedagogia, obtida na UFMS de Aquidauana. Leciona na segunda série, no período vespertino. Falante da língua Terena.
- 3) Professor 2 (GONÇALVES, 2007), professor indígena, com formação em pedagogia, obtida na UFMS de Aquidauana, nascido e morador da Aldeia Bananal, trabalha com a segunda série, no período vespertino. Falante da língua Terena.
- 4) Professor 3 (FIALHO, 2007), professora indígena, com pedagogia e especialização, obtida na UFMS de Aquidauana, nascida e moradora da Aldeia Bananal. Foi diretora da Escola Municipal Indígena “General Rondon”, leciona na primeira série no período matutino e na terceira série no período vespertino. Falante da língua Terena.
- 5) Professor 4 (SILVA, 2007), professora indígena, formada em administração, obtida no Instituto Educacional Superior Aquidauanense, nascida e moradora da Aldeia Ipegue, leciona na pré-escola, no período vespertino. Falante da língua Terena.
- 6) Professor 5 (MASSE, 2007), professora indígena, com magistério, nascida e moradora na Aldeia Bananal, leciona na pré-escola, no período matutino e vespertino. Falante da língua Terena.
- 7) Professor 6 (GERÔNIMO, 2007), professor indígena, formado em pedagogia, obtida na UFMS de Aquidauana, nascido e morador da Aldeia Bananal, leciona na primeira série no período vespertino da referida aldeia e na Aldeia do Ipegue, de primeira à quarta série, multiseriado. Falante da língua Terena.
- 8) Professor 7 (SILVA, 2007), professora indígena, formada em pedagogia, obtida na UFMS de Aquidauana, nascida e moradora da Aldeia Bananal, leciona na quarta série no período matutino. Falante da língua Terena.
- 9) Idoso 1 (BASÍLIO, 2007), nascida e moradora da Aldeia Bananal, falante da língua Terena.
- 10) Idoso 2 (CÂNDIDO, 2007), nascida e moradora da Aldeia Bananal, falante da língua Terena.

11) Idoso 3 (SILVA, 2007), nascido e morador da Aldeia Bananal, falante da língua Terena.

Embora os sujeitos estejam aqui caracterizados, no decorrer da pesquisa estão assim denominados: professores P 1, P 2, P 3 e assim por diante; liderança L 1, Idoso I 1, I 2 e I 3. Os dados dos idosos serviram apenas para reforçar o repasse das informações dos mais velhos aos mais novos na aldeia.

Os relatos foram digitados, sendo transcritos conforme as falas, no original, e estão no anexo deste trabalho. No entanto, nos recortes para atender as especificidades do estudo, foram excluídos os vícios de linguagem, as concordâncias foram adequadas e o texto transcrito foi pontuado segundo percepções da pesquisadora.

A presente dissertação está assim organizada: o Capítulo I trata do percurso Terena: território, territorialidade e ambientes, a educação ambiental e meio ambiente, o território como espaço geográfico, as tensões existentes e a territorialidade no Chaco, firmada no processo de construção dos significados dos povos indígenas, a trajetória Terena e a chegada ao novo território, a caracterização do termo ambiente e contextualização do ambiente entre o povo Terena, e as questões de território e territorialidade na Aldeia Bananal; no Capítulo II estão: Os Terena e seus ambientes, a Aldeia Bananal e sua história, sua localização, a história da organização política, os indígenas professores Terena e o contexto ambiental, as tabelas com a formação dos professores, as percepções para melhoria do meio ambiente e o meio ambiente na educação escolar. O Capítulo III trata das representações sociais dos professores indígenas Terena, sua saúde e relações com o ambiente, a mitologia Terena e alguns vínculos com o meio ambiente, os componentes ambientais e os elementos da mitologia Terena, a sistematização dos elementos mitológicos e a segunda etapa da pesquisa na Aldeia Bananal, com as representações dos professores indígenas Terena.

Nas Considerações Finais são indicados os desafios de se falar sobre meio ambiente e outras questões ambientais em culturas indígenas, mais especificamente sobre as representações dos professores Terena que atuam na Escola Municipal Indígena “General Rondon”.

CAPÍTULO I

PERCURSO TERENA: TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E AMBIENTES

1.1 Educação Ambiental e Meio Ambiente

O Brasil é um dos maiores países do mundo em extensão, sua biodiversidade é admirada e cobiçada por outros países, pois a fauna brasileira é riquíssima, possuindo cerca de 10% das espécies de répteis e mamíferos do mundo; 17% das aves, a maior diversidade de primatas do planeta e uma das maiores de anfíbios. São mais de 600 espécies de mamíferos, 1.580 de aves, quase 400 de répteis, sendo 40 quelônios, 120 de lagartos, 230 serpentes e 05 jacarés. Quanto aos anfíbios, mais de 330 espécies ocorrem no país. Também ocorrem no Brasil mais de 100.000 espécies de invertebrados, das quais 70.000 são insetos (WALLAUER, 2000).

Quanto às populações indígenas, hoje existem no Brasil 227 povos, falantes de mais de 180 línguas diferentes, distribuídas no interior de 593 Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional. De acordo com o Instituto Sócioambiental (ISA, 2008) a população indígena no Brasil atual está estimada em 600 mil indivíduos, sendo que deste total cerca de 480.000 mil vivem em suas Terras Indígenas (em menor número, em áreas urbanas próximas), enquanto outros 120.000 mil encontram-se residindo em diversas capitais do país. De acordo com o Censo Populacional de 2000, parte da população brasileira que se auto-declarou como indígena alcançou a marca de 734 mil pessoas, marca superior a do ISA. Temos ainda outros povos, como italianos, portugueses, japoneses, gregos, espanhóis, entre outros.

Esse contexto reforça a idéia de alguns estudos recentes, realizados por Balée (1992) e Gómez-Pompa (1971), citados por Arruda (2001, p. 21) quando afirmam sobre a manutenção e o aumento da diversidade da flora e da fauna no país, sem que haja interferência da população indígena e da sua agricultura:

[...] a manutenção e mesmo o aumento da diversidade biológica nas florestas tropicais, estão relacionados intimamente com as práticas tradicionais da agricultura itinerante dos povos primitivos. A regeneração da floresta úmida parece ser, em parte, consequência das atividades do homem primitivo. O resultado do uso de pequenas áreas de terra para a agricultura e seu abandono no pousio (*shifting agriculture*) é semelhante ao produzido pela destruição ocasional das florestas por causas naturais.

Embora os autores ainda façam referência aos povos indígenas como ‘homem ou povos primitivos’, a ênfase é dada ao modo de vida que permitia deslocamentos, favorecendo a recuperação dos solos, da fauna e flora. Dessa forma, o estilo de vida itinerante pode ser considerado a primeira representação social transmitida pela educação tradicional indígena.

A seguir abordaremos os temas, conceitos e leis da educação ambiental e meio ambiente que tomaram proporções razoáveis na década de 80, do século XX e culminaram com um dos maiores eventos sobre esta questão, a Rio-92. Realizado na cidade do Rio de Janeiro, o evento ECO/RIO-92, resultou em um significativo documento, a Agenda 21. Este documento traz propostas de se firmar um plano de ação para a sustentabilidade humana no planeta. Passados 16 anos, através do Ministério do Meio ambiente a juventude brasileira vem construindo estudos através de conferências e movimentos ambientalistas, tais como os Coletivos Jovens de Meio Ambiente, sobre a temática Agenda 21. Foi também editada a segunda edição da revista *Agenda 21 e Juventude*, em maio de 2008, quando acabou a I Conferência Nacional de Juventude.

Historicamente, atribui-se ao biólogo alemão Ernst Haeckel, em 1866, a proposição de uma disciplina para estudar as espécies animais e seu meio ambiente e a criação em 1869, do termo ‘ecologia’. A partir de então, conceitos como meio ambiente, ecologia, dentre outros relacionados, foram elaborados. Por exemplo, o termo ‘meio ambiente’, embora não haja um detalhamento de quando foi elaborado, tem-se no conceito de Reigota (1998, p. 21) o seguinte sentido:

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão às relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade.

Já o conceito de ‘educação ambiental’, segundo o mesmo autor, consiste em: “educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça

social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza” (1998, p.10).

A Lei Federal 9.795/99 em seu Art. 1º define a educação ambiental como o “processo por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”.

A relação entre ‘meio ambiente’ e ‘educação ambiental’ ocorre no sentido de que a educação ambiental é um instrumento e como tal contribui para formar cidadãos críticos em relação à realidade. Por isso devem atingir todas as faixas etárias, principalmente as crianças.

Nesse sentido, em 1968 foi criado o Clube de Roma, reunindo vários especialistas de diferentes áreas, para a formação de uma sociedade para a educação ambiental. Conforme Reigota (1998, p. 14), os participantes já observavam que “o homem deve examinar a si próprio, seus objetivos e valores. O ponto essencial da questão não é somente a sobrevivência da espécie humana, porém, ainda mais, a sua possibilidade de sobreviver sem cair em um estado inútil de existência”.

Em Estocolmo, Suécia, em 1972, foi realizada a Primeira Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), sendo o tema principal a poluição causada pelas indústrias. Daquela Conferência foi elaborado o documento “Declaração da ONU sobre o Meio Ambiente Humano”. Reigota (1998) explica o que se convencionou chamar de educação ambiental, pois tratou de problemas relacionados com o ambiente e a prevenção de problemas futuros.

O reflexo dessas políticas internacionais, no Brasil, foi à publicação, em 1973, da Lei 6.001, tratando do ‘Estatuto do Índio’, que trata da situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas. Assim como foi criada a Secretaria Especial do Meio Ambiente, no Ministério do Meio Ambiente. Em 1989, o governo cria o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), órgão responsável em coordenar, formular e executar a política nacional do meio ambiente. É criado, também, naquele mesmo ano, o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), com a finalidade de financiar projetos ambientais.

Em 1999, foi sancionada a Lei 9.795, que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Naquele mesmo ano a responsabilidade da saúde indígena, antes sob responsabilidade da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

passou para a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), resultando em um órgão específico para tratar da saúde indígena.

No ano de 2000, com as comemorações dos 500 anos do ‘Descobrimento do Brasil’, houve manifestações em diversas partes com o objetivo de chamar a atenção da sociedade para a causa indígena. A maioria da população indígena brasileira hoje se mantém dentro de seus costumes e culturas, mesmo em áreas demarcadas em espaços considerados pequenos e em contínuos conflitos com políticas brasileiras. A natureza sempre fez parte do modo de vida desses povos, segundo Santos ao relatar que:

não é por acaso que no final do milênio boa parte da biodiversidade do planeta existe em territórios dos povos indígenas. Para eles, a natureza nunca foi um recurso natural, foi sempre parte da sua própria natureza, enquanto povos indígenas, e assim a preservaram preservando-se, sempre que conseguiram escapar à destruição ocidental (1999, p.34).

Nessa mesma direção, o documento Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elaborados em 2001 pelo MEC, trata do meio ambiente e da saúde, com sugestões aos professores para que possam trabalhar o tema ambiente na escola, em nível fundamental. Desenvolver valores, atitudes, posturas éticas e procedimentos, mais do que desenvolver conceitos sobre meio ambiente, são considerados mais significativos do que vários dos conceitos em que esse professor se fundamenta para tratar os assuntos ambientais dentro das áreas disciplinares, postula o documento.

Assim, nessa contextualização sobre o processo de organização dos termos ‘meio ambiente’ e ‘educação ambiental’ foram apontadas as mobilizações sociais e os estudos que cunharam os termos, haja vista que para os povos indígenas, ditos ‘povos primitivos’, essa conceituação não se fazia necessária, pois o jeito de viver com mobilidade favorecia a recuperação do solo, da fauna e flora e a manutenção dos valores de cada povo.

1.2 Território e Territorialidade no Chaco

Mudanças de ordem política, a maioria desfavoráveis, alteraram a relação ambiental com o estilo de vida móvel dos indígenas. Ao tratar de território e territorialidade neste estudo, busca-se delimitar o meio ambiente, atribuindo-lhe sentido, conforme a fixação ou o fim da mobilização dos povos indígenas.

De acordo com Santos (2001, p.9) território é definido não apenas como “conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas”, mas como “território usado” que é o “chão mais a identidade”. A identidade refere-se ao “sentimento de pertencer” e território é o “fundamento de trabalho, lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida, [...] onde a história do homem se realiza a partir das manifestações da sua existência”. Para o autor território é a expressão do espaço social, do espaço humano, enfim o espaço habitado.

Para Souza (2003) o território é entendido como um espaço utilizado por determinada sociedade:

[...] é entendido não apenas como limite político administrativo, senão também como espaço efetivamente usado pela sociedade e pelas empresas. O território tem, pois, um papel importante especialmente na formação social brasileira, havendo ainda muito pouca compreensão sobre essa dimensão nova dos estudos a seu respeito (p. 17).

De acordo com Andrade (1995) a formação de território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, estabelecendo um outro sentido, o da territorialidade. De forma subjetiva, a territorialidade cria uma consciência de confraternização entre as pessoas ou grupos que povoam determinado espaço físico. Nesse sentido, tem-se que se levar em conta às relações entre o espaço, às fronteiras e as representações sobre o território ocupado.

Para Raffestin (1993) a territorialidade reflete a dimensão territorial pelos membros de uma coletividade. Os homens vivem ao mesmo tempo um processo e um produto territorial, por meio de um sistema de relações produtivistas. Relações de poder interadas, entre os agentes, uma vez que buscam modificar as relações com a natureza e também as relações sociais.

A territorialidade, de acordo com Ricklefs (1996, p. 194), vem a ser a defesa de uma área da invasão de outros indivíduos. Assim como os animais, os quais mantêm o território que obtêm, defendendo-o vigorosamente, os humanos também se estabelecem e “uma área defendida contra a invasão de outros pode ser encarada como um território. Isto pode ser transitório ou mais ou menos permanente, dependendo da estabilidade dos recursos e de quanto são necessários para os indivíduos”.

A territorialização corresponde ao processo de constituição de um território. Já o traçado territorial pressupõe delimitações, seus limites são regulamentados, de acordo com

normas e regras jurídicas. Ao tratar de terras indígenas³ (TIS), verificamos que na Constituição Federal em vigor (Capítulo VIII, Dos Índios, art. 231) e na legislação específica, a Lei nº 6.001/73, Arts. 17 a 38 estão reconhecidos o *habitat*⁴ de povos tradicionais, como os moradores em terras ocupadas desde o início do processo de colonização, por alguns ainda denominados ‘descobrimento’.

A noção de *habitat* aponta para a necessidade de manutenção de um território, dentro do qual um grupo humano, atuando no coletivo, tenha meios de garantir a sua sobrevivência físico-cultural ou a sua territorialidade (RICKLEFS, 1996).

Para atingir tal objetivo as terras indígenas (TIS) no Brasil estão enquadradas como bens sob o domínio da União. O intuito é o de colocar sua defesa diretamente na esfera de atuação do Estado, considerando-a merecedora de cuidados especiais. De acordo com Gallois (2000, p. 10), é indispensável levar em conta múltiplas dimensões e pontos de vista na definição de terras indígenas, frente às categorias jurídicas:

[...] na maioria dos casos, não há correspondência nos critérios externos e internos, nem em termos espaciais, nem no que diz respeito às formas de uso de recursos territoriais. Quem observa as concepções e práticas de territorialidades indígenas, verifica enormes variações na maneira como sociedades produzem e controlam seu espaço, elegendo limites que nem sempre correspondem aos definidos pelos critérios jurídicos de nossa sociedade, mas resultam de complexos e densos históricos de relações entre povos diversos e de modos de intercâmbio em constante transformação. É importante salientar que tais dinâmicas não surgiram apenas no advento da colonização européia, há 500 anos, mas já eram em tempos pré-coloniais.

A autora aponta para as tensões entre território, como espaço geográfico e sob a égide de delimitações políticas nacionais, e a territorialidade esta firmada sobre o processo histórico de construção dos significados dos povos indígenas brasileiros.

Cabe frisar que o atual direito dos índios decorre da conexão sociocultural destes com povos pré-colombianos que aqui habitavam. Tal direito provém da sobrevivência dos grupos humanos que se identificam por tradições ancestrais e se consideram etnicamente diferenciados de outros segmentos que compõem o ambiente social humano com suas representações.

³ A Constituição Federal de 1988 conceitua como “terra indígena” as que constituem objeto de “uso ou ocupação tradicional” (isto é, segundo seus usos e costumes) por coletividades indígenas.

⁴ Termo utilizado em ecologia para definir as condições ambientais que determinam a região habitada pela população de determinada espécie. Ecologia é o estudo das interações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente.

É para esses grupos humanos, os quais muitas vezes foram deslocados para locais distantes de seus territórios tradicionais, que raramente tiveram condições de sustentar, que a Constituição Federal (1988) prescreve direitos específicos. Não obstante, os conflitos entre Estado e a grande maioria dessas populações ainda exigem muita mobilização social, tanto dos grupos indígenas organizadas quanto de outros segmentos sociais, nacionais e internacionais, envolvidos com a questão.

Promover a demarcação da terra indígena é tarefa da União, reconhecendo administrativamente o *habitat* de um grupo ou comunidade, viabilizando a continuidade econômica e sociocultural daquela coletividade. Nesse sentido, é de se destacar o caráter da atual legislação indigenista brasileira, a qual pretende que se evite a destruição física e cultural de povos inteiros. A postura da legislação brasileira caracterizada pela ampliação de valores democráticos, não obstante sua aplicação só esteja sendo efetivada sob fortes movimentos sociais representativos dos povos indígenas, mas de conquistas lentas.

Situando o processo histórico dos Terena quando fixados no território chaqueno, a migração dentro do Chaco⁵ Paraguai ajuda a compreender mais claramente a causa primeira da desterritorialização. Se a territorialidade é a defesa de uma área da invasão de outros indivíduos, no sentido da perda do território por motivos de ordem política, de violência, entre outros, uma inversão desse processo ocorreu com a territorialização, agora em território brasileiro, mais precisamente no sul de Mato Grosso.

Segundo Ramos (1951), os Terena, pertencentes à família lingüística *Aruak*⁶, são originários do Chaco, onde viveram até meados do século XVIII. Os *Aruak* constituem a mais extensa das famílias lingüísticas, não apenas no Brasil, mas da América do Sul. Esta denominação provém de um povo da Venezuela que os espanhóis chamavam *Araguacos*, mas que se autodenominavam *Lukkunu*. Eles se estendem pelas Antilhas até o sul da Flórida e ao sul pela Venezuela e ao norte brasileiro. Nas migrações para o oeste, chegaram a alcançar as costas do Pacífico, e para o sul, atingiram o Chaco Paraguai.

Segundo o mesmo autor, nas suas migrações para o sul, os *Aruak* atingiram o Paraguai e se dispersaram em vários grupos como os *Quinquino (Kinikino)*, à direita do Paraguai; os *Guaná*, no triângulo formado pelo Paraguai e Salgado; os *Terena*, de Miranda, em Mato Grosso; os *Laiano* do alto Paraguai, que vivem junto dos *Terena* e, também,

⁵ Da língua quéchua *chaku*: território de caça, região de aproximadamente 1.280.000 km e compreende partes dos territórios paraguaio, boliviano, argentino e brasileiro (ao norte do Pantanal). Possui ecossistemas e climas distintos (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000).

⁶ O nome *Aruak* vem de povos que habitavam principalmente as Guianas, região próxima ao norte do Brasil e algumas ilhas da América Central, na região das Antilhas (LADEIRAE BITTENCOURT, 2000, p.12).

misturados aos *Guaicurus*. Saindo do Paraguai, penetraram em levas sucessivas, até chegarem ao território brasileiro, localizando-se ao sul do Estado de Mato Grosso. Os contatos voluntários e involuntários com as populações brasileiras foram se intensificando gradativamente acarretando profundas mudanças na sua cultura.

Conforme informações de Susnik (1978), a localização dos antigos territórios dos Terena era ao norte do Porto Olimpo até a foz do Rio Negro, nas margens do Rio Paraguai. Possuindo duas aldeias populosas, em virtude de sua densidade demográfica, com um sistema de divisão em forma de bairros, assemelhava-se, assim, com as igualmente populosas aldeias dos indígenas *Xarayés*⁷, localizadas no alto Paraguai.

De acordo com Susnik (1981), os índios Guaná e os Guaicurus provenientes do *Êxiva*, transpuseram o rio Paraguai e se deslocaram para a região onde atualmente é o estado de Mato Grosso do Sul. Os motivos para esse deslocamento foi o avanço do povo Guarani, naquele momento aliado dos espanhóis, que estavam em busca da conquista de territórios. Este sucessivo processo tornou-se mais intenso por volta de 1700, provavelmente em virtude de virem a ocupar um extenso território em solo brasileiro, entre o rio Paraguai e o rio Miranda, os índios Terena passam a se dedicar à agricultura, fortalecendo seus valores mitológicos, explicitados com mais detalhes nos próximos capítulos.

De acordo com Ramos (1951), os *Aruak* estão subdivididos em vários grupos e habitam desde o Amazonas, do norte do Rio Amazonas, ao longo do curso do Rio Negro e Rio Xié. Habitam ainda o Estado de Roraima, às margens do Rio Branco, no estado do Amapá, na bacia do rio Oiapoque. Os *Aruak* que vivem ao sul do rio Amazonas são divididos em grupos importantes que são distribuídos nas seguintes áreas: a) sudoeste do estado do Acre; b) oeste do estado de Mato Grosso; c) no alto Xingu e d) região Meridional. Este último é o povo Terena que vive na área do rio Aquidauana e Miranda, afluentes do Rio Paraguai, no estado de Mato Grosso do Sul.

Os grupos acima relacionados falam a mesma língua de origem, ou seja, o *Aruak*, e têm semelhanças em sua forma de organização social. “Todos esses grupos possuem ou possuíram formas de organização internas características, sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica” (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000, p.18).

O caminho percorrido pelos Terena, antes de se estabelecerem no Chaco Paraguaio não está devidamente esclarecido, conforme Azanha (2004). Não há como precisar

⁷ Povo indígena que na época habitava, também, a região próxima das grandes lagoas existentes na parte setentrional do Pantanal, possivelmente a Gaíva ou a Uberaba. (EREMITES, 2002. p. 150)

o período em que esta sociedade se estabeleceu naquela região. O que se sabe é que, habitavam a região há mais ou menos quinhentos anos, tendo como referência o domínio dos Guaná, uma das diversas denominações do povo Terena, sobre outros povos indígenas daquela região.

Na guerra com o Paraguai, em 1864, ocorreu uma situação de desterritorialização, e, conseqüentemente, uma desorganização do povo Terena. Esta guerra impôs a participação de vários povos indígenas provenientes da região da bacia do rio Paraguai. Os índios Terena se alinharam ao exército brasileiro, tanto por serem agricultores, portanto, abastecendo os combatentes com alimentos; quanto pela luta como soldados. Em vista dessa participação, explicam Ladeira e Bittencourt (2000), os Terena reivindicaram junto às autoridades brasileiras, territórios anteriormente por eles ocupados, estabelecendo assim, as primeiras reservas indígenas na região.

Em 1861, Von den Steinem (apud ALTENFELDER, 1949, p. 279) menciona que os Terena viviam em pequenos grupos, a 12 km de Miranda. Os Terena eram originalmente agricultores que entremeavam as atividades agrícolas com as da caça, pesca e coleta, numa economia auto-suficiente. Contudo, devido às relações de poder, violências, dentre outras, foram fazer parte do sistema latifundiário do sul de Mato Grosso, dependendo economicamente das fazendas, onde começaram a trabalhar periodicamente.

Na região de Miranda, atualmente pertencente ao Estado de Mato Grosso do Sul, os Terena foram os primeiros a ocupá-la e primeiros habitantes da região. Os espanhóis e os portugueses preocupados em defender seus territórios chegaram à procura de ouro ou conquistando terras pela força, passando então a defender suas fronteiras. Os espanhóis tinham preocupação em implantar fazendas de gado e começaram a criação, na esperança de expandirem seus territórios e expulsar os nativos de suas terras naquela região, para caracterizar a posse das terras.

Os colonizadores portugueses buscavam o apoio das comunidades indígenas, construíram fortes e, com isto, garantiam o domínio de seu território, tais como: Forte Coimbra (1775), Forte Dourado e Presídio de Miranda (1778) e buscavam acordos com os Terena, elaborando leis. Uma dessas leis tratava da proibição da escravização dos mesmos, eles deveriam viver e aprender a trabalhar como os 'brancos' (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000, p. 41). Era indispensável aos portugueses manter a presença dos indígenas como forma de sustentar a posse dos territórios e a conquista de novos povoados. Outra vantagem era a de utilizar a mão-de-obra barata, nas fazendas de cana-de-açúcar e criação de gado.

De acordo com Florence (1969), os Terena realizavam comércio no Forte

Coimbra oferecendo produtos, tais como: redes, panos, batatas, galinhas e porcos, trocando por objetos de metais e tecidos. Essa característica comercial é ainda observada na atualidade, tendo seus descendentes a prática do comércio na cidade de Aquidauana, quando trazem frutas, raízes e utensílios indígenas para comercializarem na desativada Estação Ferroviária do município. Deslocam-se diariamente de ônibus de suas aldeias para comercializar seus produtos.

O contato com portugueses, espanhóis e brasileiros, contribuiu para que muitos costumes e tradições se transformassem. No entanto, as características do modo de vida são mantidas e permanecem, a exemplo da língua, a cerâmica, as organizações familiares, entre outras, indicando a resistência do povo Terena com relação ao contato, ao longo de todo esse período, afirmam os autores.

O grupo Terena foi o único subgrupo Chané a adotar o cavalo como meio de transporte. Utilizaram o animal para realizar incursões Chaco adentro com fins de procura e captura de cativos, pois, nas palavras de Susnik (1978), os Terena possuíam uma estratégia de defesa própria e muito bem elaborada, seja para o domínio dos mais fracos ou para a aliança com as etnias mais fortes. Esse modo de ser ampliaria o relacionamento com os demais grupos habitantes do Chaco.

O autor relata que os Terena eram exímios na exploração de suas terras, assim como as periféricas – ocupadas por etnias diversas – dispondo-se de cativos. Tinham ainda habilidade no domínio do cavalo, meio pelo qual garantiam instrumentos para suas lavouras, arado, e para proteção de seu território.

A nação Terena buscava ocupar seu território na região de Miranda por diferentes razões: evitar o contato com outras etnias; a necessidade de sobrevivência; evitar conflitos com os colonizadores espanhóis e portugueses que, naquele período, adentravam na região. Esta situação estava diretamente ligada à questão econômica territorial, conforme relata Oberg (1990). Nesse contexto, a aldeia Bananal se destacou, pois não era somente um lugar de morada, mas, também, de relações políticas e de campo cultivado com agricultura de subsistência.

Hoje, o território Terena e sua territorialidade estão perpassados por questões de lutas sociais, questões políticas partidárias, de forma que diferentes sentidos estão em construção.

1.3 Território e territorialidade em terras brasileiras

Diante desses novos conflitos, em que o ‘branco’ detentor de muitas posses se apropriava de suas terras, é promulgada a Lei de Terras nº 601/1850; que foi uma das primeiras legislações brasileiras a dispor sobre normas do direito agrário. Trata-se de legislação específica para a questão fundiária promulgada somente após a Independência do Brasil. Estabelecendo a compra como a única forma de acesso à terra, abolia em definitivo o regime de sesmarias.

Taunay (1931), em seus escritos sobre a Guerra do Paraguai (1865-1870), ressaltou a importância das comunidades indígenas para o exército brasileiro. Atuavam ora como soldados, ora como guias. Atuaram, também, oferecendo suas aldeias, próximas a Serra de Maracajú que vieram a servir de esconderijo para os soldados brasileiros durante a referida guerra. De acordo com Ladeira,

[...] após o término da Guerra do Paraguai, com a vitória da Tríplice Aliança, os Terena começaram a regressar as suas aldeias, encontrando-as totalmente destruídas durante os combates. Porém, suas terras encontravam-se ocupadas por novos “senhores”, em sua maioria, oficiais desligados do exército brasileiro ou ainda por comerciantes que, após obterem grandes lucros com a guerra, continuaram na região, montando fazendas de gado, estimulados pelo governo como forma de controlar a fronteira (2000, p. 29).

Em 1930, há um acréscimo na Lei de Terras: nº 601/1850: autoriza-se a desapropriação de terra com interesse público e a propriedade deveria ser indenizada. Em 1934, os ganhos sociais foram consideráveis, mas as conquistas não se consolidaram devido a postura conservadora do então presidente Getúlio Vargas. Em 1946 houve uma outra Constituição, considerada mais democrática, que atribuiu uma nova função à terra, pois ela deveria cumprir sua função social, sendo essa a lei mais antiga, ainda em vigor no Brasil.

Castelnau (1949) fez registros a respeito dos índios Terena, quando buscava remadores para prosseguimento de sua viagem na região. O autor relata que a nação guerreira conservava toda a integridade dos costumes de seus antepassados e no aldeamento Terena existiam cerca de cem casas, unidas umas às outras. As residências eram formadas por um imenso rancho, coberto de folhas de palmeira e dispostas em círculo, sendo constituída por 1500 a 1800 habitantes. Segundo o autor, existia um grande número de indígenas próximos à vizinhança, em três outras aldeias. Observou a organização para o trabalho, especialmente com o gado, o cavalo e na prática agrícola; presenciou grandes lavouras de cana-de-açúcar, de

milho, de feijão e de mandioca. Cultivavam o algodão, com o qual as mulheres faziam suas vestes. No crescente despertar do interesse dos colonos pelas terras, brotava também os conflitos envolvendo os Terena e pecuaristas:

[...] inicia sua expansão adotando uma política de garantia da posse das terras aos colonizadores provocando, assim, o incremento da agricultura. Este fato, somado a deliberação de evitar contato, seja com os colonizadores, seja com os demais grupos indígenas, faz com que comecem a se estabelecer em outras terras, pois se tratavam de agricultores e havia a disputa com pecuaristas e essa disputa pelas terras e pastagens atingiram um nível de conflito que dificilmente poderia ser remediado (SCHUCH, 1995, p. 53).

O autor explicita destacando o alto nível de conflito a que estavam submetidos os Terena naquele período e naquela região. Pressionados por relações de poder que favoreciam os colonizadores foram se deslocando em busca de um novo território.

Os territórios indígenas são incorporados como terras devolutas, passando à propriedade do governo imperial brasileiro. Este, no uso do seu arbítrio, vende-as a particulares através de leilões. Na concepção dos colonizadores, dois tipos distintos de indígenas se manifestam: os ‘bravos’, assim rotulados porque defendiam por meio de armas o seu território para conseguirem a posse de suas terras e os ‘mansos’, estes por não oferecerem resistência, eram expulsos de seus territórios, afirma Ladeira e Bittencourt (2000).

Os fazendeiros se apropriaram das terras indígenas, expandindo suas propriedades com o objetivo de viabilizarem a criação de gado. Os Terena, quando não exterminados, foram obrigados a trabalhar em condições de escravidão ou a se dispersarem na região. Assim, distanciaram-se das terras mais férteis, buscando refúgio em áreas mais isoladas, de perfil mais árido e pouco adequadas para o cultivo, de acordo com Ribeiro (1970).

Nesse contexto ambiental, as relações de poder desequilibradas alteraram de forma intensa a organização da sociedade Terena. A estratégia de realizarem migrações buscando um novo território, cada vez em que as condições de subsistências tornavam-se críticas, agravava a situação. Esse não enfrentamento motivado pelo *ettos*⁸ Terena levava os fazendeiros a ampliarem suas propriedades e a utilizarem a mão-de-obra daqueles que não aderiam às migrações. O fim da Guerra do Paraguai representou para as sociedades indígenas o começo de uma outra batalha. Muitos foram dizimados, muitos ficaram doentes e miseráveis por não possuírem mais a posse sobre os territórios que ocupavam.

Rohde (1990) escreveu, em 1883, sobre sua responsabilidade por uma missão

⁸ Ethos Terena mais explicitado no decorrer do estudo

científica realizada pelo ‘Museu de Berlim’, específica para a região de Mato Grosso. A missão evidenciou a importância que os índios Terena tiveram durante a guerra do Paraguai principalmente as lideranças denominadas ‘caciques’. Alguns destes foram recompensados com patentes, como a de alferes, por prestarem bons serviços e terem cooperado com o exército brasileiro.

Essa atitude foi considerada uma tentativa de desarticulação da sociedade étnica, uma vez que a homenagem implicou em alterar a autoridade da liderança indígena. Naquele período, a política utilizada pelo governo brasileiro, para “integrar” os índios na sociedade nacional, justificou tal atitude. Denominar o cacique, representante indígena, com o termo ‘capitão’, cuja origem é militar e designa uma hierarquia diferente, trouxe conseqüências que ainda requerem estudos mais aprofundados.

Após o fim da guerra, segundo Altenfelder (1949), os Terena encontravam-se nas seguintes localidades:

pouco após a campanha do Paraguai, habitavam os Terena, segundo eles próprios informam, as seguintes aldeias: Ipegue (em área compreendida entre as atuais aldeias de Ipegue e Bananal); *Imokovookoti* (nas imediações da atual aldeia de Cachoeirinha); *Tuminiku* (nas proximidades da atual aldeia de Bananal); *Coxi* (próxima ao córrego de Taquarí); *Naxe-Daxe* (nas proximidades do córrego do mesmo nome); *Háokoé* (nome Terena para a fruta do pindó: situava-se a aldeia a uma légua de *Tuminiku*); Moreira e *Akuleá* (ambas nas proximidades de Miranda); *Kamakuê* (próxima à atual aldeia de Duque Estrada); Brejão (próxima a Nioaque); Limão Verde (próxima a Aquidauana); Cerradinho (na área do atual Município de Campo Grande) (1949, p. 281).

Por volta de 1905, acentua-se o processo de retraimento do território Terena no Brasil. A chegada da ‘Comissão Construtora das Linhas Telegráficas’, chefiada pelo Marechal Rondon, instalou a linha telegráfica que ligava o interior do estado de São Paulo à cidade de Cuiabá e simultaneamente construíram a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB).

Azevedo (1950) relata que a ‘Comissão das Linhas Telegráficas’ inicia um processo de ocupação de colonização da população Terena, que coincide com a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1910. Simultaneamente, seguiria à ligação Bauru - Porto Esperança, pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, concluída em 1914. Essa ampliação na linha traz um outro tipo de desenvolvimento o qual segundo Azevedo (1950) é bastante diferente, ou seja:

[...] para se ter uma idéia do impulso que tomou num quarto de século, entre 1914 e 1940, o povoamento dessas regiões, basta observar que a população ascendeu, nesse período, a mais de cem mil habitantes ou mais do quántuplo da população estimada antes da construção da Estrada de Ferro (p. 131-132).

O autor destaca o aumento populacional, em decorrência da migração de diversas partes do Brasil. Mesmo sem alterar a questão das terras indígenas, foi no início desse terceiro ciclo de ocupação do sul de Mato Grosso que as áreas ocupadas pelos Terena começaram a ser preservadas pelo Estado de Mato Grosso. Decretos e Atos firmados ou através de Resoluções expedidas pelo Estado e pelas Câmaras Municipais delimitam as primeiras “reservas” e datam de 1904-1905. Esse momento político é considerado consequência imediata da ação de Rondon à frente da Comissão das Linhas Telegráficas, afirma Azevedo (1950).

Ainda em 1905, foi feita a primeira demarcação das terras indígenas, em Cachoeirinha, na região de Miranda. Resultado da luta indígena, essas terras foram demarcadas por Cândido Mariano da Silva Rondon⁹, iniciando as legalizações de outras terras indígenas, que desde 1870, aproximadamente, reivindicavam junto ao governo brasileiro suas terras (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000).

Nas palavras de Ribeiro (1979, p. 199), “os índios, quando não eram impelidos a trabalhar para os novos donos das terras, cultivavam pequenos roçados tal como os sertanejos da região”. Esse período foi denominado de ‘servidão’ pelo autor e foi descrito pelo Marechal Rondon da seguinte forma:

os Terena são comumente explorados pelos fazendeiros. É difícil encontrar um camarada Terena que não deva ao seu patrão os cabelos da cabeça. [...] Nenhum “camarada de conta” poderá deixar o seu patrão sem que o novo senhor se responsabilize. E, se tem ousadia de fugir, corre quase sempre o perigo de sofrer vexames, pancadas e não raras vezes a morte, em tudo figurando a polícia como co-participante em tais atentados (1949, apud LADEIRA E BITTENCOURT, 2000, p. 81).

Conforme Ladeira e Bittencourt (2000) com o aumento da população na região de Aquidauana, houve um estímulo para a atividade pecuária contribuindo para a desterritorialização dos Terena. A sociedade indígena Terena esteve sob relações de poder,

⁹ Concretizou o processo de demarcação das terras indígenas. Mas não foi ele quem começou este processo e, sim, os próprios índios Terena que, ao reivindicarem os seus territórios de volta, o faziam com base nos serviços que haviam prestado para as autoridades brasileiras (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000).

muitas vezes desequilibrada, mas foi ao longo dos anos fixando-se em seus territórios. Hoje, quase todas as terras dessa região, na qual se inclui a Aldeia Bananal, encontram-se homologadas.

1.4 Território e Territorialidade na Aldeia Bananal

Em ecologia, o termo ‘ambiente’ significa o estudo do lugar onde se vive, as interações, as relações de poder dos seres vivos entre si e com o meio. E inclui todos os fatores que afetam o metabolismo ou o comportamento de um ser vivo ou de uma espécie, incluindo a luz, o ar, a água, o solo, dos seres vivos que habitam no mesmo local (LEITE, 1998). Na educação, o termo ‘ambiente’ é tratado como o local onde a pessoa vive ou onde foi educada, o conjunto das instituições sociais com quem interage.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais/Meio ambiente e Saúde (BRASIL, 2001), a expressão ‘educação ambiental’ está centrada principalmente no desenvolvimento de valores, de atitudes, de posturas éticas e no domínio de procedimentos; mais do que na aprendizagem de conceitos. Isso significa que vários dos conceitos em que o professor se baseará para tratar dos assuntos ambientais pertencem a todas as áreas disciplinares.

O termo ‘meio ambiente’ vai significar o conjunto de forças e de condições que cercam e influenciam os seres vivos e as coisas em geral. Os constituintes do meio ambiente compreendem: clima, iluminação, pressão, teor de oxigênio, condições de alimentação, modo de vida em sociedade e, para o homem são acrescidos a educação e a vida coletiva (LEITE, 1998). Partindo da compreensão de meio ambiente, Leite (1998) enfatiza o modo de vida em sociedade, detalhando o modo de ser Terena.

Conforme Brand (2003), os conhecimentos acumulados pelos indígenas sobre a natureza que refletem suas experiências cumulativas de busca de compreensão e entendimento serão repassados às gerações, tendo como referência as suas cosmologias.

Segundo Miranda (2006) para entender a relação dos indígenas com a natureza é necessário compreender sua cosmologia, sua vida, sua sociedade e sua história expressas nos rituais, nas músicas, nos mitos, entre outras manifestações culturais. Segundo o autor, os Terena mais velhos aproveitavam os recursos da natureza para produzirem seus alimentos, tirando da natureza somente o suficiente para alimentar suas famílias. Seus conhecimentos eram repassados na educação dos filhos e além desses saberes, transmitiam os valores e as qualidades da terra, seu período de cansaço, a necessidade de repouso e o que fazer quando o solo era duro e compactado. Esses saberes são ou eram de domínio dos mais idosos.

Quando os pais indígenas Terena saíam com seus filhos para trabalhar na roça, ou para ir “à mata buscar lenha e madeiras, tirar mel ou para o rio pescarem tinham o cuidado de ensinar as melhores estratégias, sob o ponto de vista indígena. O entendimento da natureza e o como lidar com ela em suas atividades”, explicou Miranda (2006, p.85). Esses dados obtidos da oralidade confirmam essas referências bibliográficas e também as deixadas por Altenfelder:

[...] os Terena possuíam no passado um conjunto de crenças e práticas inter-relacionadas, redundando em uma harmonia em sua cultura. Eles reconheciam uma alma, *hoipihapati*, para as pessoas, animais e plantas. [...] Acreditavam ainda que certos objetos e plantas possuíam poderes mágicos, eram animistas. (1949, p. 349).

A mitologia estava presente, relacionando o meio ambiente da natureza com o ambiente social. Da natureza, a mitologia menciona as árvores, os frutos e a disseminação das sementes. Plantavam e as árvores frutificavam, assim como a justificação do seu modo de ser.

A origem telúrica lhes dá um sentimento de forte ligação à terra e ao plantio, ressaltando a importância da terra para esse povo de agricultores. Segundo Altenfelder (1949), o ano agrícola Terena iniciava em agosto. A época do plantio era determinada pelas chuvas e vinha com a limpeza das roças. O respeito à natureza vinha com o processo de rotação das roças. Talvez um aprendizado estabelecido com os roçados e derrubadas, queimadas e limpeza das áreas carbonizadas, cortados e macetados com os machados, foram elaborados ao longo dos anos. As primeiras flores do mato anunciavam o período propício para plantar, como dispunham de instrumentos de lavoura movidos à força humana e animal, as atividades eram predominantemente coletivas, segundo os papéis sociais: a mulher semeava e o homem preparava a terra.

O ‘jeito Terena’ de semear consistia em sentar sobre os calcanhares e nas mãos empregar um bastão para perfurar a terra. O semear cabe à mulher, responsável por lançar sementes nas covas abertas pelos homens. As principais plantas cultivadas eram: o milho de diversas variedades, a mandioca, o fumo, a batata doce, o cará e várias espécies de abóboras, conforme Altenfelder (1949). Com folhas de palmeiras, as mais utilizadas, as de carandá e os sisais, os Terena teciam cestarias para transportarem a lenha, os utensílios agrícolas e os frutos; também nelas guardavam alimentos e carregavam as crianças.

Hoje existem algumas roças que são plantadas com pequena ajuda da mulher, pois ela cuida com prioridade de algumas plantações pequenas nos quintais. No entorno das

moradas estão os roçados maiores sob a responsabilidade dos homens, que usam fazê-los com equipamentos agrícolas motorizados.

O povo Terena mostra desempenho ao utilizar a terra na agricultura. Por um longo processo, o qual consiste em variar os tipos de árvores para tê-las à sua disposição, quando necessários, respeitam o ciclo de recomposição da árvore, que depende de cada espécie a ser plantada. Conforme o depoimento de P 4, (SILVA, 2008) hoje algumas pessoas plantam para preservar o que existia e plantam mais árvores para não ficar sem elas. Plantam árvores frutíferas para desfrute e roças pequenas para subsistência. O depoimento de outro entrevistado, o professor P 1, (PAES, 2008) explica que o material para artesanato que existia com fartura na Aldeia, hoje não existe mais. Ele atribui as dificuldades de acesso à natureza, mais limitado devido à evolução do homem em seu relacionamento com a natureza.

Os dois informantes (P1, P4) indicam um comportamento tradicional sobre como realizavam a reposição do plantio de árvores dizimadas. No entanto, um deles aponta para uma ‘evolução do homem em seu relacionamento com a natureza’, que foi compreendido como mudanças com a chegada da tecnologia e da mudança de valores, devido à desterritorialização.

O modo de ser Terena e sua relação com a natureza foi, de forma abrangente, caracterizada por um conhecimento da tradição de que a terra precisa também do descanso para se recompor. Os papéis sociais, masculino e feminino, e suas relações com a terra estão fragilizados pelas mudanças sócio-econômicas e não foram obtidos dados que indicassem os novos comportamentos.

CAPÍTULO II

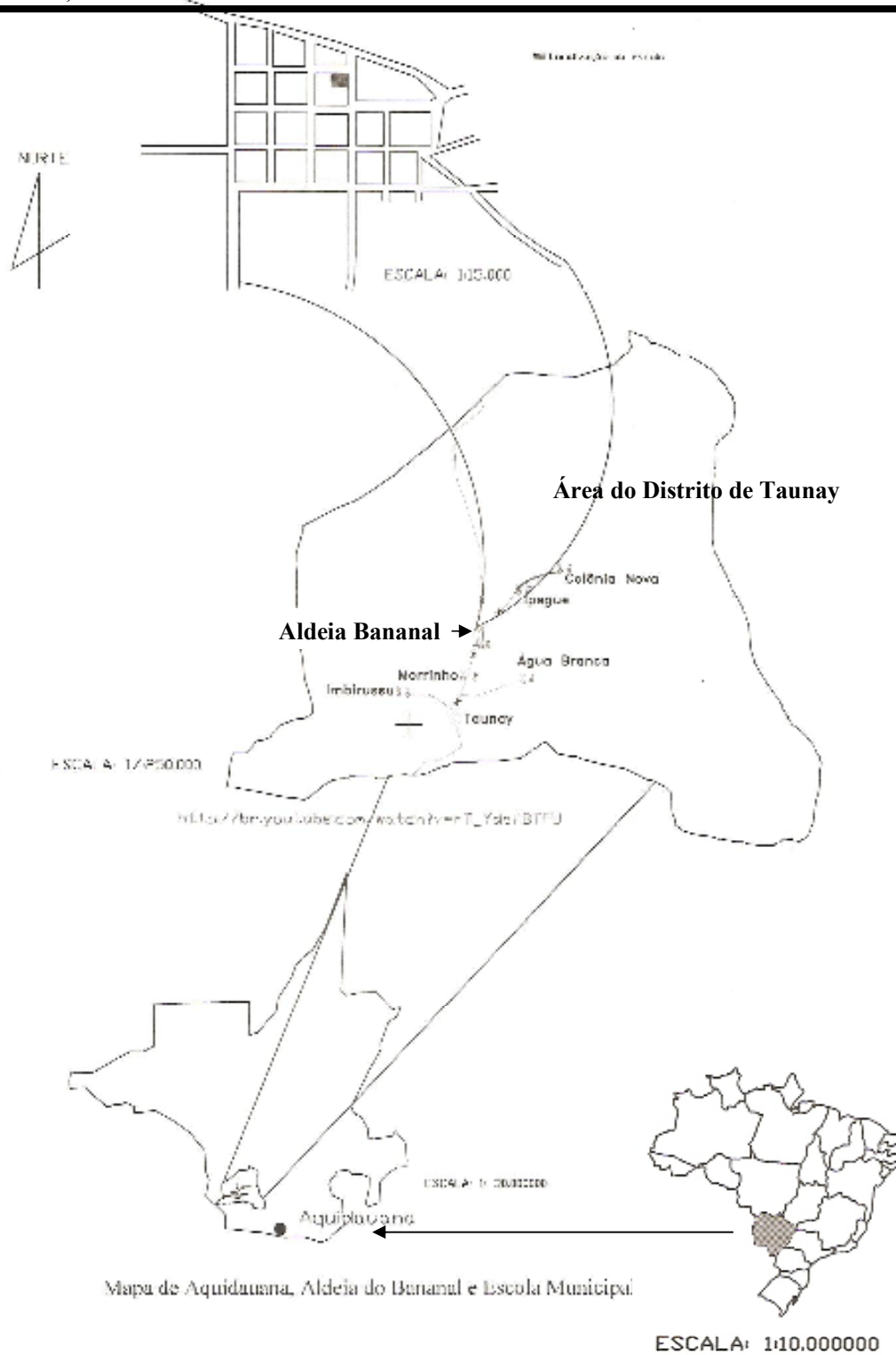
O TERENA E SEUS AMBIENTES

2.1 Aldeia Bananal e sua História

A aldeia Bananal teve origem em uma área próxima a das antigas aldeias de *Naze-Daxe* localizadas nas proximidades de um córrego com esse mesmo nome e uma outra aldeia, *Ipegue*, que fica distante 12 km da atual Aldeia Bananal. A Aldeia Bananal é uma das maiores aldeias na região de Aquidauana, local de realização deste estudo. Conta atualmente, de acordo com a FUNASA (BRASIL, 2006) com 1413 pessoas. Destas, a quase totalidade é falante da língua Terena, sendo uma das aldeias mais importantes e com participação nas decisões políticas do município de Aquidauana. Historicamente, devido às várias perseguições de luta pelas terras movidas pelos fazendeiros, poucas famílias indígenas permaneceram na região. A constituição legal da Aldeia Bananal está registrada desde o final do século XIX (1894) e foi nesta aldeia, em 1905, que Rondon realizou audiências antes de iniciar a demarcação da ‘Reserva’ do Ipegue, naquele mesmo ano. Mesmo com terras expropriadas indevidamente, os Terena não deixaram de ocupar as áreas demarcadas por Rondon, pois ali eram territórios de ocupação tradicionais (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000).

Localizada no Estado de Mato Grosso do Sul (mapa 1, p. 42), no município de Aquidauana, Distrito de Taunay, em um planalto, ou *plateau*, entendido como uma forma de relevo constituída por uma superfície elevada, com cume mais ou menos nivelado, geralmente devido à erosão do vento ou pelas águas (DICIONÁRIO ON LINE, 2007), com pequenas colinas arredondadas pela erosão, distante 55 quilômetros da cidade de Aquidauana e a 11 Km do distrito de Taunay.

MAPA DO BRASIL, MATO GROSSO DO SUL, AQUIDAUANA, DISTRITO DE TAUNAY, ALDEIA BANANAL E ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA.



Fonte: GONÇALVES (2006) Organização e Desenho: CARVALHO (2006)



Foto 1 - Entrada Oficial Aldeia Bananal
Fonte: Ferreira, 2008

A foto 1 mostra frondosas mangueiras que ao longo dos anos foram crescendo ao redor das casas, compondo a paisagem. De acordo com Carvalho (2007) a manga é uma fruta tropical, mas não é brasileira. Ela cresce originalmente aos pés das montanhas do Himalaia, na Índia e a partir de 1700 chegou ao Brasil em navios portugueses. Fruta do tipo carnosa tem sua coloração variada entre o amarelo, o laranja e o vermelho, sendo mais rosada no lado que sofre insolação direta. A polpa é suculenta e saborosa, em alguns casos fibrosa, doce, encerrando uma única semente grande no centro. A sua disseminação foi feita espontaneamente nos vales e quintais das casas e chegou à região trazida provavelmente com os portugueses e espanhóis. Entretanto, não foi a manga a inspirar a denominação da aldeia, mas a banana.

Banana, bananeira, bananal ou na língua terena: *panâna*, *hê-hê panâna*, *hê-hê panâna*, *Aldeia Panâna*, Aldeia Bananal! Uma terra com nome de fruta e que foi se constituindo ao redor do brejo, irrigado pela mina. A banana é uma fruta tropical e teve seu cultivo pelo homem no sudeste da Ásia. Existem muitas espécies selvagens e indícios arqueológicos que retratam sua existência a pelo menos 5000 a.C.

Abaixo a foto 2 mostra uma plantação de bananeiras ao longo da estrada da Aldeia Bananal que consolida o fato de bananeiras permaneceram da migração do Chaco até a presente data. As bananeiras resistiram às mudanças ambientais e sociais.



Foto 2 - Bananeiras na Aldeia Bananal
Fonte: Niz, 2008

Nesse ambiente permanece ainda a vegetação circundante da aldeia que é formada por muitas árvores, sendo sua maior parte constituída por árvores frutíferas, ou seja: pés de manga, de laranja, de goiaba, de carambola, as jaqueiras, entre outras.

Nesse contexto ambiental, há uma organização humana a qual, segundo Nascimento (1996), em depoimentos dos professores da Aldeia Bananal, teve início quando um velho índio chamado

Emeteteu, que era do Chaco, [diz] que quando chegou, a aldeia ainda não estava organizada. Ele diz que na baixada, atrás da casa em que desde aquela época morava o Sr. Pereira, era o início de um brejo tão feio, tão feio que dava medo, muito medo! O grupo de índios que tinha sua casa nesta região sofria muito, no entanto ali tinha uma bela mina onde todos buscavam água, havia um trilheiro usado por todos com um capinzal enorme ao seu redor. Esta mina era chamada de *Yuxu*, ela jamais secava. Em meio ao capinzal da mina, encontraram pés de banana; (sic) É bom dizer que naquela época ninguém conhecia a banana. Somente o velho índio do Chaco, lá da Bolívia, conhecia. Por isso deu nome para esta aldeia de Bananal (1996, p. 8).

O relato de Emeteteu recupera um contexto ambiental, ou seja: o brejo, a mina denominada *yuxu*, que significa brejo, mina d'água, na língua terena; o capinzal e pés de banana, fruta desconhecida dos Terena, no período em que migraram do Chaco.

A mata do cerrado é peculiar da região da Aldeia Bananal. O tipo 'savana', próprio da região plana cuja vegetação predominante são as gramíneas, com algumas árvores e arbustos isolados ou em pequenos grupos, ocorre no Brasil e em partes do Paraguai, possuindo enorme variedade vegetal e animal. Esse ambiente está ameaçado pelo crescimento das agriculturas, principalmente da soja, pela pecuária, a carvoaria e o desmatamento.

Embora de aparência que causava certa rejeição, talvez pelo capinzal ou mata enorme ao seu redor, a região da aldeia Bananal demonstrava um local propício para a agricultura. A natureza já se incumbira de fazer nascer naquele lugar pés de bananas e possuía uma mina.



Foto 3 – Córrego Bananal localizado na entrada da Aldeia Bananal
Fonte: Ferreira, 2008

No ano de 1905 começou a demarcação das áreas e o registro em cartório da cidade de Miranda. Após a demarcação, a aldeia foi se organizando em ruas e lotes. Vieram índios de diferentes localidades, quando souberam que ali já estava tudo organizado. Limparam a rua principal com enxada, explicam, e essa rua principal recebeu, posteriormente, a construção da escola e do posto da FUNAI.

As pessoas que vieram e que ajudaram a começar a nova aldeia, embora não sejam lembradas com nomes de ruas ou de escolas na região, são apenas lembradas pelos moradores mais antigos da aldeia, foram: *Yengoti, Hupikexo, Mayane Chuluki, Epuvoero, Eperu, Apaka, Lauí, Sakama, Kabeçao, Sipiloe*, depois apareceram índios da Bolívia, *Hononouketi, Kaçape, Uhetipatere, Pakaku Yoko Yeno Yanihoeti* (NASCIMENTO, 1996).

Em 1934, a FUNAI construiu o prédio abaixo para atender aos indígenas da referida aldeia e, ainda hoje, embora depreciado, essa construção compõe o ambiente da aldeia Bananal atestando sua importância política para os Terena, nas outras fotos o ambiente do interior da escola.

A partir de 1944, esse prédio foi designado para receber a escola. O ambiente da aldeia ficou modificado com essa entrada política da educação escolar. O prédio da FUNAI, agora sede da Escola Municipal Indígena “General Rondon”, recebeu algumas adequações,

como uma extensão nos fundos que comporta o refeitório, a sala de informática, banheiros e a sala dos professores, como fotos abaixo.



Foto 4 - Sala de informática
Fonte: Ferreira, 2008



Foto 5 - Entrada da escola
Fonte Ferreira, 2008



Foto 6 - Pátio da escola
Fonte: Ferreira, 2008

As ruas da Aldeia Bananal não receberam nomes para identificação, como é feita na cidade de Aquidauana. As casas foram construídas ao redor do posto da FUNAI, as outras ruas foram abertas ao longo do trajeto. As pessoas que ajudaram a formar a aldeia, citadas na página 45, ali morreram e seus corpos formaram o cemitério local. O cemitério está localizado acima da lagoa seca central, ao norte da aldeia. Esta lagoa secou com o passar dos anos, assim como a mina, segundo as narrativas. Os motivos de terem secado a lagoa e a mina, são atribuídos à mudança de temperatura.



Foto 7 - Rua Principal Bananal
Ferreira, 2008

A Aldeia Bananal hoje possui dois açudes, construídos pela própria comunidade, uma lagoa e a maioria das residências possuem poço, e água encanada. A distribuição da água encanada, oriunda de um poço artesiano coletivo, construído pela FUNASA, Distrito de Saúde Indígena de Mato Grosso do Sul, foi motivado pela quantidade expressiva de poços nos quintais das casas, sem cobertura ou outro tipo de cuidado, o que favorecia a proliferação de pássaros e morcegos.

A aldeia apresenta características urbanas desde sua criação, a princípio em ruas traçadas em linhas retas, desenhando quadras. Dispõe de água encanada e energia elétrica. A maioria das casas é construída de alvenaria e possui banheiro externo, com descarga e caixa de água. Ainda existem construções de bambu, cujos residentes são pessoas idosas. Estas residências tradicionais estão geralmente localizadas próximas de outras de alvenaria, onde moram familiares. Não existem calçadas. Há um posto de saúde, energia elétrica, igrejas, campo de futebol, telefone público e mercearias. Em observação, foi constatado que a maioria dos moradores possui televisão e aparelhos de som. Alguns possuem vídeos.

Simultâneo a essa organização ambiental, o ambiente político da aldeia foi se constituindo da seguinte forma: quando em 1906, chegou o alferes¹⁰, oficial do exército João Gomes da Silva, que não era da região e nem indígena, casou-se com uma jovem Terena e foi integrado à família da noiva, reforçando a tradição Terena de morar na residência da mulher. O novo casal ficou então reconhecido como membro da aldeia. Começou, a partir desse momento, a dividir o poder com as lideranças indígenas, segundo relatos de Altenfelder (1949). Por ser autoridade do exército, o alferes influenciou na nomeação do índio Manoel Pedro para ocupar o cargo de capitão da Aldeia Bananal. Esse fato é narrado pelo autor para explicar as relações de poder entre o ‘branco’, no caso o alferes com os índios Terena da Aldeia Bananal. Desse novo lugar, o Alferes comandava indiretamente a comunidade.

Em 1908, o cacique Manoel Pedro e membros da referida aldeia, entre os quais o senhor Marcolino Wollily, iniciaram a demarcação das terras, orientados pelo General Rondon que estivera fazendo o levantamento da área, em 1906. Em 1915, Marcolino Wollily foi indicado pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) para ocupar o cargo de capitão da aldeia. Saiu então o indígena capitão Manoel Pedro, indicação do alferes, e entra outro indígena, senhor Marcolino Wollily, agora por indicação do Estado.

¹⁰ Posto correspondente ao de Segundo Tenente

O termo capitão¹¹, atualmente, tem o mesmo significado que cacique, aquele que vai comandar as decisões da aldeia. É o representante mais importante da aldeia para relações externas. Conta com apoio do rezador ou pajé, aquela pessoa considerada com poder de cura, pelo conhecimento que possui, quando utiliza a planta correta para cada caso, de acordo com Altenfelder (1949).

Como capitão da Aldeia Bananal, Marcolino Wollily tomou a defesa dos interesses dos Terena, posicionando-se contra aos constantes abusos dos fazendeiros vizinhos. As terras da Aldeia Bananal eram alvo de cobiça entre os fazendeiros e posseiros, por possuírem matas e animais em abundância. Um outro fator que marca a atuação de Marcolino Wollily foi a sua conversão ao credo protestante. Crente, fazendo uso de sua condição de poder, conduziu parte da aldeia a seu novo credo (ALTENFELDER, 1949).

Os missionários protestantes da *Inland South América Missionary Caion*, que freqüentaram a aldeia foram, em 1920, expulsos da Aldeia Bananal, sob a acusação de instigar os Terena contra as autoridades do SPI. Contudo, em 1925, após cinco anos, retomaram suas atividades missionárias e voltaram à referida aldeia. Desde então, prosseguem na catequese dos Terena. Naquele contexto, as relações de poder estavam fragmentadas entre as lideranças indígenas Terena, a atuação do SPI e das missões protestantes.

Quase uma década depois, em 1933, Marcolino Wollily¹², líder indígena naquela ocasião, foi preso e destituído do posto de capitão da aldeia. A acusação foi de que fomentava uma revolta contra o SPI, poder estatal, cuja força foi se consubstanciando posteriormente na FUNAI. Naquele período, Altenfelder (1949) afirma que a Aldeia Bananal possuía três correntes dominantes: os protestantes, os católicos e o Estado/SPI. O SPI tentou um sistema de triunvirato, uma organização política que contemplava essas três correntes presentes na aldeia. Esse sistema não deu certo, pois aproximadamente em 1934, Marcolino Wollily retornou à chefia da aldeia. É considerado pelos seus patrícios da região do Bananal, o representante que mais se destacou, demonstrando autoridade, lutando e brigando pelos direitos e pela área da aldeia.

Azambuja (2006), neta de Marcolino Wollily, residente em Aquidauana, relata que sempre ouvia as histórias de seu avô, junto a seus irmãos e demais familiares. Seu avô

¹¹ O termo capitão foi intensamente utilizado há trinta anos, hoje adotam o termo cacique, que é um cargo definido através de eleição. A função do cacique é a de trabalhar para a comunidade levando em frente às reivindicações da aldeia para os poderes estatais do município, Estado e Federal. Tem poder de comando na aldeia, pode convocar reuniões e decidir as ações a serem tomadas juntamente com o Conselho Tribal.

¹² Existe hoje na Aldeia Lagoinha, aproximadamente três quilômetros da Aldeia Bananal, uma escola que leva seu nome, em homenagem a um dos homens que mais se destacou, cuidadoso com o entorno da aldeia em que vivia e tendo se tornado um respeitado líder da região.

gostava de contar sobre sua atuação na Aldeia Bananal e de como o governo (Estado/SPI), mandava arame farpado, machado, foice, entre outras ferramentas, para que pudessem cercar suas terras. Enviava também materiais para a lavoura e montagem de pequenas cercas para criação de animais.

Seu avô, Marcolino Wollily, (foto abaixo) usava esse material cercando as terras, tentando protegê-las dos fazendeiros que tinham terras no entorno. Tinham também preocupação de proteger as matas e os animais da região, para que os mesmos não se extinguissem com caças predatórias, realizadas pelos vizinhos não índios. Com a expansão da aldeia, as matas diminuíram e conseqüentemente a caça só podia ser encontrada com mais distância, sendo necessário percorrer vários quilômetros para encontrá-la.

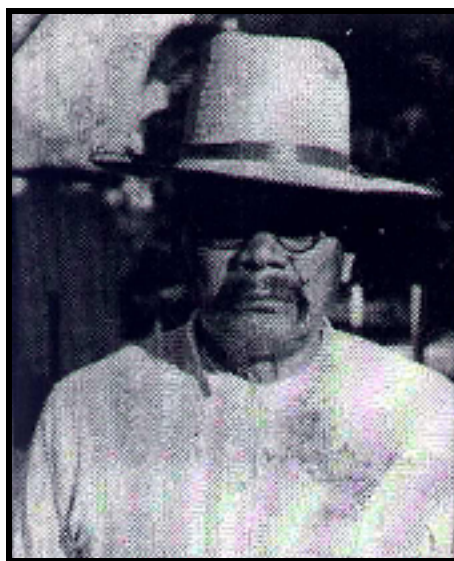


Foto 8 - Marcolino Lili
Fonte: Arquivo da Família “Lili” de Aquidauana, 2008

No entanto, a administração estadual do SPI, localizado em Campo Grande, não entregava o material para delimitar a terra. Esse fato motivou o desentendimento entre o cacique Marcolino Wollily e o governo estadual, justificava o seu avô. A revolta pela não entrega dos materiais ocasionou o episódio de contestação que levou o cacique Marcolino Wollily à prisão.

Azambuja (2006) explicou que o nome original de seu avô era *Kayanae Wollily* e que o nome Marcolino Lili foi atribuído por um fazendeiro da região, devido à praticidade da escrita e da fala. Atualmente a abreviação ‘Lili’ permaneceu e é utilizada como sobrenome aos seus descendentes. O significado de *Kayanae* quer dizer o termo ‘crânio’, significando que o menino que acabara de nascer se tornaria, ao crescer, uma pessoa sábia. O termo *Wollily*

significa ‘fonte de água’, com o sentido de perpetuação de vida, em termos gerais podemos inferir ‘crânio’ = ‘sabedoria’ + ‘fonte de água’ = ‘perpetuação da vida’.

A relação de poder atualmente na aldeia está distribuída entre os segmentos: protestantes, católicos, Estado (FUNAI/Chefe do Posto), Escola Municipal e comunidade. Quando elegem a figura de um capitão, para representar a comunidade Terena da Aldeia Bananal e foi para ajudá-los a resolverem problemas relacionados no cotidiano da aldeia e fortalecerem esse poder na composição de um Conselho Tribal. Conforme Miranda (2006):

[...] a escolha dos caciques se dá por meio de votação comunitária, este por sua vez, quando eleito, escolhe os indígenas para fazerem parte do Conselho Tribal. O critério atual que se observa com maior frequência, na escolha do Conselho Tribal, adotado pelos caciques, é escolher as pessoas que tenham maior representatividade dentro da comunidade para facilitar a governabilidade de seu mandato. O presidente do Conselho é de sua inteira confiança e os demais são negociados, de tal forma que toda comunidade é contemplada na administração interna (2006, p.47).

Embora a explicação do autor não deixe claro se as mulheres, os jovens e adultos em geral também votam, ou se o direito de votar fica com o segmento masculino, conforme o modo de ser Terena, Azambuja (2006) relata que antigamente só os homens votavam, depois as mulheres passaram a votar. Hoje, seguindo os moldes ocidentais, os jovens a partir de 16 anos também ajudam a escolher o cacique da aldeia. Os conselheiros que irão compor o Conselho Tribal são indicados pelo cacique e são cargos de confiança. Esses conselheiros cumprem o papel de servir de assistente social em todas as dificuldades familiares, conforme Nascimento (1996).

2.2 Relações com o ambiente

Conforme Altenfelder (1949) o pajé Terena utilizava dois instrumentos nas mãos, uma cabaça cheia de sementes ou pedrinhas em uma das mãos e um tufo de penas de ema¹³ na outra. Seu corpo era pintado com desenhos simétricos, vestiam e utilizavam um saiote e com passos lentos e compassados movimentavam-se ao ritmo de um cântico.

De acordo com Schaden (1963), os seres sobrenaturais que rodeavam os Terena eram, na maioria, almas de plantas, de animais ou de índios mortos. O sucesso na agricultura, na caça, na guerra e no amor poderiam ser favorecidos mediante a ação dos pajés. Segundo o

¹³ No original o autor usa a designação avestruz, contudo essa ave não é própria do país. O uso do termo deve-se a identidade do autor.

autor, os Terena temiam a volta dos mortos e procuravam cortar as conexões com eles queimando suas propriedades, e os utensílios do morto eram enterrados com eles. O pajé era o mediador entre os dois mundos. Para Gianini (1988, p. 152) o xamã “tem o poder de transitar tanto no mundo dos homens como no mundo da natureza. [...] Vivencia, compartilha e se comunica com estes domínios”.

Quando doentes, os Terena consultavam o pajé, *koichomúneti*. Geralmente, as doenças e infortúnios eram causados pelo espírito de um inimigo, sendo curados com a aplicação de folhas e de raízes, conforme o saber do pajé. Sua habilidade em conhecer a flora do ambiente era o mais forte elemento de intervenção, associado aos espíritos protetores. Os seres protetores eram evocados durante um grande evento anual chamado “Festa *Oheokoti*”, na qual os que tinham a função de pajé evocavam os espíritos dos mortos da aldeia, com o objetivo de apaziguá-los e pedir-lhes assistência. Eles eram sempre chamados para interceder, curando doenças, afastando as más influências, prevendo o futuro e atuando, favoravelmente, em negócios amorosos ou nas desavenças. A proteção das lavouras e das colheitas era também solicitada a esses seres.

Os tempos mudaram. O pajé, que também é conhecido por rezador, ou benzedor e, no caso feminino, a pajé, rezadora ou benzedora, segundo as recentes entrevistas para fins deste estudo, são pouco solicitados entre os Terena da Aldeia Bananal. Contudo, os ‘benzedores’ e ‘benzedeiras’ que curam através de rezas e infusões com ervas medicinais da região, resistem e colocam-se à disposição de seu povo. Utilizam seus saberes retirando do meio ambiente o material necessário a ser utilizado nas curas. Em entrevistas com os idosos, relatam que o prestígio dos benzedores e das benzedeiras caiu um pouco. Sem apontar causas, argumentam que a entrada de médicos ocidentais, que curam ‘doenças’ que os pajés não conseguem curar, está ocupando um lugar significativo entre o grupo.

A permanência na aldeia, por breve tempo, permite visualizar o predomínio dos ritos católicos e protestantes. Ritos cristãos como: batizados, casamentos, festas comemorativas aos santos católicos e cultos evangélicos são constantes e expostas. A proteção, antes vinda dos espíritos, agora parece vir dos ‘padrinhos’, dos ‘compadres’ e dos ‘irmãos’, termos que exprimem as relações entre os adeptos de cada religião, aparentemente mais veladas. Alguns ritos Terena, como benzeções, pintura e vestimentas tradicionais aparecem durante as festividades do aniversário da cidade de Aquidauana, na Festa do Dia do Índio dentre outros, resistindo ao tempo e as pressões.

Conforme Azanha (2004), quando os Terena, de forma geral, falam em cosmologia e xamanismo, reforçam que essas comunidades, apesar do contato com os

colonizadores, ainda utilizam os poderes dos ‘porangueiros’, termo que também significa curador. Embora outras forças espiritualistas tenham sido adotadas pelos Terena da Aldeia Bananal e estejam bastante visíveis, os pajés, rezadores e rezadoras também estão presentes, embora este estudo não tenha priorizado aprofundamento nessa temática.

A pajé Miguelina da Silva, fotografada em 2007, está caracterizada com as vestimentas Terena. Ela se apresentou durante as comemorações do ‘dia do índio’ na aldeia Bananal com adereços e pinturas da tradição. A senhora solicitou que fosse identificada por “pajé espiritualista”. Sua atuação se dá no âmbito da aldeia Bananal e atende outras quando é procurada pela população do entorno, bem como de algumas pessoas da cidade. Os motivos solicitados para que interceda são: problemas de saúde de crianças, jovens e adultos, proteção às pessoas contra o mau olhado e a inveja, entre outros casos.



Foto 9 - Amipé, “Pajé Espiritualista” Terena
Fonte: Quinhones, 2007

O nome da senhora Miguelina da Silva, na língua Terena é *Amipé*, que quer dizer ‘lutadora’. *Amipé* fez apresentações de sua pajelança na sede da Organização das Nações Unidas - ONU, em 2005, quando houve reunião entre pajés espiritualistas de etnias diferentes de várias partes do mundo. Segundo a pajé, sua demonstração foi muito elogiada.

2.3 Educação Terena e o Contexto Ambiental

O idioma Terena é utilizado no cotidiano da Aldeia Bananal por adultos, idosos e crianças. Os mais jovens, matriculados na escola, sistematizam o idioma com os professores. A aldeia possui uma escola, construída em 1944, pelo estado, no período em que não existia nenhuma outra escola na região da área indígena. Uma aldeia com prédio para escola fez da mesma uma referência em toda a região, atraindo indígenas ao entorno da aldeia, que queriam frequentar a escola ali existente.

A denominação Escola Municipal Indígena “General Rondon”, foi uma homenagem ao General Rondon que desde o início da demarcação da aldeia, acompanhou todo o processo. Está localizada na Aldeia Bananal, Distrito de Taunay, no município de Aquidauana, com Ato de Criação n. 274, de 11.03.1911, teve nova denominação por Lei Municipal n. 1580, em 12.09.1995, tornando-se Escola Municipal Indígena.

A área total do terreno é de 3.500 m² e a área construída é de 500 m², sendo 09 salas de aula, 01 secretaria, 01 cozinha, 02 depósitos, sala de professores e banheiros. A referida escola conta com 313 alunos matriculados do nível educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental e 45 alunos cursando a educação de jovens e adultos.

Trabalham com estes alunos, 20 professores da rede municipal de ensino de Aquidauana, estando todos habilitados em cursos de licenciatura oferecidos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Aquidauana e 13 pessoas do grupo administrativo.

Seu horário de funcionamento é matutino e vespertino das séries iniciais até o ensino fundamental e educação de jovens e adultos no período noturno.

Um dado significativo é o de que os professores que atuam na educação infantil até a 5ª série, são indígenas Terena, em sua maioria falante da língua terena, os professores de 1ª a 4ª série, sujeitos de pesquisa deste trabalho, estão abaixo relacionados e formam um conjunto de 07 professores.

Do total de professores, 05 fizeram o Curso de Pedagogia Interinstitucional, realizado pela UFMS/campus de Aquidauana, específico para formação de professores em serviço.

Uma das professoras, a P 3, possui especialização em Gestão Escolar e iniciou Mestrado em Educação na UCDB, em 2008. Outra professora, P 2, também foi aprovada na seleção de Mestrado da mesma universidade.

Tabela 1 – Professores Terena e sua formação

Professor (a)	Série	Formação	Sexo	Mora na aldeia
P 1	2ª série	Mag.+pedag.	Feminino	Não
P 2	2ª série	Pedagogia	Masculino	Sim
P 3	1ª e 3ª série	Pedag + espec.	Feminino	Sim
P 4	Pré – escola	Administração	Feminino	Sim
P 5	Pré – escola	Magistério	Feminino	Não
P 6	1ª série e 1ª a 4ª	Pedagogia	Masculino	Sim
P 7	4ª série	Pedagogia	Feminino	Sim

Fonte: Entrevista com professores na Escola Municipal Indígena Marechal Rondon

Todos têm em comum ser da etnia Terena, dominarem a língua na escrita e falada e foram educados na aldeia. Apenas 02 professores não moram na Aldeia Bananal, mas habitam na Aldeia Ipegue, que fica no entorno da região do Bananal.

A seguir abordaremos a entrevista aplicada aos professores da Aldeia Bananal. Durante a entrevista, ao perguntar para os 07 entrevistados, “qual a percepção de alteração no meio ambiente atual”, os dados foram os seguintes: 4 professores afirmaram ser o desmatamento o causador da alteração; outros 3 a poluição; 4 repetiram a falta de água e 2 atribuíram às queimadas. Quando se referiram à poluição, ficou subentendido que se tratava da poeira. Com o vento e o movimento de carros, a poeira se levanta e se espalha sobre a aldeia, principalmente no período de seca. Portanto, o termo “poluição” não corresponde ao comum na vida urbana, composto por fuligem e gases poluentes dos carros e fábricas. Já o desmatamento e as queimadas, de forma abusiva, estão presentes sim na aldeia e no seu entorno. Sobre a água, a Aldeia Bananal mesmo dispondo de encanamentos, de poços artesianos e de lagoa, quando atravessam o período da seca os poços e as lagoas diminuem substancialmente a quantidade de água.

Quando a pergunta tratou de “fauna”, os 07 professores de forma geral se reportaram à caça, dizendo que os animais estão afastados da aldeia e a caça é pouca. A flora, na especificidade das plantas medicinais, foi lembrada nos remédios caseiros conhecidos na aldeia, tais como: marcela, carqueja, entre outras. Essas plantas são utilizadas pelo pajé em suas indicações para tratamentos. O que predominou nas respostas foi a indicação de diminuição de árvores no local.

Quando perguntado “quais eram as percepções para melhorias do meio ambiente”, dos 07 entrevistados, quase todas as respostas foram semelhantes apontando o fato de recuperar o ambiente com replantio de árvores para arborização. Citaram árvores com flores,

árvores com frutas e plantas medicinais; o cuidado com a água, a manutenção das nascentes, a preocupação com a diminuição de peixes, de animais silvestres e a preservação das matas para manter as árvores frutíferas nativas.

Tabela 2: Percepções para melhoria do meio ambiente

Plantio de árvores para arborização	07
Plantio de árvores com flores	04
Plantio de frutas (árvores frutíferas)	04
Plantio de plantas medicinais	04
Cuidar da água, nascentes	07
Aumento de peixes	04
Aumento de animais silvestres	04
Frutas nativas	03

Fonte: Entrevista com professores na Escola Municipal Indígena Marechal Rondon

Apesar de relatarem a diminuição de árvores, quase todas as residências possuem em seus amplos quintais árvores frutíferas e algumas espécies nativas. Existe ainda a dificuldade de se plantar devido ao enfraquecimento do solo

O empobrecimento do solo não é recente, começa com a invasão dos ‘brancos’ em seus territórios, já citadas em páginas anteriores, iniciando uma forte degradação do ambiente. Isso influenciou até na produção das frutas e no quase desaparecimento de frutas nativas.

A cultura de roças está cada vez mais fragilizada. O que se plantava ontem, hoje já não se planta mais, afirma P 4: “o que mudou aqui mesmo foi que o pessoal daqui não planta mais arroz, difícil plantá, feijão, pouco plantação que existe aqui”. Mesmo a matéria prima para a confecção das roupas, fibra de buriti ou sementes nativas para tecelagem dos artesanatos, não se tem mais nas proximidades da Aldeia Bananal.



Foto 10 - Índias Terena Dançando 1
Fonte: Quinhones, 2007



Foto 11 - Índias Terena Dançando 2
Fonte: Quinhones, 2007

Nem para ensinar aos alunos e aos mais jovens para confeccionarem suas roupas, como foto acima, na apresentação para o Dia do Índio, onde as jovens índias Terena se apresentaram com roupas de juta e colares com sementes artificiais.

Os novos contextos ambientais trouxeram o problema dos produtos industrializados, que transformaram a alimentação da aldeia e trouxeram muitos prejuízos à saúde indígena, como os males da pressão alta e do diabetes, explicaram.

Conforme Junqueira (2002, p. 14), “em antropologia, convencionou-se que os padrões de comportamento, as instituições, os valores materiais e espirituais de um povo são a sua cultura. Assim, toda sociedade possui uma cultura, elaborada e modificada no decorrer da sua história”. O percurso histórico Terena, focando a Aldeia Bananal, indica que o ambiente da natureza sofreu graves transformações. As relações de poder com o não índio, a permanência e as mudanças trazidas por Rondon, os acordos estabelecidos no século passado, principalmente o de aprenderem a trabalhar como o ‘branco’ compõem um processo histórico de desmanche do ambiente natural circundante e do ambiente cosmológico desse povo.

Hoje, os índios professores denunciam as seqüelas desse meio ambiente alterado e indicam o que pode ser feito. O entrevistado P 3, ao rememorar as frutas da aldeia, explicou:

[...] que eu me lembre, tem uns tempos, quando a gente era tempo de criança, a questão da guavira. Hoje eu tenho uma filha com 7 anos e ela não conhece o que é a guavira. A preocupação agora é tentar correr atrás para, pelo menos, conseguir essa fruta para ela conhecer.

Embora o teor da resposta se volte para preocupações com sua filha, o entrevistado traz uma inquietude coletiva, de sua cultura, quando todos usufruíram dessa fruta silvestre e organizaram suas vidas em relação ao tempo das respostas da natureza. As alterações ambientais afetaram de forma consistente a relação com a natureza e a coleta. Na fala do entrevistado P 6 (2007), ele se reporta à extinção de outros elementos naturais, ou seja:

[...] concordo também que a gente precisa fazer um reflorestamento, principalmente aqui na nossa área indígena que está perdendo com a extinção dos animais e falta de água. A gente precisa mesmo é conscientização da população da nossa região daqui da Aldeia Bananal.

P 6 em uma breve síntese, faz indicações para iniciar um reflorestamento, cuidar da água e principalmente desenvolver uma conscientização da comunidade para com o ambiente da natureza. Os entrevistados, de forma geral, citaram alguns elementos presentes

nas narrativas mitológicas. Por exemplo: o ‘fogo’ foi lembrado porque aquece, une, protege e era também utilizado para limpar a terra que seria utilizada no plantio da roça. A memória dessa queimada para fins de limpar a roça não é a mesma que tem ocorrido na região, dos dias atuais. De acordo com Moran (1994, p. 276) “a queimada pode ser útil para se controlar espécies indesejáveis, eliminar o excesso de serapilheira, controlar insetos, preparar a sementeira, facilitar o deslocamento dos animais de criação e fertilizar o solo”. Afirma ainda que, a queimada periódica é necessária para eliminar o excesso de camada orgânica, evitar devastações por incêndios naturais de grandes proporções.

Esse comportamento, em que a queimada era uma aliada da agricultura, era usual e da tradição do povo Terena. No entanto, nas últimas décadas, o fogo foi adotado para limpeza do terreno, mas com os modernos recursos de controle ambientais, por exemplo, os satélites que captam toda ação que gere monóxido de carbono, o fogo passou a ser um vilão. Sob esse outro ponto de vista, ele passa a ser elemento de desunião por desabrigar e matar a biodiversidade, a fauna e flora, e por contribuir com o desequilíbrio do planeta.

A compreensão de meio ambiente recebeu muitas interpretações. Cada cultura afirma sua compreensão como verdadeira e essa forma de ver é tratada em Barth (1997), como etnocentrismo. Todos os grupos étnicos mantêm o etnocentrismo como forma de se firmarem nas suas identidades. Há muitas outras situações em que o etnocentrismo não é visto dessa forma, não tratados neste estudo.

De acordo com Brand (2003, p. 176), os indígenas têm conceitos distintos de natureza, diante de conceitos ocidentais. Natureza engloba o mundo dos animais, das plantas, dos elementos extra físicos, todos estão interligados. Suas cosmologias “explicitam como esses diversos níveis se articulam e interagem”. Nesse sentido, a seqüência do estudo foca na cosmologia Terena, circunstanciada a elementos ambientais para compreender as representações trazidas pelos professores.

A reflexão das representações dos professores indígenas Terena, da Escola Municipal Indígena “General Rondon”, da Aldeia Bananal, sobre a temática ambiental, se volta para os argumentos elaborados por Rajagopalan (2002) ao explicar que é através da representação que novas identidades são constantemente afirmadas e reivindicadas. A partir da representação dos indígenas Terena, as relações existentes entre os idosos, os pajés, os membros da comunidade e a escola, mostram como percebem o tema meio ambiente. A relação com a natureza da região, a visão dos professores entrevistados, os olhares subjetivos sobre a situação em que se encontra a aldeia e as possíveis soluções para alterar o ambiente.

As alterações que ocorrem na região da Aldeia Bananal foram aos poucos

emergindo nos relatos dos professores. A mitologia, aparentemente está em desuso, ainda perpassa o cotidiano embasando os valores atuais. As entrevistas relatam a percepção da mudança ocorrida não só na aldeia, mas também na região. Quando foi tratado com os professores sobre a existência ou não de preocupação por parte dos pais, dos caciques mais antigos e dos pajés sobre educação ambiental, ou seja, se transmitiam alguma orientação sobre a preservação do meio ambiente, os 07 professores foram unânimes quanto à resposta: nem os pais, nem os caciques, nem os pajés mostravam preocupação. Conforme relato de P1(2007):

Antigamente os pais não tinham muita preocupação em passar isso para nós, sobre educação ambiental, não demonstrava essa preocupação. Mas hoje nós percebemos que houve muito desmatamento, muitas queimadas, animais que existiam antigamente, hoje não tem mais. Até os rios que tinham antes, que as crianças iam passear, iam se divertir, hoje também não existe mais. Então, nós professores tentamos passar isso para os alunos. Essa conscientização da preservação ambiental, principalmente da Aldeia Bananal, da aldeia Ipegue, das aldeias da região aqui de Taunay.

Os professores indígenas não receberam a transmissão dos mais velhos sobre a prevenção do meio ambiente, certamente por ser um problema relativamente recente, diante da crença de senso-comum de que a natureza seria inesgotável. Daí, que hoje sentem-se inquietos, com a preocupação de conscientizar os alunos em sala de aula. Essa inquietude é uma das tensões vindas com as relações de contato, pela proximidade com a urbanização e simultaneamente um afastamento, ou aparente esquecimento dos valores mitológicos.

Foi observada, também, a preocupação com o futuro. Quando citado “hoje [...] nós tentamos passar [...] a conscientização da preservação ambiental”, indica a percepção das transformações ocorridas na aldeia. Quando afirmam: “nós vimos já a transformação, então agora é hora de nós passarmos para nossas crianças essas conseqüências que o ambiente poderá trazer para nós, assim podemos continuar conservando e falando do meio ambiente”, indicam que a representação do meio ambiente tomou uma dimensão nova, imprevista, adquirida na dinâmica das mudanças históricas, ou no dizer de Hall (2003) as representações atuam simbolicamente dando significados à identidade e à diferença.

Nesse contexto de ‘preocupação’ em que os professores se referem, emergem ambigüidades envolvendo os valores tradicionais e a globalização. Para Marin (2006, p 315), o “processo de globalização constitui o contexto histórico de fundo, onde surgem as mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais, que nos obrigam a repensar a educação e a defesa vital da diversidade cultural”. A globalização faz parte de um processo de dominação

econômica e cultural, motivos que levam o autor a destacar a educação e a diversidade cultural, tão importante quanto a biodiversidade.

Esse processo de globalização fica mais exposto quando a TV, o rádio e jornais divulgam a degradação do meio ambiente ocorrendo nas cidades, nos países e afetando o planeta. As aldeias indígenas estão também expostas a esse contexto. Os professores da Escola Municipal Indígena “General Rondon” explicam aos seus alunos que o ato de jogar papel no chão contribuirá para a degradação do meio ambiente, assim como o lixo depositado nos diferentes pontos da aldeia. Embora o papel seja rapidamente absorvido, mas represente falta de higiene no cotidiano escolar, o mesmo não acontece com o plástico e outros componentes presentes no lixo acumulado e ao mesmo tempo espalhado por toda a Aldeia Bananal. Sem destino, os detritos se acumulam, trazendo um outro visual na paisagem da aldeia. O P 2 (2007), ao ser perguntado sobre a “pouca preocupação das pessoas mais antigas da aldeia”, respondeu:

[...] as pessoas mais antigas e os caciques não se preocupavam com o meio ambiente. Tanto que, na minha opinião acho que porque eles também não tinham muitos problemas ambientais como hoje. Então eles ficavam mais à vontade, mais tranquilos. Acho que esse é um tema muito novo, que está começando agora. Como é nacional, que atinge o mundo inteiro com certeza chega aqui na aldeia também.

Esse discurso confirma a abordagem de que a temática ambiental é recente, aos poucos ela vai se inserindo no cotidiano da aldeia. Os mais idosos não tinham a preocupação de que os elementos da natureza poderiam um dia faltar. Essa visão de um mundo regido por uma natureza inesgotável, era própria de relações grupais locais, em que a visão planetária global não era acessível e seus modos de vida pouco ou nada afetaram a natureza. Atualmente, com a visão ampliada e diante da avalanche de informações e das conseqüências dessa nova realidade, sentem-se responsáveis por desenvolver políticas ambientais voltadas ao meio, principalmente entre grupos étnicos.

A Aldeia Bananal em seus áureos tempos ambientais, quando havia caça e pesca à vontade, frutas nativas variadas e a tranquilidade de um ambiente circundante satisfatório e à disposição, não poderia ser fonte de preocupação do grupo étnico que compunha aquele contexto.

Retomando a perspectiva de preparar para o futuro, o relato do entrevistado P 5 (2007) mostra que “[...] o nosso objetivo na sala de aula é passar para as crianças que não é

mais como antes. Hoje eu vejo que está totalmente mudado. Nossa preocupação é passar isso para as nossas crianças. Isso que a gente está fazendo em sala de aula [...]”. Com essa afirmativa pode-se inferir que a educação ambiental relacionada ao meio ambiente está sendo trabalhada dentro da escola, embora não tenha ficado explícito de que forma isso acontece.

Nas considerações de Sato (2004), poderia haver um processo de aprendizagem permanente, cuja responsabilidade não seria somente profissional individual, como no caso da atuação do professor na escola Terena, mas sim, um trabalho coletivo, no sentido de que refletir sobre o que o ambiente desencadeia:

[...] valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. (SATO, 2004, p.17).

Os professores da Escola Municipal Indígena “General Rondon” preocupam-se e mostram anseios com o futuro, os quais podem ou não refletir os da comunidade. No contato com os alunos, em sala de aula, declaram que se não houver um comprometimento por parte de toda aldeia, o trabalho de recuperação ou de educação ambiental ficará comprometido.

Ao perguntar aos professores se houve alguma “mudança de quando eles eram crianças para a atualidade e se essas mudanças influenciaram ou têm influenciado na vida da comunidade, na aldeia e nas suas vidas”, as respostas foram unânimes quanto às transformações ocorridas dentro da aldeia, retratada na resposta de P 6 (2007): “[...] antes, tínhamos um córrego, hoje não tem mais, tinha muitas árvores, flores diferentes, hoje não tem mais, muito remédio caseiro, que hoje não usamos mais”.



Foto 12 - Lagoa Aldeia Bananal em tempos de seca
Fonte: Niz, 2008

Hoje alguns moradores possuem poços comuns em seus quintais, mas preferem a água encanada, que é distribuída na aldeia. Em determinados períodos a distribuição da água encanada é racionada, pois o poço artesiano baixa o nível da água.

Ao ser perguntado “o que poderia ser feito para melhorar o meio ambiente da aldeia e da escola” os 07 entrevistados foram unânimes em relação à água.

Explicaram que a questão do olho d’água limpo deveria ser preservada. Desde onde vai surgir a água até a água cair no córrego, ou seja, da nascente ao leito dos córregos. As lagoas e minas d’água que existem na aldeia estão comprometidas com a pouca quantidade de água, às vezes rareando em épocas mais secas do ano, como demonstra foto acima.

O trabalho com crianças de 1ª a 4ª série indica que serão elas as iniciantes no novo processo de preocupações, com relação ao meio ambiente. As gerações anteriores não receberam informações sobre os cuidados com o futuro ambiental da Aldeia Bananal e é bastante provável que o trabalho desenvolvido na Escola Indígena contribua para reverter o processo de degradação ambiental já instalado. No entanto, a iniciativa de atuar na escola é apenas um passo. Conforme Reigota (1998, p. 35), “os conteúdos mais indicados devem ser originados do levantamento da problemática ambiental vivida cotidianamente”. A escola, de posse de levantamentos, a exemplo da contribuição do presente estudo, pode problematizar as tensões de ordem política interna, circunstanciadas por políticas municipais, estaduais e nacionais, de forma a que o aluno seja vetor de uma reflexão que instigue a família, contagiando a comunidade.

2.4 Meio Ambiente na Educação Escolar

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998), no sub-item ‘Temas Transversais’, trata de questões que permitem elaborar um “elo de discussão entre as áreas de estudo, para que passem todas a servir a um projeto social definido pela comunidade”. Os temas transversais são: (1) Terra e conservação da biodiversidade; (2) auto-sustentação; (3) direitos, lutas e movimentos; (4) ética; (5) pluralidade cultural e (6) saúde e educação.

Embora todos os temas estejam inter-relacionados, para atender a um dos objetivos específicos do presente estudo, destacaremos apenas os temas: (1) Terra e conservação da biodiversidade e (2) auto-sustentação. No RCNEI (1998, p. 93) a temática da terra (1) está “profundamente relacionada com a vida, a saúde e a existência dos povos indígenas”. A terra significa para muitos povos a ‘mãe’ por gerar toda a natureza que alimenta

a vida. No Brasil, de forma geral, as terras indígenas estão sob as ganâncias de toda ordem, desrespeito com as fronteiras étnicas, uso predatório dos recursos naturais, dentre outros fatores de ordem política que afetam intensamente as condições sócio-ambientais dos territórios indígenas.

Conforme o referido documento as políticas governamentais que substituem o processo de plantio com sementes pré-colombianas por outras sementes híbridas contemporâneas, traduzem o descaso, não só com a auto-sustentação dos grupos indígenas, mas também com a riqueza biogenética que faz parte dos saberes de muitos povos. As sementes pré-colombianas, para os Terena da Aldeia Bananal, podem ser consideradas “dádivas” (MAUSS, 2005), no sentido de que perdê-las pode significar o mesmo que ocorreu entre os povos *Kaxinawá*, que ao perderam suas sementes tradicionais, tiveram como consequência a fome. Portanto, desenvolver na escola reflexões sobre a necessidade de preservar sementes tradicionais reforça sua índole de agricultor, de fonte mitológica. Esse estudo reflexivo pode ser realizado nos conteúdos de geografia e de ciências, principalmente, sugere o RECNEI (1998).

Além do mais, refletir sobre a origem mitológica das sementes, no estudo das questões da terra e da biodiversidade, trazem as explicações culturais de cada povo, seus modos e representações que devem ser valorizados, também na escola. O tema terra e conservação da biodiversidade objetiva ainda conhecer a Constituição de 1998 que assegura o direito a terra e seu usufruto; valorizar a biodiversidade existente em áreas indígenas; identificar as áreas indígenas existentes no Brasil e os valores de relação com o seu *habitat*; reconhecer a riqueza biológica de sua área indígena e do Brasil; valorizar o meio em que vive, destacando a biodiversidade existente nele; reconhecer os materiais existentes na natureza que possibilitam as manifestações artístico/culturais de seu povo e, conhecer e discutir a questão das terras indígenas e a situação fundiária no Brasil (RCNEI, 1998, p. 96).

A temática (2) auto-sustentação é um tema relacionado ao presente estudo e extremamente significativo para os povos indígenas, devido às dificuldades que enfrentam para a sobrevivência, relacionada ao uso dos recursos naturais. Um outro ator é que a auto-sustentação relaciona-se com a terra e a valorização de cada cultura. Em períodos anteriores muitos povos indígenas eram autônomos, produzindo suas roupas, remédios, alimentos, moradias, entre outros elementos. Atualmente, com a aceleração do contato foram estabelecidas relações de maior dependência para a sua sustentação. Há muitos casos em que o trabalho fora da aldeia os transforma em ‘assalariados’. A luta para se manterem autônomos e se auto-sustentarem está “não no sentido de se isolar, mas de poder relacionar-se com a

sociedade envolvente, com dignidade, respeito, com direitos e deveres a cumprir em vários setores: e instâncias a qualquer hora e em qualquer lugar neste país”. Este tema é transversal, atravessa as aprendizagens de matemática, de língua terena e portuguesa, de geografia, história, ciências e arte, sugere o RCNEI (1998, p. 96).

Ao solicitar autorização para observar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena “General Rondon”, foi explicado que o objetivo era o de averiguar o tema meio ambiente, no contexto geral do documento. A escola não dispunha do referido documento nos seus arquivos. O PPP se encontrava na Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana. Esse fato causou estranheza por adotarmos a compreensão de que o PPP é um documento que referencia todas as ações da escola, quando elaborado por sua própria equipe e comunidade. Segundo Vinha e Ramos (2006):

A elaboração ou a adequação da proposta pedagógica pela escola deve ser vivenciada em todos os momentos e por todas as pessoas envolvidas no processo educativo. Isto se justifica, pois a proposta pedagógica da escola é política e posiciona-se quando expressa o compromisso com a formação do cidadão (2006, p.).

O PPP da Escola Municipal Indígena da Aldeia Bananal, consistia, no período deste estudo em uma cópia padrão, oferecida pela Secretaria Municipal de Educação de Aquidauana. Em 2002 foi revisado contando com o apoio de uma equipe representante da comunidade composto por professores, de 04 funcionários, 07 alunos e 04 pais. As escolas, por motivos não buscados nesta investigação, não se organizaram e estão comprometidas com uma qualidade que não é a já conquistada legalmente. No texto do PPP padronizado, não consta o termo “ambiente”, “terra”, “territorialidade”, “mitologia”, “diferença”, dentre outros que contribuem para que a escola seja indígena.

Os Terena e todos os seus ambientes não estão explicitados no documento, principalmente as relações de poder que lhes dão força e autonomia para revisarem a natureza que os envolve. Está contemplada a implantação de alfabetização na língua Terena e a garantia do resgate da língua Terena, ponto significativo, pois a língua e as demais linguagens de cada povo traduzem seus modos de ser e suas mitologias.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES INDÍGENAS TERENA

3.1 Mitologia Terena e alguns vínculos com o meio ambiente

De acordo com Diegues e Arruda (2001, p. 2) é importante “analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que essas populações constroem, pois é com ele que agem sobre o meio natural”. Nesse sentido o presente estudo fez um recorte buscando compreender as representações sociais relacionadas ao meio ambiente com foco nos professores Terena da aldeia Bananal.

De forma geral, todos os povos apresentam uma origem em forma mitológica. Por ser uma criação simbólica, o mito é diferenciado em cada sociedade. Mito é compreendido como “narrativa sacra, envolvendo seres sobrenaturais e incorporando a *conscience collective*, o mito é entretido de crenças populares a respeito da humanidade e do mundo social, bem como da natureza e significado do universo” (SHORE, 1996, p.469).

Reforçando essa compreensão, Silva (1998) explica que cosmologias e mitos são meios de reflexão de um povo sobre sua vida e sua história. Refletem suas experiências e constroem-se ao longo do tempo. Estes seres sobrenaturais encontram-se fora da compreensão humana, ficando acima das leis físicas, em uma dimensão que extrapola as quatro dimensões conhecidas: altura, largura, profundidade e tempo.

De acordo com Rosenfeld (2005) cosmologia é a ciência que estuda a estrutura, evolução e composição do universo. Estrutura é o problema da forma e da organização da matéria no universo; evolução são as diferentes fases pelas quais o universo passou; composição é daquilo que é feito o universo. Várias questões sobre nosso universo instigam a nossa mente.

Para Elias (2008) todas as civilizações tiveram ou têm a sua cosmologia, através da qual interpretam a realidade e se relacionam com ela. São as explicações para as origens do universo, da vida e da natureza como um todo, cheias de lendas e mitos. Os índios, por

exemplo, têm uma concepção do universo que privilegia a natureza, sua fonte de sustento. Essa relação dos índios com a natureza é estabelecida pela forma como eles compreendem o cosmos. Na visão indígena, o homem é parte integrante da natureza e que deve relacionar-se de igual para igual com o meio ambiente.

O estudioso Herbert Baldus, antropólogo que teve contato e trabalhou com povos Terena, durante as visitas que fez aos postos indígenas do estado de São Paulo, em 1947, transcreveu a seguinte versão do mito que fundamenta a visão de mundo desse povo:

Diz que antigamente não havia gente. Bem-te-vi, *vítuka*, descobriu onde havia gente debaixo do brejo. Bem-te-vi marcou o lugar aos *Orekajuvakái* que eram dois homens e estes tiraram a gente do buraco. Antigamente, *Orekajuvakái* era um só e quando moço a sua mãe ficou brava, pois *Orekajuvakái* não queria ir junto com ela à roça, foi a roça, tirou foice e cortou com ela *Orekajuvakái* em dois pedaços. O pedaço da cintura para cima ficou gente, e a outra metade também. Antes de tirar a gente do buraco, *Orekajuvakái* mandaram tirar fogo, *Iukú*. Pensaram quem vai tirar fogo. Foi o tico-tico, *Xavokóg*. Ele foi e não achou fogo. Depois foi o coelho, *Kanóu*, e tomou o fogo dos seus donos, os *Tokeóre*. O *Konóu* chegou onde estava os *Orekajuvakái* e foram fazendo grande fogueira. Gente levantou os braços e *Orekajuvakái* tirou do buraco. Toda gente era nu e tinha frio e *Orekajuvakái* chamaram para ficar perto do fogo. Era gente de toda raça. *Orekajuvakái* sempre pensaram como fazer falar esta gente. Mandaram-na entrar em fileira um atrás do outro. *Orekajuvakái* chamaram lobinho, *Okué*, pra fazer rir a gente. Lobinho fez macacada, mordeu o próprio rabo, mas não conseguiu fazer rir. *Orekajuvakái* chamaram sapinho, aquele vermelho, *Kalaláke*. Este andou como sempre anda e a gente começou a dar risada. Sapinho passou a ida e volta ao longo da fila três vezes. Aí a gente começou a falar e dar risada. *Orekajuvakái* ouviram que cada um da gente falou diferente do outro. Aí separaram cada um a um lado. Eram gente de toda raça. Como o mundo era pequeno, *Orekajuvakái* aumentou o mundo para o pessoal caber. *Orekajuvakái* deu uns carocinhos de feijão e milho e deu mandioca também e ensinou como se planta. Deu também semente de algodão e ensinou como tecer faixa. Ensinou fazer arco e flecha, ranchinho, roçar e plantar - relato oral de Antônio Lulu *Kaliketé*, traduzido para o português por Ladislau *Haháoti* (BITTENCOURT, 2000, p. 23).

Na mitologia Terena *Orekajuvakái*, um ser mitológico, foi chamado por sua mãe, que queira que ele fosse com ela na roça. Como ele não quis acompanhá-la, a mãe ficou brava e cortou-o em dois pedaços. O pedaço da cintura para cima ficou uma pessoa e a outra metade formou uma segunda pessoa. Esse simbolismo representa a sociedade Terena organizada em duas partes, explica Altenfelder (1949).

De forma semelhante, esse simbolismo está registrado em Lévi-Strauss (2007), ao citar os indígenas *Tupinambás*, habitantes na costa do Brasil à época do ‘descobrimento’,

assim como representações semelhantes foram encontradas pelo autor entre indígenas do Peru. As narrativas versam sobre uma mulher índia casada que foi seduzida por um outro ser. Dessa relação nasceram gêmeos, sendo uma criança do pai legítimo e a outra do pai sedutor. Segundo Lévi-Strauss, de forma geral, mitos representados por gêmeos possuem características diferenciadas: um é corajoso e o outro covarde; um oferece bens aos índios e o outro é responsável por uma série de desgraças ao seu povo. De acordo com o autor, entre os indígenas *Kootenay*, da região do Canadá, há outra versão sobre gêmeos. Nesta versão há apenas uma fecundação, da qual nascem gêmeos e mais tarde esses gêmeos se tornam um a Lua e o outro o Sol.

No caso mitológico dos gêmeos Terena, não fica claro sobre o tipo de fecundação, ou se foram fruto de sedução. O relato mitológico Terena trata de apenas um ‘ser’ que ao desobedecer a sua mãe foi cortado por ela e se transformou em dois seres, representando uma sociedade polarizada. As duas metades de *orekajuvakái* constituem a organização social com duplicidade de chefia e a polaridade *chumo-onô* e *sukiriki-onô*, conforme Altenfelder (1949).

Essas polaridades eram/são festejadas quando os Terena realizavam uma festa anual, na época de colheita, quando as duas metades assumiam comportamentos distintos: os *chumo-onô* mostravam-se brincalhões e turbulentos e os *sukiriki-onô* mostravam-se sofredores, sem revidar as brincadeiras. Respectivamente, o primeiro representa a juventude e o segundo representa a maturidade, explica o autor. Em cada aldeia havia sempre representantes das duas metades, cada uma das metades era subdividida em quatro categorias, a saber: a dos nobres, a dos guerreiros, a dos plebeus e a dos cativos.

Hoje, essas categorias são pouco visíveis e são necessários estudos mais aprofundados que apontem como e de qual forma estão representadas essas metades.

O ambiente social marcado por essa representação social dual foi relatada por Altenfelder (1949) ao explicar uma característica desta sociedade, que é a endogenia, no sentido de se organizarem predominantemente em um sistema em que o casamento se dava entre pessoas aparentadas. O autor explica que com o passar dos anos, os costumes ou os modos de estabelecerem relações de casamento foram se modificando. Hoje, existe a fase do namoro prévio, em seguida o rapaz oficializa o pedido aos pais da noiva. O fato de uma cerimônia de casamento ficar muito cara atualmente, principalmente por seguir o modo ocidental, os noivos Terena passam a morar juntos. Com a ajuda dos missionários, católicos ou protestantes, posteriormente o novo casal oficializa a relação no religioso, seguindo o rito da noiva vestida de branco e com véu e o noivo adotando o terno e gravata. Se antes o casamento era sancionado pelo pai da noiva e familiares, utilizando o mel para confeccionar

bebidas oferecidas no rito de casamento, representando a nova aliança e estreitando laços de cooperação entre famílias; hoje é muito comum o ‘bolo de casamento’ ocupar essa representação.

Aproximadamente meio século, Altenfelder (1949) observou que existia uma combinação prévia do casamento pelos pais dos noivos. Naquele período o novo casal era integrado à família da mulher e o rito do enlace ocorria no modo Terena, ou seja: os noivos sentavam sobre um tapete, ou esteira de *piti*¹⁴, denominado *huturi*. Sobre o tapete, os Terena nasciam, viviam e morriam.

Hoje esse tipo de tecelagem vegetal em forma de esteira, confeccionada pelos Terena está aparentemente em desuso. Os motivos vão desde a quase impossibilidade de encontrar essa vegetação no ambiente no entorno da aldeia, quanto às novas relações de contato que trouxeram outros ‘móveis’, como a cama e o sofá.

Esse contexto ambiental presente na versão trazida por Baldus, foi detalhada nos sub-itens a seguir, visando dialogar com os componentes ambientais, presentes na narrativa mitológica Terena. Foram cinco componentes ambientais, sem ordem de importância hierárquica, que parecem contextualizar o modo de vida desse povo e suas representações sobre o ambiente.

3.1.1 Bem-te-vi - *Vítuka*

Como primeiro componente presente no relato mitológico selecionado neste estudo, destacamos o pássaro bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*). Essa ave é insetívora, come todo o tipo de comida, devora centenas de insetos diariamente, o que confirma o motivo de sua presença em lavouras. Ingerem também frutas e flores de jardins, ovos de outros passarinhos, minhocas e outros seres da mata (WIKIPÉDIA, 2008).



Foto 13 – Bem-te-vi
Fonte: Saúde Animal, 2008

¹⁴ Feito com palha, vegetal de algumas gramíneas desidratadas.

Na narrativa mitológica Terena este pássaro anunciou a presença de vida, ainda quando se encontravam no buraco mitológico, ou seja, quando estavam sem relações humanas. “Diz que antigamente não havia gente. Bem-te-vi, *vítuka*, descobriu onde havia gente debaixo do brejo. Bem-te-vi marcou o lugar aos *Orekajuvakái* [...] e estes tiraram a gente do buraco”. (LADEIRA E BITTENCOURT, 2000, p. 23) Esse elemento mitológico Terena tem um valor na sabedoria popular da região pantaneira. Segundo moradores da Aldeia Bananal e região de Aquidauana, o bem-te-vi está sempre anunciando algum fato. Por exemplo, quando pousado em cima da casa de alguma família, que tenha filha moça, o pássaro pode estar denunciando a gravidez da jovem. No caso mitológico Terena, o bem-te-vi anunciou, também, a presença de vida humana, e a partir daquele momento eles passavam a existir como pessoas.

3.1.2 Fogo - *Iukú*

Um segundo componente ambiental encontrado no relato mitológico Terena é o fogo. O fogo é imprescindível à vida e conforme a narrativa, os Terena estavam no buraco embaixo da terra e sentiam frio.

Antes de tirar a gente do buraco, *Orekajuvakái* mandaram tirar fogo, *Iukú*. Pensaram quem vai tirar fogo. Foi o tico-tico, *Xavokóg*. Ele foi e não achou fogo. Depois foi o coelho, *Konóu*, e tomou o fogo dos seus donos, os *Tokeóre*. O *Konóu* chegou onde estava os *Orekajuvakái* e foram fazendo grande fogueira. Gente levantou os braços e *Orekajuvakái* tirou do buraco. Toda gente era nu e tinha frio e *Orekajuvakái* chamaram para ficar perto do fogo (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000, p. 23).

Orekajuvakái era/é um ser especial para os Terena, pois antes destes se tornarem pessoas, ainda no buraco, nus e com frio, o ser *Orekajuvakái* preparava o ‘mundo’ para recebê-los. Esse ‘mundo’ era o ambiente da natureza já habitado.

Chamou o tico-tico (*Zonotrichia capensis*) denominado *Xavokóg* na língua Terena. Ave que mede aproximadamente 15 cm tem um pequeno topete com desenho estriado no alto da cabeça, seu pescoço é circundado por um colar ferrugíneo e a região da garganta tem uma plumagem branca. O tico-tico é um dos pássaros mais populares e estimados no Brasil, como demonstra foto abaixo:



Foto 14 - Tico-tico
Fonte: Embrapa, 2008

Presente na maior parte da América do Sul, este pássaro está em muitos lugares do Brasil, menos nas densas e úmidas áreas florestais, especialmente na região amazônica. No relato mitológico o tico-tico (*Xavokóg*) foi chamado para trazer o fogo (*iukú*), mas não o encontrou.

O ser maior chamou o coelho (*konóu*) que conseguiu ‘tomando-o’ dos seus donos, o *tokeóre*. Na pesquisa de campo realizada entre os professores Terena, foi perguntado o significado deste termo e eles não conseguiram chegar a uma definição precisa dessa palavra na língua Terena. Entrevistando a neta de Wollily, ela explicou que o termo que se aproxima de *tokeóre* é “*tope’oe*”, que significa porco-espinho. Dessa forma foi inferido que o dono do fogo, na narrativa mitológica seria o porco-espinho. Esse mamífero roedor pertencente à família *Erethizontidae* ou *Hystricidae*, comum na região do pantanal, no Brasil.



Foto 15 - Porco-espinho na mata
Fonte: Wikipédia, 2008.

Este animal foi também citado por Lévi-Strauss (2006) ao tratar da mitologia dos indígenas *Arapaho*, encontrado em oito versões analisadas pelo autor. Os traços mais frequentes sobre o porco-espinho são de que esse animal se transforma em lua, outras vezes em sol ou em estrela, ou personificado em um rapaz. O mesmo mamífero aparece também na mitologia norte-americana como o tipo porco-espinho americano (*Erethizon dorsatum*). Sua

imagem redonda com espinhos eriçados levou alguns pesquisadores sobre mito, segundo Lévi-Strauss (2006, p. 217) “a pensar que o animal simbolizava o sol nascente e seus raios”. Nesse contexto reflexivo sobre elementos mitológicos Terena e o ambiente, foi correlacionado o animal porco-espinho com o sol e simbolizando o fogo, por ficar com formato arredondado e seus espinhos eriçados, sendo portanto o ‘dono do fogo’.

Retomando Lévi-Strauss ao citar Leland (1884 apud Lévi-Strauss, 2006, p.217) correlaciona o porco-espinho com o sapo, encontrado em certos mitos dos indígenas *Algonquinos*. Os dois animais (sapo e porco-espinho) foram “bruxas malvadas, e que o demiurgo tirou seus narizes como castigo. Desde então, eles têm a cara achatada”. Entre esses mesmos indígenas, os porcos-espinhos também são “um povo de feiticeiros subterrâneos que buscam destruir os heróis humanos pelo fogo, mas estes às vezes usam contra o inimigo a sua própria arma, e são os porcos-espinhos que morrem”.

Na mitologia Terena não há referência sobre a ‘cara achatada’ do sapo, mas sim como um ser capaz de trazer o riso, mais aprofundado no item 3.1.3 na página 72, deste capítulo.

A força representativa do fogo, entre os Terena, só foi obtida pelo coelho que o tirou do seu dono, o porco-espinho. O coelho citado na mitologia seria semelhante no Brasil, precisamente no ambiente do cerrado e na região das terras Terena, um animal da mesma família desse roedor, que é o preá (*Cavia aperea*). O preá possui orelhas curtas, incisivos brancos e não tem cauda. É comum em toda América do Sul, mede aproximadamente cerca de 25 cm de comprimento, sua pelagem cinzenta, o corpo robusto e sua aparência lembra um coelho (WIKIPÉDIA, 2008).



Foto 16 - Preá comum no cerrado
Fonte: Wikipédia, 2008

Este animal está também presente nas representações de muitos povos. Por exemplo, mitos chineses, germânicos e tradições cristãs traduzem a morte vendo-a não como fim, mas como recomeço de uma nova vida. Nesse sentido adotam o coelho como símbolo da fertilidade. Na mitologia grega e na mitologia romana é considerado sagrado, por simbolizar a ‘fertilidade’, no sentido de a igreja produzir novos discípulos, renovando a vida, embora reconheçam que esse simbolismo foi adotado nos dois últimos séculos (DW-WORLD.DE, 2008).

Segundo Lévi-Strauss (2007, p. 44), um animal semelhante ao coelho, a lebre, aparece na mitologia de alguns indígenas canadenses. Possivelmente, explica, por que o animal é “um elemento importante, mesmo essencial da sua alimentação, a lebre corre com grande rapidez, e era um dos exemplos dos talentos a seguir”.

Lévi-Strauss (2007, p 44) interpreta a mitologia dos indígenas canadenses e a presença da lebre (*Leporidae*) argumentando que ela é a maior, a mais notável e pode ser tomada como representante da família dos roedores em geral, de forma a afirmar que “todos os roedores exibem uma peculiaridade anatômica que os torna gêmeos incipientes, pois estão, de certo modo divididos em duas metades”. Essas ‘duas metades’ são referência aos lábios levemente cortados. O autor faz analogia com crianças gêmeas ainda no ventre da mãe, lutando pra decidir quem nascerá primeiro. A competição consiste em fazer um ‘corte’ dividindo o corpo da mãe, para sair dele por outro caminho. As reflexões de Lévi-Strauss são bastante complexas e contribuiu para pensar e deixar inquietudes visando outras pesquisas.

No mito Terena, os gêmeos *orekajuvakái*, eram na origem um ser único e por desobediência à mãe, ela o ‘divide’ em duas partes que dão origem ao seres gêmeos. Na sociedade Terena esses dois seres vão representar o modo de se organizar nos seus ambientes sociais.

Retomando a busca pelo fogo, empreitada pelo ‘coelho’, neste estudo entendido como o ‘preá’ - por ser uma deidade mitológica e benéfica -, traz o fogo para aquecer os Terena. O fogo desencadeou novas relações entre pessoas e o ambiente social e o ambiente físico. A transição desse fogo mitológico e sua produção na vida dos Terena demandou saberes de ‘como fazer’ fogo. Como elemento ambiental, o fogo aquece os que ficam ao seu redor. Nas relações sociais, a fogueira aproxima as pessoas que a rodeiam possibilitando aconchego para o diálogo; o fogo cozinha os alimentos e ilumina os ambientes. Na vida coletiva, o fogo proporciona segurança em ambientes abertos, protegendo os humanos contra animais, dentre outros fatores. Aquece o corpo humano, mantendo a vida.

‘Como fazer o fogo?’ Segundo Cooper (1987, p.109) “os dois principais métodos aborígenes de fazer fogo no continente são os de fricção rotativa e de percussão”. O ‘método de fricção rotativa’ consiste em usar um pau e movê-lo com as mãos friccionando-o, sendo essa técnica a mais usada na América do Sul. O segundo, o ‘método de percussão’, consiste no uso de corda, arco ou bomba e não é do conhecimento da região sul-americana.

Neste estudo, a técnica para fazer fogo entre os Terena, foi obtida em entrevista com o cacique Zacarias Martins, de 65 anos, morador da aldeia Buritizinho, localizada no entorno de Aquidauana. Para acender o fogo, segundo o cacique, rememorando o que ouvira de seu bisavô Antonio Martins, sentados em roda, ao ‘pé do fogo’, contava que quando era novo não tinha fósforo. O povo da aldeia, então, pegava duas pedras, iam batendo uma na outra e suas faíscas logo acendiam a grama seca, as folhas, os gravetinhos finos, ou ainda o algodão seco, para depois do fogo acesso colocar os pedaços de madeira maiores. O algodão era um elemento especial para acender o fogo. Plantavam, colhiam e após as plantações sempre reservavam uma porção seca para esse fim.

Este relato da oralidade Terena pode ser contrastado com Roth (1924 apud COOPER, 1987, p. 113) ao explicar que “[...] velhos *Aruak* do Essequibo e da Guiana Inglesa asseguraram a Roth que se lembravam de um tempo em que seu povo costumava acender fogo com duas ‘pedras’ e algodão”. No meu entender e indicado por Cooper somente um trabalho de campo amplo e intensivo mostrará evidências dessas formas de fazer fogo própria dos Terena, dado que não foi investigado no presente estudo.

Outra forma de utilizar o fogo era nas queimadas, procedimento usual para esse povo. Aplicada em pequenos roçados, a queimada nunca trouxe prejuízo para o ambiente. No entanto, em entrevistas com os professores, o fogo foi citado como parte da destruição do meio ambiente, causada pela ação do homem sobre a natureza. Esse ponto de vista é reducionista diante da representação mitológica do fogo para os Terena. O uso da queimada para agilizar o preparo do solo visando cultivos agrícolas, trata-se do uso do fogo de forma descontrolada e em grandes proporções.

Segundo Emílio Moran (1994) o uso do fogo em regiões de campo teria dois propósitos: queimar o acúmulo de um tipo de gramínea própria de clima temperado, denominado *céspedede* e um outro tipo, o *capim arbustivo*. O primeiro forma uma esteira sólida sobre o solo que demoraria até três anos para ser absorvido, enquanto o segundo cresce em tufo, nesse contexto, as queimadas eram utilizadas para reduzir o acúmulo de palha nos campos, controlando assim os insetos, preparando a sementeira, facilitando o deslocamento dos animais de criação. A queimada periódica evitava a devastação por incêndios naturais de

grandes proporções e trazia uma conseqüência positiva, pois “aumenta o suprimento de nutrientes existentes na superfície do solo, eleva o pH do mesmo e amplia em muito o seu teor de fósforo e potássio”, explica Valentine (1975 apud MORAN, 1994, p. 276).

Além das conseqüências positivas o autor cita algumas desvantagens da queimada na região dos campos, pois “quantidades substanciais de nitrogênio, são perdidas durante os incêndios, o fogo pode espalhar-se para áreas florestais próximas, e, caso muito intensa ou indevidamente cronometrada, a queimada pode causar danos a espécies de gramínea que se deseja manter” (1994, p. 276).

Na cosmologia Terena, obtida para a presente dissertação, a função do fogo foi destacada por aquecer os seres humanos, no caso os Terena recém saídos do buraco mitológico e que sentiam frio. Assim, “o que pode ter acontecido com o uso tradicional do fogo e as atuais práticas predatórias no uso desse elemento?” São questões que o presente estudo elaborou alguns elementos teóricos, requerendo investigações mais aprofundadas.

3.1.3 Animais da Fauna Pantaneira: Lobinho - *Okué* e Sapo Vermelho - *Kalaláke*

O terceiro componente destacado do mito de origem do povo Terena ambiental do mito de origem do povo Terena foi constituído por alguns animais da fauna pantaneira. Ladeira (2000), explica que:

[...] sempre pensaram como fazer falar esta gente. Mandaram-na entrar em fileira um atrás do outro. *Orekajuvakái* chamaram lobinho, *Okué*, pra fazer rir a gente. Lobinho fez macacada, mordeu o próprio rabo, mas não conseguiu fazer rir. *Orekajuvakái* chamaram sapinho, aquele vermelho, *Kalaláke*. Este andou como sempre anda e a gente começou a dar risada. Sapinho passou a ida e volta ao longo da fila três vezes. Aí a gente começou a falar e dar risada (LADEIRA e BITTENCOURT, 2000, p.23).

O lobinho (*okué*) animal da família *Canidae*, espécie *Cerdocyon thous*, com nomes populares de: cachorro do mato, graxaim, lobinho ou guaraxo, adapta-se a diferentes *habitats*, mas a adaptação mais comum se dá em áreas de cerrados ou matas ciliares. Sua alimentação é à base de invertebrados e vertebrados. Ingere pequenos roedores, gafanhotos, besouros e frutinhas do mato e no auge da ousadia invade galinheiros. Sua presença vai do sul do Amazonas ao Paraguai. Comum em qualquer mata, inclusive na periferia das cidades é animal de hábitos essencialmente noturnos.



Foto 17 - Lobinho
Fonte: Silva, 2008

Vive em pares monogâmicos que ocupam territórios exclusivos delimitados pelo odor da urina. Os lobinhos começam a caçar a partir de seis semanas de idade, sempre acompanhados dos pais, com os quais podem permanecer mais de um ano (AMBIENTE EM FOCO, 2008). O lobinho, mesmo fazendo artes e macaquices, não conseguiu fazer com que o povo Terena sorrisse.

Foi o sapo vermelho (*Melanophryniscus moreirae*), foto abaixo, cujo dorso é preto, mas à parte do ventre e as patas são vermelhas, com possibilidades de ter pequenas manchas marrons, que conseguiu fazer os Terena rir. O sapinho vermelho macho atinge 2,4 cm de comprimento e a fêmea, maior, mede aproximadamente 3 cm. Ele vive nos campos rupestres e é considerado um animal raro, mas comum na região do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Na região de Aquidauana, é comum a referência a sapos, sem especificar essa categoria vermelha.



Foto 18 - Sapo Vermelho
Fonte: Globo notícias, 2007

O sapo vermelho, ao percorrer a forma organizada em fila, como os Terena estavam, a repassa por três vezes, até provocar o riso. O sapo trouxe o atributo de uma aparência sorridente que identifica esse povo. O ser humano vive em sociedade e através da convivência transforma a comunicação, que a princípio pode ser rudimentar, baseada em

gestos e sons, até chegar à linguagem verbal mais sistematizada, a uma linguagem gestual, que também os identifica a exemplo do semblante sorridente.



Foto 19 - Sapo Terena
Fonte: Site Cerâmicanorio, 2008

O sapinho vermelho e o lobinho não foram mencionados nas entrevistas realizadas na Aldeia Bananal. No entanto, o sapinho está presente em suas criações artesanais, como mostra a figura acima.

As linguagens são construções sociais, assim como o sorriso. A mitologia Terena sugere que o modo de ser desse povo foi forjado simbolicamente tendo no ato de sorrir uma representação que os identifica, ou seja, seu *ethos*. A palavra *ethos* significava para os gregos antigos a morada do homem, isto é, a natureza da pessoa, segundo Pereira (2007).

No caso Terena há um fundo mitológico, trazido pelo sapo vermelho que lhes passa a dádiva do sorriso. O sorriso é uma forma de facilitar a comunicação nas relações com o 'outro'. Desde as primeiras comunidades humanas, hordas, clãs, tribos, o ser humano se comunica utilizando diferentes formas, como: assovios, tambores, fogo e sons diferenciados, visando a sobrevivência, os acordos, os diferentes relacionamentos com suas interações sociais. Pereira (2007) em estudos recentes sobre o *ethos* Terena indica que há uma articulação no modo de ser Terena, a qual foi formada

a partir de uma concepção muito particular da condição humana, identificada a certos parâmetros de conduta pautada pela cortesia, cordialidade, amabilidade, sociabilidade, polidez, delicadeza, gentileza nos gestos e expressões, e preocupação extrema com etiquetas e cerimônias (p. 2).

O modo de ser Terena é apreciado na região de Aquidauana por serem tranquilos e sorridentes. Esse modo sorridente dos Terena remete às situações de senso-comum

encontradas nos moradores da população Terena da Aldeia Bananal, o qual é simbolicamente partilhado, ou “*conscience collective*”, conforme Shore (1996, p. 469).

[...] A demonstração de civilidade entre os membros dessa formação social envolve palavras, atos e formalidades reciprocamente adotadas para demonstrar respeito mútuo e consideração, de acordo com o *status* atribuído a cada posição social (PEREIRA, 2007, P. 2).

De acordo com Pereira (2007), os integrantes dessa população orientariam sua conduta social por um estilo comportamental com feições próprias, quando se relacionam intensa e permanentemente com instituições e pessoas alheias à sua formação social. Dessa forma, o mito de origem explicita a interação meio ambiente e ser humano, a qual segundo Diegues e Arruda (2001), seres humanos, flora e fauna formam uma diversidade. Dito de outra forma, a diversidade, segundo os autores constitui “[...] um território enquanto *locus*, onde se produzem as relações sociais e simbólicas” (p.33).

3.1.4 Sementes - Aké

O quarto componente ambiental, vindo com o mito de origem, são as sementes. O *ethos* Terena, voltado para a agricultura, estaria subjetivado com as sementes recebidas como dádiva. No relato do indígena *Haháoti* (BITTENCOURT, 2000, p. 23) “*rekajuvakái* deu uns carocinhos de feijão e milho e deu mandioca, também, e ensinou como se planta. Deu, também, semente de algodão e ensinou como tecer faixa. Ensinou fazer arco e flecha, ranchinho, roçar e plantar”.

Essas sementes, de origem sobrenatural, foram dádivas recebidas de seres especiais. De acordo com Mauss (2005, p.203), o termo dádiva significa “presente dado aos homens em vista dos deuses e da natureza”. Entretanto, nessa relação material e imaterial há uma série de direitos e de deveres de ‘consumir’ e de ‘retribuir’, correspondendo simultaneamente a direitos e deveres de ‘dar’ e ‘receber’. Por exemplo, as festas em comemoração ao início da plantação e ao período da colheita servem para ‘retribuir’ as sementes ‘recebidas’ como dádivas. Portanto, dádiva e retribuição andam juntas, explica o autor.

Ainda hoje, pode-se associar que vêm dessas sementes mitológicas as roças, nas quais são replantadas as sementes de milho, abóbora, feijão, entre outras. Os Terena são reconhecidos pelos produtos que vendem na cidade e nos municípios circunvizinhos. Em Aquidauana, a estação ferroviária é o local de venda da produção indígena, atendendo

moradores e turistas. Feijão de vagem, milho, mandioca, laranja, banana, manga, guavira, palmito, tamarindo, pequi, entre outros alimentos, são oferecidos cotidianamente. Historicamente, o grupo étnico Terena supriu com alimentos os exércitos durante a guerra do Paraguai, afirmam Ladeira e Bittencourt (2000).

Essa característica de se manterem como povo agricultor, foi registrada por Carvalho (2003, p. 53) ao descrever o cotidiano de uma família Terena:

na aldeia dos índios Terena [...] estão empoleirados: o caburé, com frio; o sabiá, [...] a inhuma canta triste, ao longe, anunciando a alvorada; a arara barulhenta [...]. A índia Terena já está de pé, com o biju pronto, quentinho e posto a mesa, para alimento da família, pois ela tem que viajar, na carroceria, por mais de 60 quilômetros, até a cidade, levando produtos colhidos da terra para venda aos consumidores urbanos.

O autor mostra nos últimos cinco anos a influência e o convívio com a natureza, ainda presentes no cotidiano da aldeia, em contraste com o cotidiano da índia Terena que se ausenta da aldeia para ir à cidade. As mulheres Terena, de natureza caseira, são prendadas nas suas funções de produtora e vendedora dos produtos colhidos da terra, assim como a cerâmica que confecciona e vende também no mercado, como as fotos abaixo, quando a família reunida prepara as cerâmicas para comercialização. Cabe destacar que as cerâmicas Terena são adornadas com pequenas flores branca, além de ramadas como foto abaixo, que lembram as sementes nativas.



Foto 20 - Família confeccionando cerâmica
Fonte: Trabalho indigenista, 2008



Foto 21 - Vaso e travessa
Fonte: Godoy, 2001



Foto 22 - Travessa Terena adornada com pequenas flores
Fonte: Site Ceramicanorio, 2008



Foto 23 - Cerâmica Terena
Fonte: Godoy, 2001

A labuta da mulher Terena é presenciada no cotidiano das cidades, sempre se deslocando da aldeia acompanhada dos filhos menores e de outras mulheres, geralmente portando uma bacia repleta de milho e frutas, equilibrada sobre a cabeça, estando esta devidamente protegida por um círculo de pano retorcido, como demonstra a foto abaixo.



Foto 24 - Índia Terena
Fonte: Ferreira, 2008

As residências Terena da região são também conhecidas pela limpeza do terreiro que a circunda e dentro de suas casas. Árvores, animais domésticos, principalmente o cachorro compõem o ambiente com aves nativas. O pássaro caburé¹⁵, o sabiá¹⁶, a inhuma¹⁷ e a arara¹⁸ mencionados no relato ainda fazem parte desse cotidiano. Outros pássaros, além dos citados, a exemplo do papagaio, periquito, o joão-de-barro, etc. também compõem o ambiente, sempre encontrado em árvores na entrada e nos quintais das residências Terena, da Aldeia Bananal.

¹⁵ Caburé, da família: *Glaucidium brasilianum*

¹⁶ Sabiá, da família: *Turdus rufiventris*

¹⁷ Inhuma, da família: *Chauna torquata*

¹⁸ Arara, da família: *Anodorhynchus hyacinthinus*

3.1.5 Sol - *káxe* e Lua - *kohê*

O quinto componente ambiental, destacado da mitologia Terena, encontrado na versão narrada por Schmidt (1921, apud RAMOS, 1951, p. 144), é o astro sol e o satélite lua. A “lua que surge como o ser fundamental, considerada como mulher, rocha ou caverna”. A lua reforça na representação organizacional Terena, quando clara, a beleza, a sabedoria e a bondade. Quando escura, representaria a fealdade, a rudez e a maldade. A dualidade sol e lua representam gêmeos, o claro do sol e o escuro da lua demonstram ainda a mulher geradora de filhos, forte como a rocha e acolhedora como a caverna que protege, explica o autor.

Segundo Lévi-Strauss (2007) o sol e a lua estão presentes em alguns mitos da América do Norte. Da região do Canadá, há a versão de que uma mulher ao ser fecundada teve como consequência o nascimento de gêmeos, “que mais tarde se tornam, um a Lua e o outro, o Sol”.

Sol e lua são dois elementos fundamentais para o ambiente, pois o sol divide a terra em estações, baseadas em padrões climáticos diferenciados, ou seja: primavera, verão, outono e inverno. O período quente, de temperatura e umidade moderadas é o tempo da frutificação; quando a temperatura e umidade são elevadas, é o tempo da estiagem, ou seca e, no período frio, o inverno, a terra parece ausente de fertilidade. As fases da lua são, também, quatro e apresentam-se conforme o ângulo pelo qual é vista e de acordo como é iluminada pelo sol, temos: lua nova, crescente, cheia e minguante. Uma fase demora, aproximadamente, de 7 a 8 dias para mudar e de 29 a 30 dias para completar todas as suas quatro fases. Com esses dados os Terena organizam a sua agricultura, a caça, o parto, entre outros elementos de seu modo de vida.

Conforme Miranda (2006, p. 85) citando um conhecimento transmitido por seu pai, índio Terena de 91 anos, disse: “observe a lua hoje, meu filho. Vamos preparar as sementes para plantarmos amanhã porque na passagem da lua (grifo do autor) vai chover e quando isso acontecer a semente estará no chão e assim nascerá forte as plantinhas”. É muito importante o conhecimento das fases da lua. Essas fronteiras indicaram leituras da natureza, propícias ou não, mas que fundamentam o trato com a lavoura.

Sistematizando os elementos acima expostos, a Tabela 3, foi elaborada para elencar os elementos presenciais, destacados neste estudo como representações mitológicas Terena. Ressaltamos que o propósito da presente investigação foi de levantar algumas das representações do ambiente e seus vínculos com a cosmologia desse povo.

Tabela 3 – Sistematização dos cinco elementos mitológicos

Elementos Mitológicos	Relações
1. Pássaro Bem-te-vi	Comunica, traz a vida
2. Fogo (porco-espinho)	Aquece/protege
3. Animais da fauna pantaneira: lobinho, sapinho, tico-tico	Convocados para trazer o sorriso
4. Sementes	<i>Ethos</i> agricultor (dádiva/retribuição)
5. Astro sol/Satélite lua	Organização nas lavouras, fertilidade

Conforme a tabela acima e os argumentos expostos, reportamos a Junqueira (2002, p.44) ao relatar “o que acontece em algumas sociedades, quando explicam suas representações simbólicas”, é que criam complexos sistemas religiosos, outras vezes desenvolvem tramas de relações pessoais. Nesse sentido, Pereira (2007) destaca o modo de ser Terena em diferentes situações: a postura, o gesto, o comportamento conveniente a cada situação. A tranquilidade permite a escolha da palavra mais apropriada a ser dita em determinado contexto e, principalmente, o cuidado com a maneira como devem ser proferidas essas palavras, são aspectos do modo de ser Terena, que devem ser aprendidos desde o início de sua socialização.

3.2 Representações dos Professores Terena

Retornando à Aldeia Bananal para aprofundar algumas questões levantadas com os professores indígenas Terena, entrevistados na primeira etapa da dissertação, foram elaborados alguns questionamentos, conforme detalhamento na introdução/metodologia.

Nessa segunda etapa de pesquisa de campo, foi aplicado o questionário aos 07 professores, sendo que os foram entrevistados individualmente devido ao período de férias da escola. Todos assinaram o termo de consentimento para publicação do nome e de fotos.

Ao ser perguntado “Como se dava e como se dá a relação dos Terena com a natureza?” Quatro professores responderam que a relação dos Terena com a natureza era harmônica. Cuidavam com amor o que a natureza proporcionava, existia um número maior de árvores nativas, de remédios naturais e, os mais idosos, sem ter a noção da importância da preservação, cuidavam. Três professores responderam que naquele período não era necessário esse cuidado. Hoje se compra tudo, até as sementes para plantar. Dos sete professores entrevistados há uma concordância sobre um “tempo” em que a questão ambiental não era destacada, pois o modo de vida era em consonância com a natureza circundante. O que chama a atenção é a observação de que “hoje, se compra tudo, até as sementes”.

Não são mais ‘dádivas’ dadas pelos deuses. A agricultura não vive mais das “sementes mitológicas”, recebidas de seres especiais. Provavelmente esse conhecimento mitológico está abafado, silenciado, em um nível que precisa ser recuperado. Existe, segundo a visão dos professores Terena um desequilíbrio com a natureza, poluição, extinção dos animais, pouca plantação, caça e peixe. Vivem na aldeia, com os recursos naturais limitados, mas de forma harmônica.

A segunda questão perguntada foi: “O que mudou nessa relação e por que mudou?” Quatro professores responderam que com recursos naturais limitados, sem frutas nativas e plantações, todo o necessário é comprado, sendo que antigamente produzia-se na aldeia. Não existe um contato pleno com a natureza, o contato está mais limitado devido à própria evolução do homem. Um professor respondeu que não existe contato pleno com a natureza, pois eles não têm como não acompanhar a evolução do mundo. Existe na própria escola professores da cidade de Aquidauana que vêm todos os dias para dar aula, trazendo novidades. Além disso, a televisão, o rádio e a Internet na escola lhes traz a aldeia globalizada, ‘atenando-os’ no mundo. O que mudou foi quando começou o desmatamento e a maior parte da área ficou para os fazendeiros para formarem pasto. Com relação às grandes plantações, ficam esperando maquinários para começar as plantações, e, se atrasa, perdem a época do plantio. Outro agravante é que a terra não está mais produtiva. Ficou fraca pela falta de rotatividade na cultura. Alegam também que o tempo não ajuda, que o clima está complicado. Um professor respondeu que alguns começaram a preservar e plantar para conservar. Um professor falou sobre a preocupação dos mais antigos pela conservação, embora a indústria fale mais alto.

Ao responder a terceira questão, “esse problema dos recursos naturais é abordado na escola? Como é tratado?” Os sete professores foram unânimes: sim. Tratam o tema através de desenhos, vídeos, histórias, passeios ao redor da escola e na aldeia. Utilizam livros e a própria natureza. Ensinam como preservar, reciclar, os cuidados com a água, o tratamento de lixo, sempre com aulas práticas. Convidam as crianças para conhecerem e cuidarem das plantas, árvores frutíferas e flores. Não sendo nada forçado, apenas mostrando aos alunos a realidade da região. Fazem uma conscientização, com trabalhos e projetos envolvendo todos os professores. Na arte, recuperam elementos da natureza, tais como: sementes, folhas, frutos, ervas, buscando resgatar também a cultura indígena Terena.

A quarta questão tratou de: “O que tinha nas terras da Aldeia Bananal que hoje não tem mais?” Cinco professores responderam que as frutas não são tão abundantes como antes. Caça, pesca, plantações, roças, as grandes plantações, quase não se vê. Uma professora

lembrou que para se fazer à casa de capim está difícil, pois a matéria prima natural é escassa, o que a obrigou então, a comprar materiais de construção. Um professor respondeu que havia mais água, em córregos e lagoas.

O quinto questionamento foi: “Existe uma intermediação entre o pajé com o ambiente?” Os sete professores concordaram que, apesar do número reduzido, a atual presença dos médicos e a religião protestante não permitem o contato com os pajés. Todos afirmaram que existe o contato com a energia da natureza, com as plantas, flores, frutas, entre outros. A própria energia vinda do meio ambiente, pois eles (os pajés) trabalham com elementos da natureza, o chocalho e a porunga. Existe ainda o conflito de idéias, pelo fato da religião protestante interferir, não permitindo que a pessoa comente sobre o assunto. Os setes foram unânimes na questão da preservação dos saberes dos pajés. Afirmaram que eles têm mais contato com a natureza, dão mais proteção às pessoas, procuram remédios vindos da natureza, conhecem as plantas e as flores. Suas forças vêm da natureza, presentes em seus ritos, nas músicas, em seus remédios naturais e nas benzeções. Bem como atos mágicos, afirmou uma professora citando que sua avó falava com a árvore para chamar chuva, fazer pedidos e agradecimentos. Um professor respondeu que existe a intermediação pajé/ambiente, mas como nasceu em uma família que já era evangélica, não teria noção desses acontecimentos.

Na questão “existem elementos relacionados às práticas e ensinamentos dos pajés na educação ambiental da Aldeia Bananal?” Um professor se recusou a responder por ser evangélico. Seis professores responderam que os ensinamentos dos pajés se relacionam com as práticas educativas da escola, pois o conhecimento da natureza, as plantas, são sempre lembrados em suas aulas. Com relação ao conhecimento da natureza, sempre procuram plantas para remédios e a conservação do meio em que vivem. Para que haja a conservação do ambiente e o repasse da tradição é necessário repassar aos patrícios esses ensinamentos, afirmam os seis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de inquietudes que os Terena desencadearam na minha pessoa, já profissional, teve início com a postura da minha mãe. Embora naquele período minha mãe atuasse sob um viés missionário, passado uma década atuei como diretora escolar e levando projetos educacionais relacionados ao meio ambiente, estimulando salas de leitura, a organização de horta escolar, dentre outros, na Aldeia do Limão Verde, a 12 Km de Aquidauana.

Diferente da postura missionária que levava a oração, minha atuação pautou-se para a área educacional. Em 2005 voltei a atuar na referida aldeia com projetos sociais de caráter ambiental, que mostraram a falta de um local apropriado para os novos tipos de resíduos não degradáveis e a proliferação do mosquito da dengue que os ameaçava. O ambiente físico e por consequência o social requeriam mais estudos de minha parte, o que me motivou para a realização deste estudo.

Ao aplicar as entrevistas e buscar as representações do meio ambiente nos professores de 1ª a 4ª séries da Escola Municipal Indígena “General Rondon”, com o objetivo de levantar, identificar e sistematizar o que essas representações sociais trazem de saberes étnicos sobre a temática meio ambiente, foi observado que eles sentem dificuldades em falar sobre o tema, pois quando crianças tudo era farto e nem se pensava na possibilidade de extinção da natureza.

O primeiro objetivo específico “levantar a cosmologia Terena, com ênfase na questão ambiental”, mostrou que o universo mítico Terena é riquíssimo em apontar elementos da fauna e flora. São as “flores brancas” adornando a cerâmica; o bem-te-vi, tico-tico, o porco-espinho, o preá, o lobinho, o sapo vermelho, entre outros animais, todos estabelecendo relações ou dando origem ao modo de ser Terena. Além desses elementos, a cosmologia Terena trouxe o fundamento da organização social do grupo, como a relação dual vinda com os gêmeos.

No segundo objetivo específico “detalhar a área da Aldeia Bananal no sentido de

destacar alguns itens que compõem seu meio ambiente e que lhe dão identidade”, foi detalhado o local de realização do estudo, que conta atualmente com 1.413 pessoas e está localizado no Estado de Mato Grosso do Sul, no município de Aquidauana, Distrito de Taunay, distante a 55 Km de Aquidauana. A aldeia Bananal está cercada pelo cerrado, cuja vegetação possui predominantemente árvores baixas, inclinadas, tortuosas e arbustos espalhados sobre um estrato gramíneo. Os dados coletados mostraram ainda que os itens que compõem seu ambiente são: mangueiras, bananais, um córrego quase seco, uma escola com pátio com árvores frondosas, sala de informática, um posto de saúde, posto da Funai e várias residências. Esse conjunto dá uma identidade a Aldeia Bananal, conforme Silva (2005) quando explica que identidade e diferença estão em uma relação de dependência e estreitamente ligadas a sistemas de significação, onde a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído.

O terceiro objetivo “averiguar os discursos dos professores Terena sobre a problemática meio ambiente” mostrou uma equipe de professores composta 100% de indígenas e falantes da língua, com formação em pedagogia, em sua maioria, cinco, um com nível superior em administração e outro apenas com magistério. Todos moradores em aldeias indígenas, onde apenas dois não são moradores da Aldeia Bananal. Sobre a questão do meio ambiente ficou claro que essa geração Terena pouco recebeu de transmissão oral sobre os cuidados com o meio ambiente. Segundo argumentos, essa falta de preocupações tinha como base a idéia de uma natureza inesgotável. A visão de que há processos globalizantes, de origem econômica, mas que atravessam todas as instâncias, era pouca ou nada perceptível para uma ou duas gerações anteriores. Hoje vivenciando a pauperização do ambiente da Aldeia Bananal, esses professores buscam rever suas posturas e tentam reverter o quadro levando reflexões para a escola, embora a pesquisa não tenha elucidado o “como” estão trabalhando com a temática Meio Ambiente.

O quarto objetivo “averiguar o lugar do tema meio ambiente no Plano Político Pedagógico da escola”, foi buscado na Secretaria Municipal de Educação o referido documento, pois este documento não se encontrava na escola. O qual consistia em uma cópia padrão oferecido pela própria secretaria. No texto do PPP padronizado, não constava o termo “ambiente”, “terra”, “territorialidade”, “mitologia”, entre outros termos que contribuem para que a escola seja indígena.

O PPP da Escola Municipal Indígena passou por uma revisão em 2002, mas não foi encontrado posicionamento político da Escola para com os seus ambientes, sendo contemplada a implantação da alfabetização na língua Terena e a garantia do resgate da língua

Terena. Esse fato poderá indiretamente recuperar valores e saberes sobre o ambiente social e físico do povo Terena. Desenvolver na escola reflexões sobre a necessidade de preservar irá reforçar sua índole de agricultor. Esse estudo reflexivo pode ser realizado nos conteúdos de geografia e de ciências, conforme sugere o RECNEI (1998). Além do mais, refletir sobre a mitologia, no estudo das questões da terra e da biodiversidade, trará explicações culturais de seus modos e representações que devem ser valorizados.

A pesquisa possibilitou responder parte da pergunta problematizadora, elaborada para elucidar o objeto de estudo, a qual questionava sobre os vínculos cosmológicos e as representações de meio ambiente. Nesse sentido, foram definidos cinco elementos mitológicos, mencionados no mito Terena, segundo Altenfelder e Ladeira e Bittencourt.

Foi contextualizando o ambiente da Aldeia Bananal e os fatos que marcaram a vida desse povo, a saída do Êxiva, transportando o rio Paraguai e a ocupação da região do atual estado de Mato Grosso do Sul. Sua difícil trajetória na busca de território e a conquista da sua territorialidade, onde podemos perceber a redução de seus territórios, principalmente após a Guerra do Paraguai (1864-1870) quando fazendeiros criadores de gado ficaram ao redor da aldeia, limitando seus espaços e com isso afetando o aumento da reprodução de animais silvestres e de espécies variadas de árvores, afetando ainda sua “territorialidade” no sentido dado por Santos (2001) onde “território” é lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida, enfim, sendo o espaço habitado.

A delimitação das reservas Terena, iniciada com a chegada da “Comissão Construtora das Linhas Telegráficas” alteraram a territorialidade desse povo, quando simultaneamente construíram a “Estrada de Ferro Noroeste do Brasil”, com o processo de ocupação das terras indígenas, ou seja, um aumento populacional, em decorrência da migração de várias partes do Brasil. O território é ainda, condição necessária para o estabelecimento das relações sociais.

Verificamos que existem áreas de vegetação nativa, ainda preservada, apesar da pressão interna por novas áreas de cultivo. Mesmo com essa vegetação preservada, há a impossibilidade de obterem matéria prima para a confecção de seus artesanatos, sendo necessário a utilização com elementos artificiais. Muitas árvores frutíferas e enormes mangueiras fazem parte dos quintais e entorno da aldeia. Existem dois açudes, uma lagoa e o córrego que só aumenta de volume em decorrência da ação das chuvas. Os poços nas residências também sofrem influência do período de chuvas, quando elevam seu nível de água. Embora a aldeia possua água encanada, algumas pessoas utilizam o poço no fundo das casas em seus afazeres domésticos.

A primeira etapa das entrevistas mostrou como os professores indígenas percebem a questão ambiental, se preocupam e mostram anseios com o futuro. Estes anseios muitas vezes refletem os mesmos anseios da comunidade e outras vezes, os atuais professores problematizam a questão ambiental, de uma maneira nunca antes pensada pelas gerações anteriores. Em sala de aula, declararam que se não houver um comprometimento por parte de toda aldeia, o trabalho de recuperação ou de educação ambiental ficará comprometido. Principalmente com relação à água, que rarea em épocas mais secas do ano. Apontaram a necessidade de mais incentivo aos alunos, no sentido de despertar neles o interesse sobre o “cuidar do meio ambiente”, bem como o repensar suas “cosmologias”, contribuindo para fortalecer e recuperar a cultura.

Os atuais professores indígenas por não receberam a transmissão dos mais velhos sobre a prevenção do meio ambiente, pois havia o pressuposto de uma natureza inesgotável. Hoje se sentem inquietos, com a preocupação de conscientizar os alunos em sala de aula. Essa inquietude é uma das tensões vindas com as relações de contato, pela proximidade com a urbanização e simultaneamente um afastamento, com o aparente esquecimento dos seus valores mitológicos.

A cosmologia, através da qual interpretam a realidade e seu relacionamento, o pensamento sobre as origens do universo, a vida e a natureza como um todo, recheadas de mitos. A concepção sobre o universo que privilegia a natureza, a forma como eles compreendem o cosmos, sendo o homem parte integrante da natureza.

Entre os elementos mitológicos, em entrevistas com os professores, apenas o fogo, apareceu, não no sentido dado pela narrativa mitológica, mas, sim, na forma de se utilizar nas queimadas. As queimadas foram mencionadas como parte da destruição do meio ambiente, causada pela ação contemporânea do homem sobre a natureza, e não com o vínculo de sua importância tradicional na agricultura de subsistência.

Os questionamentos sobre a fauna, a flora, a água poderá levá-los e incentivá-los a repensar seus posicionamentos com relação ao meio ambiente, bem como a preservação, a cosmologia e cultura, o ambiente natural e seus elementos da natureza, por eles utilizados. Nem todas as opiniões são iguais, cada um possui um conceito para explicar seus motivos e anseios, de modo que é necessária a reflexão sobre os encaminhamentos necessários.

O meio ambiente é um poderoso instrumento que poderá remeter à origem mitológica, aparentemente esquecida entre os Terena. Nesse sentido, podemos concordar com Gonçalves (2006) que nos mostra a questão da população indígena, quando nos retrata que eles são conhecedores do ambiente, que milenarmente ocupavam e que os índios conseguiam

escapar ao domínio e controle pleno dos ‘brancos’, embora ao preço da migração, em busca de novos ambientes. Após verem desarticulados seus modos de vida e de produção, sempre a procura de novos espaços e, agora confinados a suas reduzidas aldeias, procuram soluções para a questão da preservação do seu meio ambiente, na escola, na comunidade, enfim, em toda aldeia.

No retorno realizado à aldeia, para aprofundar algumas questões, resultou na compreensão de que com relação ao meio e ao tema recursos naturais, eles são abordados dentro de sala de aula. A intermediação entre o pajé com o ambiente, as benzeções, a proteção e forte ligação com o meio ambiente, que lhe atribuem poderes vindos da própria natureza está em fase de lenta recuperação.

Os professores Terena entendem que para estar em sintonia com os acontecimentos mundiais e simultaneamente atuarem no nível da comunidade a que pertencem, é necessário o aprimoramento das relações do ambiente social com o físico, o que deve ser buscado dentro da própria cultura Terena, enfim recuperando as representações sociais ancestrais.

Para que haja qualidade de vida na Aldeia Bananal, sem esquecermos que essa qualidade poderá sofrer com fatores externos como: mudanças climáticas, a questão da terra escassa, a investida do capital, entre outras e dependerá dos seguintes valores: que as lideranças saibam conduzir com sabedoria os caminhos que seus ancestrais lhes transmitiram; que a escola através da formação de seus professores retomem e valorizem elementos mitológicos em diálogo com o mundo contemporâneo e que os valores do modo de vida Terena sejam preponderantes diante dos valores vindos de religiões e das relações de contato que a cada dia se estreitam mais.

REFERÊNCIAS

1.1 Bibliográficas

ALTENFELDER, Fernando Silva. **Mudança cultural dos Terêna**. In: Revista do Museu Paulista. São Paulo: vol. III, 1949.

AZANHA, José Mário P., **Educação: Temas polêmicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Caderno Cedes nº 49, Dezembro, 1999.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. São Paulo: MEC-SEF-SUP: Centro de Trabalho Indigenista, 2000.

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES. **Meio ambiente/Saúde**. MEC, Secretaria da Educação Fundamental, 3.ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES. **Temas Transversais**, MEC, Secretaria da Educação Fundamental, 3.ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. REFERENCIAL CURRICULAR PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS. **Temas Transversais**, MEC, Secretaria da Educação Fundamental, Brasília: A Secretaria, 1998.

BRAND, Antonio J. Biodiversidade, Sócio-Diversidade e Desenvolvimento: Os Kaiowá e Guarani no Estado de Mato Grosso do Sul, in: **Fragmentação Florestal e Alternativas de Desenvolvimento Rural na Região Centro-Oeste**. Reginaldo Brito da Costa (org.), Campo Grande, UCDB, 2003, p.175 a 204

CARVALHO, Waldomiro A. de. **Belezas e Curiosidades do Pantanal**. Produção Gráfica Teixeira. Aquidauana, 2003.

CARVALHO, Joana D'Arc Vieira, **Cultivo de Manga do Brasil**. Dossiê Técnico, Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília – CDT/UnB. Março de 2007

CASTELNAU, Francis. **Expedição às regiões centrais da América do Sul (1845)**. Trad: Olivério M. de Oliveira Pinto. Tomo II. São Paulo: Ed. Nacional, 1949.

COOPER, John M. et all. **Suma Etnológica Brasileira**, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, RJ, 1987.

DIAS, Genebaldo Freire. **Ecopercepção: um resultado didático dos desafios sócio-ambientais**. São Paulo: Gaia, 2004.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA, Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda, SP, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1981.

DICIONÁRIO MERCURY JR DA LÍNGUA PORTUGUESA. Livro mor editora Ltda : SP, 1969.

DIEGUES, Antonio Carlos, ARRUDA, Rinaldo S.V., **Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio ambiente; São Paulo: USP, 2001

FLORENCE, Hercule. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Publicado em: Travessia** - Revista do Migrante, n. 36, ano XIII, 2000.

GONÇALVES, Evanilson C. **O lixo como problema ambiental na Aldeia Bananal do posto Indígena de Taunay no município de Aquidauana – MS: Base para discussão sobre Planejamento Local**. 126 f. Dissertação de Mestrado. Aquidauana, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro:DP&A, 2003.

JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia indígena, uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2002

LADEIRA, Maria Elisa. **Língua e história: análise sociolingüística em um grupo Terena**. São Paulo, 2001. 166 fls. (Tese de Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2001.

LEITE, Fernando Quadrado. **ABC do Meio ambiente: biota**. Brasília, Ed. IBAMA, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa/Portugal, Edições 70, Lda, 2007.

_____ **A Origem dos Modos à Mesa**. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

MARCONDES, Ayrton César e Soares, Paulo de A. Toledo. **Curso básico de educação ambiental**, SP, editora scipioneltda, 1991.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MIRANDA, Claudionor do Carmo. **Territorialidade e práticas agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidades Terena de MS**. 119 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento local) – Campo Grande: UCDB, 2006.

MORAN, Emílio F., **Adaptabilidade Humana: uma introdução a Antropologia Ecológica**, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

NASCIMENTO, Ernestina S. et all, **Textos produzidos pelos professores**. Campo Grande. Coordenadoria de Métodos e Infomática/DGAF/SED, 1996.

OBERG, Kalervo. **A economia Terena no Chaco**. *Terra Indígena* – UNESP- Araraquara. São Paulo: nº 55, 1990.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **Da pré-história à história indígena: (re)pensando a Arqueologia e os povo canoieiros do Pantanal**. 466 p. (Tese de Doutorado em História) - Porto Alegre: PUC-RS, 2002.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma Lingüística Crítica**. São Paulo, Parábola Editorial, 2004.

RAMOS, Arthur. **Introdução à antropologia brasileira – as culturas não européias**. Coleção Estudos brasileiros da Livraria. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo. Brasiliense, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. Petrópolis: Civilização Brasileira, 1970.

_____. **O Processo civilizatório**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 2 ed.1972.

RICKLEFS, Robert E. **A economia da natureza: um livro-texto em ecologia básica**. Editora Guanabara, RJ, 1996.

ROHDE, Ricard. **Algumas notícias sobre a tribo indígena dos Terenos**. Terra Indígena, UNESP-Araraquara, São Paulo: nº 55, 1990.

ROSENFELD, Rogério. **A Cosmologia**. Instituto de Física Teórica, UNESP, Física na Escola, v. 6, n. 1, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa, **Redes culturais, diversidades e educação.O fim das descobertas imperiais**, 1999.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**, Rio de Janeiro: Record. 2001.

SANO, S. M. A., **Cerrado: ambiente e flora**, Planaltina: Embrapa-cpac, S.P. ed., 1998.

SATO, Michele, **Educação Ambiental**, São Carlos : RiMa, 2004

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), **Identidade e Diferença**, A perspectiva dos Estudos Culturais, 4ª edição, Editora Vozes, Petrópolis, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu, da (org.) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Aracy Lopes da et all. **Índios do Brasil**. Editora Ática, 1988

SCHADEN, Egon. **Aculturação indígena**. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, USP, 1969.

SCHUCH, Maria Eunice Jardim. **Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no alto Paraguai**. 87 p. Dissertação (Mestrado em História) Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, 1995.

SHORE, Cris. Mito. In **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1996

SUSNIK, Branislava. **Los Aborígenes del Paraguay: etnología del Chaco Boreal y su periferia (siglos VXI y XVIII)**. Assuncion: Museo etnográfico “Andrés Barbero”, 1978.

SUSNIK, Branislava. **Los Aborígenes del Paraguay: etnohistoria de los chaquenõs – 1650 – 1910**. Assuncion: Museo etnográfico “Andrés Barbero”, 1981.

TAUNAY, Visconde de. **Entre os nossos índios**. São Paulo: Companhia Melhoramento, 1931.

VIEIRA, Paulo Freire, Viola, Eduardo e outros, **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**, SP, Cortez editora, 1998.

VINHA, Marina e RAMOS, Sônia Maria de Araújo. **Projeto Político Pedagógico e Educação Física Escolar entre os Kadiwéu**. In anais VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste. Cuiabá. Cd Rom, 2006.

1.2 Documentais

Diário Oficial da União de 13/08/2004, Seção 1, p. 42. Pág. 1 de 13. RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TAUNAY-IPEGUE. Referência: Processo FUNAI/BSB nº 0289/85. Terra Indígena: Taunay-Ipegue. Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 1.155/PRES de 13/11/00 (DOU de 14/11/00), coordenado pelo antropólogo Gilberto Azanha.

1.3 Documentos Sonoros

AZAMBUJA, Janete L. **A história de Marcolino Wollily: depoimento**, [Data]. Entrevistadores: F.C.D.Ferreira, 1 fita cassete (120 min), 3 ¼ pps, estéreo. Entrevista concedida na Aldeia Bananal, Terras Terena, Município de Aquidauana/MS

BASÍLIO, Zenira P. **Meio ambiente da aldeia: depoimento**, [Data]. Entrevistadores: F.C.D.Ferreira, 1 fita cassete (120 min), 3 ¼ pps, estéreo. Entrevista concedida na Aldeia Bananal, Terras Terena, Município de Aquidauana/MS

CÂNDIDO, Álfia F. **Mudanças o meio ambiente:** depoimento, [Data]. Entrevistadores: F.C.D.Ferreira, 1 fita cassete (120 min), 3 ¼ pps, estéreo. Entrevista concedida na Aldeia Bananal, Terras Terena, Município de Aquidauana/MS

PAES, Elinéia P. **Educação ambiental na escola:** depoimento, [Data]. Entrevistadores: F.C.D.Ferreira, 1 fita cassete (120 min), 3 ¼ pps, estéreo. Entrevista concedida na Aldeia Bananal, Terras Terena, Município de Aquidauana/MS

SILVA, Enedino. **A questão ambiental:** depoimento, [Data]. Entrevistadores: F.C.D.Ferreira, 1 fita cassete (120 min), 3 ¼ pps, estéreo. Entrevista concedida na Aldeia Bananal, Terras Terena, Município de Aquidauana/MS

1.4. Sites consultados

ADAMS, Berenice Gehlen. Texto Comemorativo: **O que é educação ambiental?** Disponível em <www.apoema.com.br> Acesso em: 17 jul. 2006.

BEM-TE-VI, disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/bemtevi.htm>>. Acesso em 23 de maio de 2008.

CERÂMICA I, disponível em <www.ceramicanorio.com.br>. Acesso em 23 de maio de 2008.

CERÂMICA II, disponível em <<http://www.trabalhoindigenista.org>> Acesso em 23 de maio de 2008.

DICIONÁRIO ON LINE, **Conceito de ecossistema.** Disponível em <<http://www.consulteme.com.br>> Acesso em 20 jul. 2006.

DW_WORLD.DE. Do centro da Europa, Páscoa: Mitos germânicos e tradições cristãs. Museu do coelho em Munique. Alemanha. Disponível em: <www.dw-world.de/dw/article> acesso em 27 mai 2008.

ELIAS, Gustavo. <http://www.geocities.com/gustavo_elias/mitobras.html> acesso em setembro de 2008.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. **Instituto Sócioambiental, Enciclopédia – Povos Indígenas no Brasil - Cosmologia e Xamanismo**, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/Terena/cosmo.shtm>. Acesso em 23 jan.2007.

LOBINHO, disponível em : www.ambienteemfoco.com.br. Acesso em 23 de maio de 2008

MEIO AMBIENTE HP. **Conceitos básicos de Meio ambiente.** Disponível em <<http://www.meioambientehp.hpg.ig.com.br/conceitosbasicos2.htm>> Acesso em: 18 jul. 2006.

MOUSINHO, Patrícia. Alguns Conceitos. In: ____.**Ministério do Meio ambiente.** Disponível em <<http://www.mma.gov.br/index.php>> Acesso em 19 jul. 2006.

NOVA ESCOLA, **Caderno sobre Meio ambiente**, Disponível em <<http://www.novaescola.abril.com/maio.2003>> Acesso em: 20 jul.2006.

PEREIRA, Levi Marques. **Aprendendo a ser Terena: noções de etiqueta e civilidade nos processos de transmissão do conhecimento, no reconhecimento da diferenciação social e na construção do *ethos***. Anais, II Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade: saberes e práticas interculturais na universidade. ISBN: 978-85-7598-121-8. Campo Grande, 2007.

POESIA TERENA, **Eu sou Terena**. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/eu-sou-terena-sou-filho-da-lua-sou-filho-do-sol>> acesso em 20 set. 2007.

PORCO ESPINHO, disponível em www.wikipédia.com.br . Acesso em 23 de maio de 2008.

PRÉA, disponível em www.wikipédia.com.br . Acesso em 23 de maio de 2008.

SAPO VERMELHO, disponível em www.globonoticias.com.br . Acesso em 23 de maio de 2008.

TICO-TICO, disponível em: <www.faunacps.cnpm.embrapa.br>. Acesso em 23 de maio de 2008.

ANEXOS

ENTREVISTA SENHOR ENEDINO DA SILVA

Local: Aldeia Bananal

Data: 2007

FITA 1 - Bom dia, estamos aqui com o senhor Enedino na aldeia do Bananal, senhor Enedino é uma das figuras mais representativas que existe dentro da aldeia ele foi cacique durante oito anos aqui na aldeia do Bananal, distrito de Toné, município de Aquidauana, e todas as questões relacionadas a aldeia, tanto o diretor da escola como os professores sempre procura, assim mesmo como os caciques anteriores, esse cacique, chefe de posto, estão sempre procurando a sua opinião porque ele é intermediário entre a aldeia e o município de Aquidauana.

Bom dia senhor Enedino,

Bom dia.

Nós estamos aqui então para falar sobre a questão ambiental na aldeia. Qual o seu nome completo, por favor?

Enedino da Silva.

Há quanto tempo o senhor mora na aldeia.

Eu to com a idade dos 52 anos, desde criança já nasci na aldeia e até hoje.

O senhor percebeu alguma alteração ambiental na região da aldeia?

A gente percebeu sim, porque a paz do ambiente, acho que o ambiente não era assim, hoje modificou muito as coisa, houve muito desmatamento, houve, houve muitas coisa que mudou a aldeia hoje, então a poluição também aumenta e prejudica muito a nossa comunidade, essa mudança que houve entre que eu era criança na aldeia foi feita essas mudança.

Houve essas mudanças que o senhor percebeu na aldeia, teve alguma consequência assim essa alteração da parte ambiental teve alguma consequência na vida dos índios dentro da aldeia?

Bom, consequência é que prejudicou muito a comunidade indígena como na parte de agricultura, com a questão da saúde indígena, então isso vem prejudicando muito a comunidade indígena. Então e também na mudança que teve que vários tanques, poços secaram porque o fato de mudar esse clima e também prejudicar o Meio ambiente na nossa vida.

O senhor tem conhecimento se a escola trabalha com a questão ambiental na aldeia?

Ultimamente a gente tem conversado com a diretora, que hoje é responsável lá, que as crianças vem aprendendo e discutindo essa questão do ambiente porque essas crianças que serão os responsáveis daqui pra frente né, daqui uns anos, então eu acho que é importante eles prevenirem na questão de ambiente.

O senhor acha que poderia ser feito alguma coisa para melhorar o Meio ambiente?

Eu na minha opinião eu acho que deveria sim tentar melhorar a questão do Meio ambiente com projeto e replantando aquelas árvores né que foi destruído, enfim cuidar do açude, da... a gente não perde todo aquele, a questão do ambiente que vem prejudicando a nossa comunidade.

Eu gostaria de agradecer o senhor pela entrevista, e se o senhor quiser deixar alguma mensagem...

Agradeço também essa oportunidade que de dizer também que, aos nossos companheiros 'branco's que olhem mais pela comunidade indígena né, como hoje nos estamos falando do Meio ambiente é importante o pessoal olhar pras comunidade indígena então eu acho que é o momento de reflexão também sobre essa questão indígena principalmente no Meio ambiente, muito obrigado e qualquer coisa a gente está à disposição.

Ta bom, muito obrigado senhor Enedino.

ENTREVISTA COM PROFESSORES

Local: Aldeia Bananal
Data: 2007

FITA 2 - Estamos aqui na escola do Bananal, com os professores de 1ª a 4ª série, professora Edinéia, professora Selma, Professor Alvizuri, professor Mário, Ana Lúcia, Sônia, Geramerrel e professora Geisa, coordenadora Adriana e vice-diretor Saulo. Então eu vou fazer as questões agora sobre a educação ambiental dentro da escola.

Existe algum projeto específico sobre a educação ambiental a ser desenvolvido ou em desenvolvimento na escola?

A professora Adriana vai responder:

Bom nós estamos aí com um projeto para ser desenvolvido agora na semana do Meio ambiente. Esse projeto ele está com propósito de plantio e replantio de novas mudas de árvore no pátio da escola e esse objetivo é fazer mais arborização, isso porque há muita falta de sombras para os alunos, principalmente na hora de educação física né, sem, sem deixar de fora também que é uma, é bom também para a saúde dos alunos, né.

Eu gostaria de saber dos professores o que vocês ensinam com relação a educação ambiental dentro da escola?

Professora Selma: eu trabalho com a 3ª série, agora no 2º bimestre eu to trabalhando com os conteúdos sobre a água, ar, solo, então de acordo com o conteúdo eu to trabalhando junto com a preservação do Meio ambiente, através dos conteúdos já estou inserindo a preservação do Meio ambiente.

Bom, meu nome é Geramerrel Gerônimo, professor da 1ª série B da Escola Municipal Indígena General Rondon, conforme as pergunta da professora aí né, então nos podemos concluir, poluição do ar que está aumentando aqui na nossa região né por causa do desmatamento e conforme o que nós estamos ouvindo aqui né, está causando doenças e prejudica muito pessoalmente os bebês né principalmente as crianças da nossa escola, então, então também essa, essa parte entra no nosso conteúdo da 1ª série B, só isso.

Bom, agora nós vamos falar sobre a preocupação, que antigamente existia uma certa preocupação por parte dos pais de vocês, dos caciques mais antigos, dos pajés sobre a educação ambiental, existia alguma assim orientação pela preservação do Meio ambiente?

Eu sou professora Elinéia da 2ª série, 2ª série B, antigamente os pais não tinham muita preocupação em passar isso pra gente sobre educação ambiental não demonstrava essa preocupação mas hoje nós percebemos que houve muito desmatamento, muitas queimadas, animais que existiam antigamente, hoje não tem mais, até os rios que tinham antes, que as crianças iam passear iam se divertir, hoje também não existe mais, então nós professores tentamos passar isso para os alunos, essa, essa

conscientização da preservação ambiental, principalmente da Aldeia Bananal, da aldeia Ipegue, das aldeias da região aqui de Toné.

Eu sou professora Ana Lúcia do pré, é, os antigos eles não tinham muita preocupação como agora que ta tendo no caso da poluição, da queimada, então vamos passar pros alunos mais, de qualquer forma.

Eu sou professor Geramerrel Gerônimo e conforme o assunto de hoje né, acho que realmente mesmo os patrício nosso antigamente não se preocupavam com o Meio ambiente, mas hoje já é outra realidade nossa né, conforme que nós vimos já a transformação, então o nosso sonho agora é de nós passar pra nossas criança esse conseqüências que o ambiente trás pra nós e nós podemos continuar então conservando e falando do Meio ambiente.

Eu sou professor Alvizuri, eu to aqui na Escola General Rondon e eu só gostaria de complementar o que os demais colegas nossos falaram que a gente baseando em alguns fatos, professora, a gente acredita que os pais da gente se preocupava menos que hoje né, por causa que hoje nós vemos que a imprensa hoje ela atinge a toda camada da sociedade então eles também nos tem incentivado também, porque em todas as parte seja em televisão, rádio, jornais, então nós vemos essa divulgação desse, dessa degradação que hoje acontece não a nível nosso daqui das aldeia mas a nível do mundo né, nós vemos aí o efeito estufa que hoje é a grande preocupação do nosso planeta, vamos dizer assim, então pra começar aonde? Começa dentro de casa né, esse efeito que agora o mundo inteiro se preocupa, se volta nesse assunto, então aonde começa o que nós tentemos passar para os nossos alunos hoje é que esse assunto começa dentro de casa, e a um simples jogar de um papel no chão, começa ali a degradação do nosso Meio ambiente nós temos que fazer com que nossos alunos percebam isso e graças a Deus eu tenho certeza que comparando com os tempos aí, vamos dizer mais antigos e com agora o nosso tempo, então eu acredito que se as crianças estão preparadas assim pra que nós começamos a trabalhar pra que reverta essa situação então nós preocupamos com isso porque eu acabei de falar pra eles agora pouco, dentro da sala de aula, que o nosso tempo aqui é rápido, então nós temos que aproveitar o máximo possível pra que nós possamos passar pros nosso filhos, pros nosso neto né, essa, essa grande preocupação que hoje nos ta, é como se fosse responsabilidade de cada pessoa que não somente nosso mas do mundo inteiro, então nós estamos trabalhando pra que isso aconteça e nós ficamos, nós ficamos trabalhando na certeza de que daqui uns 20, 30 ou no menos tempo isso pode surtir um efeito positivo, essa preocupação que nós professores estamos trabalhando dentro da sala de aula, ta.

Eu sou professora Selma, trabalho com a 3ª série, na minha opinião as pessoas mais antigas né, os caciques não se preocupavam com o Meio ambiente, tanto, na minha opinião acho que porque eles também não tinham muitos problemas ambientais como hoje né, então eles ficavam mais a vontade, mais tranquilo então, acho que esse aí é um tema muito novo né, que ta começando agora, então, como é nacional, que atinge o mundo inteiro com certeza chega aqui na aldeia também.

Eu sou a professora Sônia trabalho com o pré e na minha opinião mesmo assim os nossos né, os nossos pais, nossos avós eles tinham a caça, tinha a pesca tinha planta né tinha roça e hoje nós não temos mais isso, então com o desenvolvimento, com o passar do tempo, tudo vai, tudo vai mudando então o nosso objetivo na sala de aula é passar para as criança que não é mais como antes, hoje eu vejo que ta totalmente mudado e a nossa preocupação é passar isso pras nossa crianças e nossa, isso que a gente ta fazendo em sala de aula né, e com o envolvimento dos 'branco' né, a gente aceita, aceita, aceita e vai ficando do jeito que ta então a gente não se preocupa com o nosso dia de amanhã, e o nosso, nosso papel como educadora, nós vamos tenta né, resgata um pouco da nossa cultura.

Bom, agora a gente vai conversar com vocês, vocês são nascidos, são criados aqui na região Bananal, Ipegue, vocês conhecem desde criança essa região aqui, vocês saíram, estudaram, se formaram e retornaram pra Aquidauana, pra aldeia. Como vocês conhecem toda essa região, vocês perceberam alguma mudança, assim de quando vocês eram criança pra agora, atualmente e essas alterações influenciou ou tem influenciado na vida aqui dos índios da aldeia, na vida de vocês?

Sônia - Acredito que sim, porque antes né, tínhamos um córrego, hoje não tem mais, tinha muitas árvores assim com flores diferentes, hoje não tem mais, muito remédio caseiro, que hoje nós não usa mais, a gente já né, já que a medicina dos 'branco', então tem mudado muito, muito mesmo, no meu ponto de vista tem.

Na minha opinião, meu nome é Selma, professora aqui da escola e sim eu tenho percebido muita mudança, falta água que geralmente não faltava, tinha muitas frutas final do ano, que hoje não tem mais, diminuiu, é mais difícil a gente conseguiu tira final do ano assim, tipo guavira, tinha demais todo final do ano, mas agora é difícil a gente conseguiu né, água, poço com água doce, se tive aqui na aldeia deve te 1 ou 2 poços, ali em frente da casa da minha vó tinha, secou, a gente ta passando por problema de água, água do poço artesiano que não atende mais a comunidade inteira.

Alvizuri - A gente só gostaria de complementar o que a professora Selma falou em questão de frutas, professora, que eu me lembro que tem uns tempos aí quando a gente era tempo de criança, a questão da guavira, sabe e hoje eu tenho uma filha com 7anos e ela não conhece o que é a guavira né então, e a preocupação agora é tenta correr pra pelo menos consegui essa fruta pra pelo menos ela conhece né que é uma fruta muito deliciosa mesmo né, então o que que acontece, claro que sobrecarrega pra nossa vida e também pro nosso bolso também sabe, porque, porque antigamente as frutas davam aqui mesmo, nós pegávamos aqui, ali, hoje não, nós temos que recorrer aqui aos mercado, a cidade né, pra tenta adquirir algumas frutas de lá, então isso tem causado muito, mudou totalmente com a tradição nossa que é a nossa cultura que seria mesmo aqui nativa né, então só gostaria de complementar isso. Sou professora Ana Lúcia, o que mudou aqui mesmo foi que o pessoal daqui não planta mais arroz, difícil planta, feijão, pouco plantação que existe aqui.

Professora Elinéia houve várias transformações nas aldeias aqui da região porque antigamente, existiam várias matérias primas até pra confecção das roupas indígenas, dos artesanatos indígenas e hoje já não tem isso pra fazer, nem mesmo pra ensinar os alunos, ensinar as pessoas mais jovens,

também a partir disso, da não preservação ambiental surgiram várias doenças como: diabete que hoje a maioria das pessoas tem em todas as aldeias, pressão alta, devido a alimentação e antes que a alimentação era feita dentro da aldeia, hoje já não é feita mais, as pessoas indígenas compram os produtos alimentícios na cidade, então houve muitas transformações desse tipo na minha cabeça.

Então, só pra finalizar a nossa conversa, muito agradável por sinal, quase todos participaram falando, eu gostaria de saber de vocês o que vocês acham que poderia ser feito para melhorar o Meio ambiente, para melhorar assim o ambiente da aldeia, o Meio ambiente da escola, o que poderia ser feito?

Sônia - Bom, o ponto principal seria limpar, como a gente conhece aqui, o olho da água, limpar porque eu acredito que já ta tudo bem, limpa aonde vai surgir a água e onde vai até surgir até a água no nosso córrego.

Professora Selma – eu acho que o que a gente poderia estar fazendo é reflorestar também né, rearborizar a aldeia porque a grande maioria da comunidade eles tão tirando né, angico, eles vendem só que eles não plantam, não replanta, então com certeza isso aí... não pra vende pra usar, eles cortam vende, aqui na própria aldeia, só que não é replantada essa árvore, então com certeza daqui a 5 anos, 10 anos, já ta acabando também, então assim seria uma forma também, de ta contribuindo com a comunidade.

Meu nome é Alvizuri, eu penso o seguinte que nós devemos sim fazer essa parte de reflorestamento, mas também devemos trabalhar nesse ponto de conscientização, então conscientização, conscientização sempre mesmo, mas essa idéia de reflorestamento é muito importante, porque é dessa forma mesmo, tem muita gente que só tira e não repõe então uma das formas seria reflorestar também.

Sou o Saulo, vice-diretor da Escola General Rondon, agora só complementar os falas dos professores que no momento nós estamos assim entre os professores conscientizando uns aos outros e depois partir para a comunidade em si né, pra poder fazer esse levantamento e colocar na idéia do morador, não só do Bananal mas de toda região, acredito eu, não só do Bananal que atinge essas consequência que é o mundo né, é geral. Então eu acredito que essas fala das professoras é bem viável, pra qualquer comunidade.

Geramerrel Gerônimo – Ouvimos os professores aí né que já falaram a sua opinião, eu concordo também que a gente precisa faze um reflorestamento, principalmente aqui na nossa área indígena né que está perdendo a extinção dos animais né e falta de água e que a gente precisa mesmo é conscientização da população da nossa região daqui da aldeia do Bananal né e esperamos que cada professores né que continue esse trabalho pra gente conquistar essa luta que a gente está lutando para melhora né, para o nosso futuro.

Sou professor Mário, de educação física aqui na escola, é nessa minha realidade que eu pude ver aqui nesse pouco tempo que eu dou aula, a gente mexeu com a água então que é muito importante é fazer esse próprio reflorestamento do leito do rio, da questão das lagoas aqui próximo, pra que não se

degrade e ter conscientização disso também né por tudo, por parte do pessoal daqui e da comunidade em geral.

Professora Edinéia, é, além do incentivo, do plantio, do reflorestamento, do plantio de frutos, árvores frutíferas, é importante também a realização de projetos, da ajuda de órgãos governamentais pra investir nas aldeias para que esse problema não venha a crescer ainda mais, porque isso vem prejudicando muito as comunidades indígenas e é muito importante a gente fazer essa preservação ambiental.

Eu gostaria de agradecer a todos vocês que se dispuseram a dar essa entrevista a falar sobre o Meio ambiente, sobre a escola, sobre como estava à questão do Meio ambiente antes e agora. A todos vocês, muito obrigada.

ENTREVISTA SENHORA ZENIRA PEDRO BASÍLIO

Local: Aldeia Bananal

Data: 2007

FITA 3 - Estamos aqui na aldeia do Bananal com a Senhora Zenira Pedro Basílio:

Dona Zenira qual a idade da senhora? *45 anos*

A senhora é nascida e criada aqui na aldeia do Bananal?

Eu nasci, eu me criei, e... quando eu era solteira trabalhei fora né, aí depois, depois que eu casei aí eu morei aqui, quando eu casei eu ainda vendia fazia feira em Aquidauana.

Do tempo que a senhora era criança que a senhora nasceu e se criou aqui quando a senhora era criança... dentro da aldeia no Meio ambiente da aldeia?

A sim, porque é... éramos assim aquela... existiu aquela cartilha que a gente fala assim, já ao é mais utilizada agora de hoje agora é muito diferente dos estudos dos nossos filhos hoje em dia, mudou bastante.

E assim, dentro da aldeia, dentro da aldeia assim, o ambiente da aldeia as árvores, quando a senhora era criança, como era quando a senhora era criança, tinha mais árvores, mais animais e hoje em dia como é?

Tinha, tinha mais animais, caça né, então, meu pai que caçava bastante, hoje em dia já é muito difícil, não tem, muito difícil, nem que os rapazes que vão sempre pescar pra lá pra fazenda aí é muito difícil de trazer caça, mas eles caçam assim nada mais.

E as árvores que existiam a mesma quantidade de árvores que existia antigamente que existe hoje?

As árvores, era assim, só que antigamente tinha roça né que meu avô finado plantava, minha avó, plantava bastante, mas que eu ouço agora falar que a conversa do povo aí que mexe na roça, por causa que o sol esquenta demais então já não ta dando pra plantar agora, mas antigamente tinha, tinha bastante mandioca, era milho, era feijão verde, feijão rasteiro aí tudo, então nós quando éramos criança, nós foi criado assim com... aqui as plantações da... não, o que meu pai comprava era só arroz e óleo né, agora o resto tudo é daqui, agora hoje em dia, por isso que eu falo, hoje em dia já não existe mais isso não.

Houve uma mudança no clima da aldeia então?

Isso esquentou mais, por isso que não ta dando mais faze roça.

Então eu gostaria de agradecer a entrevista da senhora, obrigada. Obrigada.

ENTREVISTA SENHORA ÁLFIA E SENHOR FLORÊNCIO

Local: Aldeia Bananal
Data: 2007

FITA 4 - Estamos aqui na aldeia do Bananal com a Senhora Álfia Fialho Cândido:

Dona Álfia, qual a idade da senhora?

53

A senhora é nascida e criada aqui na aldeia?

Sou

Desde que a senhora nasceu a senhora era pequena, criança aqui na escola, aqui na aldeia, a senhora percebeu alguma mudança, dentro da aldeia nas árvores, no Meio ambiente, como que era antigamente, como que é hoje?

A muita mudança, antigamente os nossos patrícios, quando caçava, porque era muito bastante mato por aqui e era pouca pessoa ainda e ia pegar a caça bem perto agora já é muito longe por causa das mata já tão destruindo muito. Houve muita destruição das árvores e também a população ta demais, cresceu.

Nós iremos falar agora com seu Florêncio José da Silva:

Seu Florêncio, qual a idade do senhor?

Vou fazer 50 em 10 de outubro, sou de 1957.

Certo, eu gostaria de saber se o senhor percebeu alguma mudança aqui dentro da aldeia, no Meio ambiente, como que era quando o senhor era criança e agora, como que o senhor percebe esse Meio ambiente aqui dentro da aldeia?

É porque eu tenho a experiência com a minha mãe, porque a minha mãe é de, mais idosa na aldeia que eu moro e pelo que ela conta pra gente que... a gente senta a tarde, conversa com ela porque do jeito que o Meio ambiente hoje em dia do jeito que eu vi uma senhora que tava falando aqui, porque naquele tempo existia muito pouco a povoação em todas aldeia e eu vejo nesse ano que nós estamos, muitos povo e ta aumentando mais cada ano que passa o aumento das nossas familia, tudo casando, é verdade isso aí.

O seu Florêncio vai falar agora um pouco sobre a sua mãe. A mãe do seu Florêncio,tem 114 anos:

Seu Florêncio, o senhor estava comentando sobre a sua mãe que ela conta certos relatos pra vocês de quando vocês eram crianças. Quais são esses relatos que a mãe do senhor faz?

É que eu gostaria de comentar sobre a vida da minha mãe quando era nova né que aquela época quando era nova existia meu pai e sempre contava um negócio de alimento, os alimento não comprava assim na cidade, eles fazia roça e fazia rapadura, fazia açúcar, se vê arroz tudo daqui da terra, plantado aqui e principalmente o óleo mesmo ela fala, contava pra gente que não comprava, criava porco e fazia aquela banha de porco então isso que ela comentou pra gente, principalmente açúcar hoje em dia são tudo contaminado, porque a minha mãe ta com 114 anos agora em Janeiro,

ela não tem doença de diabético nem nada está sadio então isso que eu nesse ano que eu estou vou fazer 50 ano, se vê, muita pessoa já sofre doença de diabético outras coisa também, então a minha mãe não sente nada, mas o que tem problema é só na vista, mas que estava operando nesses meses que passou né então está recuperando a saúde dela, isso que eu to vendo, mas agora nos nossos, na minha infância assim, da minha idade muita pessoa que sofre de diabético, ela não né, é isso que eu gostaria de dizer pra pessoa nesta tarde.

Ta certo, eu gostaria de agradecer, muito obrigada pela entrevista de vocês.

ENTREVISTA SENHORA JANETE LILI

Local: Aldeia Bananal

Data: 2007

FITA 5: Boa tarde. Estamos aqui com a professora Janete Lili Azambuja, ela vai fazer uns relatos sobre seu avô Marcolino Lili que foi líder na aldeia e trabalhou junto com as demais lideranças indígenas da aldeia Bananal.

Fátima - Boa tarde Janete.

Janete - Boa tarde, boa tarde, Fátima.

Fátima - Janete, você sempre escutou os relatos do seu avô com relação à aldeia Bananal?

Janete - É muitas histórias foram muito contadas pelo Caiamai né. Caiamai é meu avô, ele foi, 30 anos ficou como capitão da, do terena lá da aldeia Bananal, ficou 30 anos na capitania e dentro desses 30 anos ele fez muita coisa boa que as pessoas das aldeias fizeram com que ele permanecesse por esses longos anos.

Fátima - Você falou Caiamai, como era o nome do seu avô na língua terena?

Janete - O nome verdadeiro do meu avô em terena é Caiamai que significa crânio, Oalili o sobrenome que significa fonte de água.

Fátima - E Caiamai, porque que foi escolhido Caiamai?

Janete - Esse nome tem um significado, é como é que a gente pode falar é grande na concepção da família dele na época onde ele nasceu, significa era uma pessoa sábia e Oalili significa que a água ela é fonte de vida então ela dando continuidade à família.

Fátima - Bom consta no livro de Altenfelder de 1946 quando ele esteve na aldeia até 49, que o seu avô trabalhou junto com a STI, você tem algum, ele contava, ele fez algum relato sobre isso pra vocês, que conta também que ele foi preso também uma vez.

Janete - Sim, ouve muitas histórias é, foram feitos relatos pro meu pai, meus tios e até mesmo meu vô que nessa época que ele ficou na capitania, ele via situações que pra ele aquilo não era bom, e ele sempre tentou fazer justiça com as pessoas que ocupavam lá o cargo lá de chefe do STI na época era os não índios né que ficavam lá e uma das histórias que a gente nunca esquece é de que um dia ele foi

preso injustamente por causa de muitas coisas que ele não concordava, é uma dessas coisas que ele não concordava é de que via muitas ferramentas para os índios, pelos meus patrícios lá pra ir trabalharem na terra tipo enxada, foice, é rastelo e outros facões né que poderia ta ajudando os índios a plantar, mas eu acho que nesse período as pessoas que estavam na chefia da STI achavam por bem não repassar para os índios essas ferramentas, a gente não sabe o porque, não sei dizer o porque, mas a história foi assim de que todas essas ferramentas quando chegava, o chefe lá abria um buraco no fundo do quintal e eram enterradas todas essas ferramentas, então os índios, arame farpado arame liso chegavam pra cercar e não conseguiram fazer isso porque não eram repassados a s coisas pra eles.

Fátima - Janete existia alguma preocupação de seu avô em estar cuidando, protegendo a aldeia?

Janete - *É como eu já falei que ele foi preso injustamente, justamente por causa que eu falo isso por causa disso porque ele queria proteger as coisas que eram boas pra comunidade terena e eles tinham uma visão de que a cerca era pra proteger os moradores dali da comunidade então vinha arame, vinha farpado, vinha liso como eu já falei, mas era pra cercar a matas era pra cercar a roça, era pra cercar a casa porque naquela época os animais eram soltos né então ele queria fazer as coisas justas e ele não conseguiu fazer isso porque por causa do que a visão do não índio que tava na chefia sempre querendo, não querendo ajudar o índio, tinha tudo pra que o índio vivesse bem nos anos anteriores.*

Fátima - Mas no final com essa revolta do STI ele sendo preso e depois ser libertado ele conseguiu cercar a aldeia?

Janete - *Depois de muito tempo, depois de muito tempo né, porque aí tinha que conscientiza, porque ele sozinho não ia dar conta, ele tinha que chama as lideranças pra entender eles faziam com que os patrícios vissem isso e ter a visão de que isso era bom pra comunidade depois de muito tempo ele conseguiu, mas depois pra ele fica dentro da aldeia não foi mais assim antes porque o não índio já tinha estragado tudinho a visão dos patrícios.*

Fátima - É professora Janete, porque que o nome do seu avô foi mudado, não se falava mais na língua Caiani Oalili e sim pra Marcolino Lili?

Janete - *Essa é uma história interessante que a gente também quando a gente ouvia as histórias a gente ficou muito atento porque mudou o nome do Caiamai pra Marcolino Lili, mas isso porque eles trabalhavam como fazendeiros né, quando eles vieram que, essa é uma história longa, se a gente for conta é uma história muito longa, já ta começando a fica até mais que a metade e quando eles foram trabalhar com os fazendeiros, ele né o Caiamai foi trabalhar com os fazendeiros ele não sabia ler, nem escrever então naquela época o fazendeiro disse pra ele assim, a história foi mais ou menos assim, olha eu vou te dar sua certidão de nascimento, vou fazer um documento seu, aí disse sim pode fazer meus documentos, como é que vai ser, aí o fazendeiro falou ó seu nome vai ser Marcolino né, Marcolino, ta bom, né ele disse e o seu Oalili eu vou tirar a metade e você vai ficar com a metade, porque é mais fácil de escrever aí na época foi treinado, meu avô foi treinado a escrever o nome dele*

tanto é que mecanicamente ele aprendeu a escrever e ler o nome dele, foi isso que aconteceu, mas só pra assim pra assinatura, pra algum documento, só pra facilitar mesmo a escrita, foi treinado, porque alfabetizado, alfabetizado ele não é.

Fátima - Ta bom, gostaria então de agradecer a sua entrevista, meu muito obrigado pra você, se você quiser falar mais alguma coisa...

Janete - *Foi um prazer de estar te ajudando nessa pesquisa, fico feliz também, eu faço leituras, to tentando meu mestrado também, não sei se vou conseguir e ainda essas histórias assim gravadas e depois passada em livros, são documentos que até meus netos, bisnetos poderão usar mais tarde.*

Fátima - Exatamente, ta bom, muito obrigada então.

Traduções elaboradas pela professora Janete Lili:

Bem-te-vi: *Vítuka*

Sementes: *Aké*

Sol: *Káxe*

Lua: *Kohê*

Porco-espinho: *tope'oe*

Entrevista Cacique Zacarias Martins – Aldeia Buritizinho – 2008

Sou cacique Zacarias Martins da aldeia Buritizinho e tenho 65 anos. Sempre ouvi meu bisavô, que se chamava Antonio Martins, falar para os netos e filhos em rodas, ao pé do fogo, que naquele tempo antigo, não tinha fósforo. O povo da aldeia então, utilizava duas pedras, batendo uma na outra e com suas faíscas acendiam a grama seca, folhas, gravetinhos finos ou ainda o algodão seco que era plantado nas terras. Depois que acendia esse foguinho, colocava os pedaços maiores de madeira. O algodão seco sempre era guardado um pouco para a época das chuvas.

APÓS A QUALIFICAÇÃO REALIZADA EM 26 DE NOVEMBRO DE 2007, FICOU DECIDIDO UM RETORNO A ALDEIA PARA APROFUNDAR ALGUMAS QUESTÕES – ENTREVISTA REALIZADA NA ALDEIA BANANAL NO DIA 12 DE JANEIRO DE 2008:

ENTREVISTA AOS PROFESSORES INDÍGENAS TERENA DA ALDEIA BANANAL

1. Como se dava e como se dá à relação dos Terena com a natureza?
2. O que mudou nessa relação e por que mudou?
3. Esse problema dos recursos naturais é abordado na escola? Como é tratado?
4. O que tinha nas terras da Aldeia Bananal que hoje não tem mais?
5. Existe uma intermediação entre o pajé com o ambiente?
6. Existem elementos relacionados às práticas e ensinamentos dos pajés na educação ambiental da Aldeia Bananal?

ENTREVISTA PROFESSORA SONIA MARA MASSE

1. Tinha muita madeira nativa, havia muita conservação. Era harmônico, se cuidava, hoje existe nas casas, não existe muita preocupação.
2. Existia a preocupação dos mais antigos pela conservação, hoje a indústria fala mais alto.
3. Sim, na área que trabalha, através de desenhos, vídeos, histórias, passeios ao redor da escola, na aldeia.
4. Tinha plantas frutíferas e grandes roçados, até mandioca é difícil. Milho, cará, abóbora em pequena quantidade.
5. É difícil de encontrá-los, mas tem um contato muito grande com a energia da natureza, as plantas, flores, frutas, etc.
6. Pouco, por que as pessoas não acreditam muito, pois a maioria é evangélica.

ENTREVISTA PROFESSOR ALVIZURE GONÇALVES

1. Com a natureza, desde pequeno o pai sempre se importou, mesmo sem ter a noção da importância da preservação, de que deveria estar cuidando do meio ambiente. Das plantas, das roças e dos animais. Hoje se perdeu um pouco.
2. Mudou porque o desmatamento e a maior parte da área ficaram a as fazendas e usam o desmatamento para formar pasto. Antigamente plantava arroz para se comer e hoje não.
3. Sim, faz parte da grade curricular. Através de como preservar, reciclagem, água, tratamento de lixo, com aulas práticas mostrando o redor da escola.
4. A caça, a pesca, as grandes plantações, frutas nativas que diminuíram e algumas até sumiram.
5. Existe sim, eles trabalham com elementos da natureza, chocalho, porunga. Hoje é meio reduzido, por causa da presença dos médicos, a própria religião que não permite, é contrário por questões bíblicas. Existe o conflito de idéias. Mas é importante preservar a questão da pajelança.
6. Existe sim, Nossos pais sempre se preocuparam com a preservação, sem ter a noção da preservação e sempre se importaram com a continuidade da preservação. Seus ensinamentos se relacionam com as práticas educativas da escola.

ENTREVISTA PROFESSORA ANA LÚCIA DA SILVA

1. Hoje algumas pessoas plantam para preservar o que existia, mais árvores para não ficar sem. Árvores frutíferas para conservá-las, flores, roças pequenas para subsistência.
2. Com medo de não ter no futuro, as árvores, flores e frutos, começaram a procurar conservar o que existia e plantar para conservar. Algumas pessoas ainda fazem isso hoje em dia.
3. Sim, convidando as crianças para conhecer e cuidar das plantas, árvores frutíferas e flores.
4. Grandes roçados, hoje, só pequenos. Frutas que não são tão abundantes. Que existe em maior proporção em outras aldeias e outras não.
5. Sim, ele tem mais contato com a natureza, mais proteção as pessoas, procura remédios na natureza. Conhece as plantas e flores.
6. Algumas partes sim. Pelo conhecimento da natureza. Minha mãe (Dona Miguelina da Silva, tem o nome indígena AMIPÈ, que significa lutadora, sua mãe também era pajé, Dona Maurícia Constantino que então repassou a pajelança e o nome a sua mãe) é pajé e sempre que é convidada faz apresentações de sua pajelança, já esteve até na sede da ONU em reunião com várias etnias diferentes do mundo todo e fez apresentação aos povos indígenas participantes, como Pajé espiritualista. As pessoas procuram remédios, benzeções. Ana Lúcia possui o nome: Xiri-xiri, que significa beija-flor.

ENTREVISTA PROFESSORA GEISA CÂNDIDO DA SILVA

1. Principalmente na aldeia, harmonia com as plantas, antigamente fazia roça de milho, com enxada, com poucos materiais. Hoje espera sementes e se compra tudo. Era bem diferente, tinha tudo, hoje compra tudo. Há o respeito pela natureza, cuidam com amor as coisas que a natureza proporciona.
2. Até para nossos pais cozinham eles utilizavam tudo da natureza: roça, caça, pesca e hoje a roça não dá mais. Fica esperando maquinários, a terra não é mais produtiva. A terra ficou fraca. Clima está complicado, mês de setembro planta arroz e com a seca não dá mais para plantar. Perde a época da plantação.
3. Sim, mostrando as crianças sobre a terra, o trabalho com a terra, maquinários, fazendo maquetes, ensinando como planta, como colhe.
4. Quando morava com a avó, quando era criança, ela plantava cará, servia de alimento a todos. Hoje não existe mais. Muitas bananeiras, mandioca pouco se vê. Batata doce também diminuiu. Devido à falta de incentivo aos netos de se plantar e a facilidade da vida moderna, para comprar.
5. Existe, lembro que a avó de seu pai contava que conversava com a árvore e falava as coisas com a árvore, para chamar chuva, para cuidar das árvores, só que existe uma árvore específica para isso, não é qualquer uma. O que se derruba, deve-se plantar. Na época da colheita conversa com a árvore fazendo pedidos e agradecimentos.
6. É evangélica e não tem muito entendimento. Só sabe que ele conhece a natureza e sempre agradece a natureza pelas benfeitorias. Eles conhecem todas as plantas.

ENTREVISTA PROFESSOR GERAMEHEL GERONIMO

1. De forma harmoniosa, vivendo em paz, tranquilos, conforme o passar dos tempos já muda, alguns aspectos. Nesse momento passamos por algumas transformações, com o desequilíbrio com a natureza, poluição e a extinção dos animais.
2. Antigamente a terra produzia bastante para o nosso sustento, hoje as plantas já não produzem tanto. Por causa da mudança climática, falta de chuva.
3. Sim, na área de ciências. Mostrando aos alunos a realidade da região. Utilizando livros e a própria natureza.
4. Mais plantas, mais animais, água, riachos. Hoje não tem mais riachos, animais e existem poucas árvores.
5. Existe, a força da natureza que o ajuda em seus pedidos, a crença também. Pois ele tem o conhecimento das plantas medicinais.
6. Existe, o conhecimento das plantas. Conservação do ambiente e a tradição.

ENTREVISTA PROFESSORA CELMA FRANCELINO FIALHO

1. Os Terena moravam na natureza e viviam da natureza, tudo era muito harmônico, hoje eles vivem na natureza, na aldeia sem os recursos naturais que existiam.
2. Não tem mais os recursos naturais, atualmente é tudo comprado, antigamente produzia na aldeia. Mudou por que devido à própria transformação da sociedade, devido à globalização, não atem como não acompanhar a evolução.
3. Sim, através da conscientização, com trabalhos, projetos com os professores.
4. Plantações, roças, poços que secaram córregos e lagoas.
5. Sim, não chegou a participar. Nasceu no meio cristão e não tem noção desses acontecimentos.
6. Não tem conhecimento, pois participa da Igreja Missionária Jerusalém Avivamento.

ENTREVISTA PROFESSORA ELINÉIA LUIZ PAES

1. Havia muita plantação, caça, se alimentavam de peixe à vontade, tinha plantações. Hoje os fazendeiros fecham as cercas e eles não chegam ao rio, às vezes até roças as guaviras que eles pegavam. Remédios naturais, plantações, não havia dinheiro e era tudo natural. Até material para artesanato era a vontade. Hoje já é diferente não tem o acesso à natureza, é mais limitado.
2. Não existe o contato pleno com a natureza, o contato é mais limitado devido a própria evolução do homem em seu relacionamento com a natureza.
3. Sim, na arte e na cultura, com elementos da natureza, tais como: sementes, folhas, frutos, ervas, buscando resgatar a cultura indígena.
4. Árvores de maneira geral: para fazer casa, para comer frutas, caça, pesca, o rio faz parte da área de fazendeiros, animais como o tatu, cotia, veado, etc. Fazer a casa de capim, hoje não tem mais, é obrigado então a comprar materiais de construção.
5. Existe, a força deles vêm da natureza, em seus ritos, músicas, seus remédios naturais, benzeções, a porunga utilizada nos rituais. Em tudo é utilizada a natureza.
6. Sim, tudo o que ele faz é da natureza, ele tira da natureza e repassa aos patrícios esses ensinamentos. Sempre existe um intermediário entre eles (tradutor, quando não se fala a língua Terena), esse intermediário repassa as recomendações do pajé, quando se fala na língua Terena.